

**AS CONTRIBUIÇÕES DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E  
COMUNICAÇÃO NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA DA EDUCAÇÃO  
BÁSICA – UM ESTUDO DE CASO NO CONTEXTO DE UMA ESCOLA  
PÚBLICA DA CIDADE DE CAMPOS DOS GOYTACAZES**

**JANETE ARACI DO ESPÍRITO SANTO**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE  
DARCY RIBEIRO – UENF  
CAMPOS DOS GOYTACAZES – RJ  
MARÇO – 2013**

**AS CONTRIBUIÇÕES DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E  
COMUNICAÇÃO NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA DA EDUCAÇÃO  
BÁSICA – UM ESTUDO DE CASO NO CONTEXTO DE UMA ESCOLA  
PÚBLICA DA CIDADE DE CAMPOS DOS GOYTACAZES**

**JANETE ARACI DO ESPÍRITO SANTO**

**Dissertação apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação em Cognição e Linguagem do  
Centro de Ciências do Homem, da  
Universidade Estadual do Norte Fluminense,  
como parte das exigências para a obtenção do  
título de Mestre em Cognição e Linguagem.**

**Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Bianka Pires André  
Coorientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eliana Crispim  
França Luquetti**

**CAMPOS DOS GOYTACAZES – RJ  
MARÇO – 2013**

**AS CONTRIBUIÇÕES DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E  
COMUNICAÇÃO NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA DA EDUCAÇÃO  
BÁSICA – UM ESTUDO DE CASO NO CONTEXTO DE UMA ESCOLA  
PÚBLICA DA CIDADE DE CAMPOS DOS GOYTACAZES**

JANETE ARACI DO ESPÍRITO SANTO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem do Centro de Ciências do Homem, da Universidade Estadual do Norte Fluminense, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Cognição e Linguagem.

Aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2013.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Rodrigo Anido Lira (Doutorado em Sociologia Política – UENF)  
Universidade Cândido Mendes.

---

Prof. Dr. Sérgio Arruda de Moura (Doutorado em Letras – UFRJ)  
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eliana Crispim França Luquetti (Doutorado em Linguística – UFRJ)  
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF  
(Coorientadora)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Bianka Pires André (Doutorado em Educação – Universitat de Barcelona)  
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF  
(Orientadora)

Às minhas filhas: Luana, Bianca e Ariane, ao meu neto Caetano e ao meu esposo Celso, pessoas que eu amo muito. Este trabalho é resultado de muita compreensão, apoio e companheirismo de vocês. Obrigada por estarem sempre do meu lado, pacientes, ouvindo minhas lamúrias, colaborando com sugestões e apoiando em minhas decisões.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço a Deus por estar sempre me amparando em todos os momentos, dando-me força e sabedoria para buscar, produzir e construir as bases do conhecimento e de galgar mais uma etapa da minha vida.

À professora, orientadora e amiga Dr<sup>a</sup> Bianka Pires André, por toda dedicação, competência, compreensão e apoio que me proporcionaram crescimento e superação.

À minha coorientadora Dr<sup>a</sup> Eliana Crispim F. Luquetti, pela força e carinho nos momentos de dificuldades.

Aos demais professores do CCH: Dr. Carlos Henrique Medeiros, Dr. Sérgio Arruda de Moura e Dr. Gerson Tavares do Carmo, profissionais que ficarão eternamente em minha memória, pela disponibilidade e gentil colaboração que permitiram a concretização deste estudo.

Ao Secretário do LEEL Antônio Gabriel Barreto Gomes, pelas palavras de apoio, otimismo e incentivo a mim dispensadas.

Às amigas: Karine Lobo Castelano e Jaqueline Maria de Almeida, pelo carinho, paciência, companheirismo e ajuda nos momentos de dúvidas.

Agradeço, enfim, a todos os que contribuíram para a realização deste trabalho e da concretização deste grande sonho da minha trajetória acadêmica.

Terminada a última guerra mundial foi encontrada, num campo de concentração nazista, a seguinte mensagem dirigida aos professores:

*"Prezado Professor,*

*Sou sobrevivente de um campo de concentração. Meus olhos viram o que nenhum homem deveria ver. Câmaras de gás construídas por engenheiros formados.*

*Crianças envenenadas por médicos diplomados. Recém-nascidos mortos por enfermeiras treinadas. Mulheres e bebês fuzilados e queimados por graduados de colégios e universidades.*

*Assim, tenho minhas suspeitas sobre a Educação. Meu pedido é: ajude seus alunos a tornarem-se humanos.*

*Seus esforços nunca deverão produzir monstros treinados ou psicopatas hábeis.*

*Ler, escrever e aritmética só são importantes para fazer nossas crianças mais humanas.*

“Ladislau Dowbor” (março de 2001).

## RESUMO

O presente trabalho buscou analisar as contribuições que o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação - TIC's pode trazer para o ensino de Língua Portuguesa aos estudantes que usam o computador conectado à *Internet* e como estes recursos digitais podem ser utilizados visando a um ensino de leitura mais crítico e a uma produção de texto mais contextualizada. Para esta análise fez-se, primeiramente, um trabalho exploratório na escola com o objetivo de perceber como os profissionais da educação veem esse novo processo de mudanças na Educação; se a escola está preparada para atender as exigências de um ensino moldado em metodologias modernas; se os professores de Língua Portuguesa utilizam as TIC's de forma integrada à sua prática pedagógica. Com base nestes primeiros estudos, observou-se que os resultados obtidos não poderiam servir como suportes para atender o objetivo principal da pesquisa, pois os professores não utilizavam as novas tecnologias como auxílio em suas práticas pedagógicas. Optou-se, então, por buscar respostas para as questões expostas, fora da sala de aula. Investigou-se, no segundo momento, a frequência do aluno no uso da *Internet*; para quais finalidades estes alunos usavam estes recursos; onde usavam; e através de dois textos aplicados buscou-se observar como estes alunos estavam sendo auxiliados pelas novas tecnologias, no aprendizado da leitura, escrita e compreensão de textos. Como marco referencial, foram escolhidos autores/pesquisadores importantes que vêm tecendo posicionamentos pertinentes às questões abordadas neste estudo como Possenti (1987), Vygotsky (1988), Leal (1997), Sancho (1998), Lévy (1998), Tajra (1998), Sacristán (2000), Paulino (2001), Perrenoud (2001), Marc Prensky (2001), Kleiman (2001), Chartier (2002), Libâneo (2003), Marcuschi (2009), Demo (2009), Moran (2010), entre outros. O estudo foi feito em uma turma de 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública da cidade de Campos dos Goytacazes/RJ. Recorreu-se à pesquisa qualitativa por ela possuir caráter exploratório, descritivo, indutivo e envolver técnicas como análise de dados secundários, questionários, entre outros com relevância de dados quantitativos. Para coleta de dados, buscou-se suporte em procedimentos/instrumentos como entrevista à diretora, questionários a professores e alunos, observações sistemáticas e aplicações de atividades aos alunos da referida turma. O estudo concluiu que os problemas encontrados nas novas formas de escrita nos ambientes virtuais, não comprometem o uso da linguagem padrão e, que, apesar dos alunos possuírem computador e celular e saberem utilizá-los, não se pode afirmar que estes fatores possam contribuir para a aprendizagem de língua portuguesa, pois de acordo com as pesquisas, o aluno não sabia onde e quando usar os diferentes tipos de linguagem. Sendo assim, reforçou-se a necessidade de se fazer um trabalho paralelo (língua digital e língua padrão) dentro das escolas e especificamente nas aulas de língua portuguesa com o objetivo de unirem estes dois espaços de ensino em que os alunos estão vivendo, para discutir, refletir e direcioná-los na busca do aprendizado necessário para a sua inserção neste mundo da “Era Tecnológica”.

Palavras-chave: Língua Portuguesa - Tecnologia da Informação - Educação

## ABSTRACT

This study aimed at analyzing the contributions that the use of Information and Communication Technologies - TICs can bring to the teaching of the Portuguese language to students who use the computer connected to the Internet and how these digital resources can be used to target a teaching of a more critical reading and the production of more contextualised texts. For this analysis first an exploratory study at school was done, in order to see how the school sees this new process of change in education if the school is prepared to meet the demands of a modern teaching methodologies shaped if the Portuguese Language teachers use TICs in an integrated way in their teaching. Based on these early studies, it was observed that the results could not serve as supports to meet the main goal of the research, because the teachers did not use the new technology as an aid in their teaching practices. We decided then to seek answers to the questions above outside the classroom. We investigated, in the second time, the student's frequency on the Internet use; purposes for which these students used these resources, where they were using it, and we attempted to observe how these students were being aided by new technologies, in the reading, writing and comprehension learning through two texts applied. As a frame of reference, were chosen authors/researchers who have observed important positions which are relevant to the issues addressed in this paper like Possenti (1987), Vygotsky (1988), Leal (1997), Sancho (1998), Lévy (1998), Tajra (1998), Sacristan (2000), Pauline (2001), Perrenoud (2001), Marc Prensky (2001), Kleiman (2001), Chartier (2002), Libâneo (2003), Marcuschi (2009), Demo (2009), Moran (2010) among others. The study was done in a class of the 9th grade of a public elementary school from the city of Campos dos Goytacazes/RJ. We resorted to qualitative research for its own exploratory, descriptive, inductive nature and because it involves techniques such as secondary data analysis, questionnaires, and other relevant quantitative data. For data collection aimed to support procedures/instruments as the director interview, questionnaires to teachers and students, systematic observations and applications of activities for students of the said class. The study concluded that the problems found in the new forms of writing in virtual environments do not compromise the use of the standard language, and that despite students have a computer and cell phone and know how to use them, we can not state that these factors may contribute to the learning of the Portuguese language, because according to the research the student did not know where and when to use the different types of language. Thus, this research reinforced the need to make a parallel work (digital language and standard language) within schools and specifically in the Portuguese language classes in order to unite these two teaching spaces where students are living, to discuss, reflect and direct them in the pursuit of learning required for their insertion in this world named "Technological Era."

Keywords: Portuguese Language - Information Technology - Education



## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ASCII – American Standard Code for Information Interchange  
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior  
CD – Compact Disc  
DVD – Digital Versatile Disc,  
EDUCOM – Educação com computadores  
ESEBA – Escola de Educação Básica  
FE – Fórum Eletrônico  
FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação  
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica  
ISO – Organização Internacional de Normatização.  
L.P. – Língua Portuguesa  
MEC – Ministério da educação  
MSN – Microsoft Service Network  
NT – Novas Tecnologias  
NTIC's – Novas Tecnologias da Informação e Comunicação  
ONG – Organização não Governamental  
PCN's – Parâmetros Curriculares Nacionais  
PDE – Plano de Desenvolvimento da Educação  
PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência  
PROINFO - Programa Nacional de Tecnologia Educacional  
TIC's – Tecnologias da Informação e Comunicação  
UFU – Universidade Federal de Uberlândia  
VHS – Video Home System

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Gráfico 1</b> – Denominação das gerações .....	69
<b>Figura 1</b> – A internet no cérebro .....	72
<b>Figura 2</b> – Aluno Caíque de S. (14 anos).....	99
<b>Figura 3</b> – Aluno Luiz P. (15 anos) .....	100
<b>Figura 4</b> – Aluno Valdeci P. (14 anos) .....	103
<b>Figura 5</b> – Aluna Rosali T. (16 anos).....	104
<b>Figura 6</b> – Aluno Yago C. (14 anos).....	104
<b>Figura 7</b> – Aluna Talita C. (15 anos) .....	105
<b>Figura 8</b> – Aluno Luiz P. (15 anos) .....	106
<b>Figura 9</b> – Aluno Rony M. (16 anos).....	107
<b>Figura 10</b> – Caligrafia do aluno Vinícius H. (16 anos).....	108
<b>Quadro 1</b> – Expressões abreviadas utilizadas no espaço virtual .....	79
<b>Quadro 2</b> – Exemplos de <i>emoticons</i> .....	80
<b>Quadro 3</b> – Médias de Língua Portuguesa.....	95
<b>Quadro 4</b> – Demonstrativo de conceitos.....	96

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Média de Língua Portuguesa dos alunos – 2º trimestre .....	95
<b>Tabela 2</b> – Notas das atividades com textos com linguagem padrão: “Órfãos da Colheita”	98
<b>Tabela 3</b> – Notas das atividades com texto com linguagem digital - “Papu Kabessa” .....	102

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
<b>1. A HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL: CHOQUE CULTURAL</b> .....	<b>17</b>
1.1 A língua como identidade social .....	20
1.2 O ensino de português na escola .....	23
1.3 Os tipos de ensino da língua materna.....	28
1.4 Os objetivos do ensino da língua.....	30
1.5 As concepções de ensino da língua portuguesa segundo os PCN's.....	32
1.6 As habilidades e competências desenvolvidas no ensino de Língua Portuguesa.....	33
<b>2 ALGUNS ESTUDOS SOBRE O USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM</b> .....	<b>36</b>
2.1 O Ensino de Língua Portuguesa, Literatura e as Novas Tecnologias .....	36
2.2 O ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa mediante as novas tecnologias .....	38
2.3 A Inovação Tecnológica como Recurso Didático no Ensino Aprendizagem da Língua Portuguesa.....	40
<b>3 AS NOVAS PERSPECTIVAS DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA</b> .....	<b>43</b>
3.1 Educação e Tecnologia: uma nova proposta para o ensino-aprendizagem.....	46
3.2 A Educação na Era Tecnológica .....	48
3.2.1 Uma nova aliada à ação pedagógica: a indústria cultural .....	51
3.3 A presença das TIC's no cotidiano atual.....	52
3.4 A integração das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) na educação sob a luz de alguns autores.....	56
3.5 O Uso das TIC's no ensino-aprendizagem.....	61
3.5.1 A Evolução dos recursos didáticos .....	63
3.5.2 O perfil do aluno na “Idade Mídia” .....	69
3.6 Novas caracterizações: leitura, leitor e texto.....	74
3.7 Internetês: a linguagem escrita nos ambientes virtuais .....	79
3.8 A leitura no ciberespaço: informação e aprendizagem .....	84
3.9 Gêneros digitais: novas contribuições para o ensino da língua.....	85
<b>4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DE DADOS</b> .....	<b>90</b>
4.1 Características da instituição pesquisada .....	92
4.2 Constituição da amostra e análise dos dados .....	93
<b>CONCLUSÕES</b> .....	<b>110</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>114</b>
Anexo 1 - Roteiro de entrevista à Diretora - (Fase exploratória).....	124
Anexo 2 - Questionário do Professor - (Fase exploratória).....	127
Anexo 3 - Questionário do aluno - (Fase exploratória).....	129
Anexo 4 - Questionário biográfico - (alunos do 9º ano) .....	132
Anexo 5 - Trabalho de compreensão textual - “Órfãos da colheita” .....	134
Anexo 6 - Trabalho de compreensão textual - “Papu kabessa” .....	136

## INTRODUÇÃO

O século XXI exige cada vez mais da sociedade o uso intensivo do conhecimento para o trabalho, convivência, exercício da cidadania ou para o cuidado do ambiente em que se vive. Como produto da revolução tecnológica que se acelerou na segunda metade do século XX e dos processos políticos que delinearão as relações mundiais, essa sociedade sofre um novo tipo de desigualdade ou exclusão, quando comparado ao uso das tecnologias de comunicação que hoje envolve todos os meios em busca de conhecimento e de bens culturais. Esta sociedade atual chamada de “sociedade da informação” ou “sociedade do conhecimento”, a qual as Tecnologias da Informação e Comunicação - TIC's lideram, já faz parte de nossas vidas.

O uso dessas novas tecnologias no ambiente escolar aponta para uma evolução dos tradicionais métodos de ensino, pois a necessidade dessas novas ferramentas impõe aos profissionais da educação rever a função da escola na era da informação, bem como buscar propostas metodológicas para o uso das TIC's como recursos do processo ensino/aprendizagem. Por isso, é de grande relevância esta pesquisa no sentido de identificar os elementos que contribuem para a construção do novo perfil dos sujeitos que precisam estar preparados para viver num mundo provido de novas ferramentas tecnológicas.

Nota-se também, que a preocupação com o ensino da língua materna está ocupando cada vez mais espaço nas discussões acerca do processo de ensino/aprendizagem desta disciplina. Professores relatam que os alunos não gostam de ler e nem de escrever e conseqüentemente, leem e escrevem mal. Evasão escolar, reprovações na disciplina, dificuldades com a escrita, deficiência na interpretação e leitura, preconceito linguístico, resistência às regras gramaticais, velhas concepções de linguagem são alguns dos fenômenos detectados nestas discussões.

Portanto, muitos linguistas e profissionais ligados à pesquisa e ao ensino de Língua Portuguesa têm desenvolvido pesquisas e projetos de ensino com o objetivo de propor soluções e apresentar subsídios teóricos e práticos que contribuam para o aperfeiçoamento da prática pedagógica no ensino da nossa língua, procurando também contribuir, de forma intensa e decisiva, na formulação de novas teorias que auxiliam nas práticas pedagógicas no sentido de uma maior integração entre a escola, os docentes, os discentes e a sociedade como um todo.

O objetivo deste trabalho é verificar as Contribuições das TIC's – Tecnologias da Informação e Comunicação no Ensino de Língua Portuguesa da Educação Básica em uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental, analisando se os alunos que dominam as TIC's são favorecidos no processo de ensino-aprendizagem da leitura, escrita e compreensão de textos.

Nossa expectativa é que os resultados confirmem que o ato de ler assume realmente um papel importante para um melhor desenvolvimento da compreensão textual e por isso acreditamos que o uso das novas tecnologias na escola tende a contribuir para o prazer de aprender, garantindo melhores resultados na aprendizagem, pois a interação direta do indivíduo com o mundo faz com que professor e aluno possam ser construtores de seu próprio conhecimento, buscando a superação das velhas metodologias, instrumentalizados pela tecnologia inovadora como uma ferramenta imprescindível para que o meio educacional esteja em sintonia com a época em que estamos vivendo.

Contudo, temos em diversas áreas de conhecimento, variadas possibilidades de utilizar as novas tecnologias a favor de um ensino mais colaborativo, onde o aluno e professor possam aprender e construir o saber de forma mediada e interativa. Assim, visando à proposta desta pesquisa, acreditamos que com a utilização do computador nas aulas de Língua Portuguesa há a possibilidade de produzir textos, pesquisar na Internet e ter acesso a dados e informações que sem dúvida alguma trarão discussões e permitirão a aprendizagem e interação na sala de aula.

É válido ressaltar que, apesar dos grandes esforços e das eminentes contribuições desses estudiosos e profissionais, o aprofundamento desses estudos ainda é muito carente de uma postura mais ampla e abrangente para se alcançar resultados mais significativos, individuais e coletivos.

Sendo assim, propusemos neste trabalho apresentar algumas discussões e reflexões acerca das contribuições das TIC's para a aprendizagem de Língua Portuguesa dos alunos de uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental a fim de verificar de que forma as novas tecnologias podem auxiliar para o redimensionamento do ensino e da aprendizagem da língua e teceremos ainda, algumas considerações acerca da influência das TIC's no cotidiano dos alunos, a partir de um estudo feito em uma escola pública da cidade de Campos dos Goytacazes/RJ.

A metodologia utilizou-se de uma análise exploratória através de entrevistas, questionários e aplicação de trabalhos escritos, amparados e validados conforme normas sugeridas por autores como Gil (1999) e Mattar (1994), que apontam recomendações a

respeito da aplicação de questionários, com sugestões de tarefas e cuidados a serem tomados para que este instrumento de coleta de dados tenha eficácia nos resultados dos objetivos propostos.

Este trabalho está estruturado em seis partes. Após esta introdução, são apresentadas na primeira parte, conjecturas voltadas à história e ao ensino e à aprendizagem da Língua Portuguesa; às abordagens de ensino e os tipos de interação existentes nessas modalidades; e à sua importância na vida do homem.

Na segunda parte, são apresentados três trabalhos concluídos por alunos de mestrado de diferentes instituições, com o intuito de observar como as inovações tecnológicas da informação surgem no cenário educacional e suas interferências na língua oral e escrita e no trabalho docente.

Na terceira parte deste trabalho propõe-se delinear algumas perspectivas para o ensino da Língua Portuguesa, considerando as novas caracterizações do sujeito diante deste mundo, denominado “sociedade do conhecimento” e as influências das redes sociais digitais no processo de ensino-aprendizagem e observa-se, também, através de alguns autores, a presença inevitável das TIC’s nos mais variados meios sociais e a necessidade de sua inserção, também no espaço educacional.

Na quarta parte, apresenta-se a metodologia utilizada para este estudo, constituição da amostra, instituição e participantes, técnicas e instrumentos de coleta de dados. Em seguida são apresentados os procedimentos de análise e tabulação de dados coletados na entrevista, questionários e textos trabalhados na escola nos anos de 2011 e 2012.

Ao final, são expostas as conclusões referentes à pesquisa, em que busca reflexões sobre as contribuições destes novos recursos tecnológicos no ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa.

Para iniciar o trabalho, foi feito um estudo exploratório na escola escolhida, no intuito de saber como os profissionais da educação veem esse novo processo de mudanças na Educação; se a escola possui laboratórios de informática com capacidade de atender professores e alunos; se os professores estão preparados para atender essa nova política de ensino voltado para uma nova proposta de acordo com as necessidades do momento atual; e como os alunos avaliam as aulas dos seus professores com ou sem o uso das TIC’s.

Diante dos resultados do estudo exploratório, considerando que os professores da referida escola não trabalhavam com o auxílio das novas ferramentas, o trabalho direcionou-se às questões voltadas para o aprendizado do aluno fora da sala de aula, a fim de verificar

como estes sujeitos, nativos da sociedade da informação, estão sendo auxiliados pelas novas tecnologias, no contexto da leitura, escrita e compreensão de textos.

Para essa análise utilizou-se os pressupostos teóricos do uso das TIC's na educação e no ensino da Língua Portuguesa, assim como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) e as perspectivas na Educação na atualidade e valem-nos dos autores como Possenti (1987), Vygotsky (1988), Sancho (1998), Lévy (1999), Sacristán (2000), Moran (2000), Perrenoud (2000), Libâneo (2003), Dowbor (2005), Barreto (2006), Marcuschi (2009), dentre outros, que proferem a utilização das tecnologias como ferramentas imprescindíveis nos trabalhos pedagógicos, com o intuito de salientar a necessidade de esses elementos estarem presentes de forma dinâmica e coerente no processo de ensino da língua materna, refletindo as transformações sociais, culturais e econômicas do país.



## 1 A HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL: CHOQUE CULTURAL

Sabe-se que a Língua Portuguesa no Brasil tem sua origem no século XVI, quando Pedro Álvares Cabral chegou às nossas terras trazendo sua língua natural e encontrando aqui, segundo Antônio Houaiss (1985), cerca de 1500 línguas indígenas.

É difícil redimensionar o choque cultural ocorrido com a chegada dos europeus no Brasil neste século. E o que mais contribuiu para esse choque de culturas, foi o idioma trazido pelos colonizadores que encontrou aqui uma grande resistência dos nativos, que falavam o Tupi, entre muitas outras línguas. Para catequizar os nativos ou fazer negociações, os missionários tiveram de aprender o falar dos índios.

De acordo com o histórico do ensino da língua naquela ocasião, percebe-se que durante as missões jesuíticas houve uma tentativa de se trabalhar e aperfeiçoar a gramática indígena, o que incentivou José de Anchieta (1595) a escrever *Arte da Gramática*. A partir da língua Tupi uma língua geral, comum a índios, colonizadores e catequizadores foi criada e documentada pelos jesuítas para a catequização dos povos indígenas.

Em 1538, começam a chegar os escravos dando início a uma nova etapa da formação da nacionalidade e sociedade brasileira, o que pode explicar a difusão e a implantação da Língua Portuguesa no Brasil, reconstruída pela história de seus falantes. Com a intensificação do tráfico desses escravos por várias regiões do país, no século XIX, os negros acabaram aprendendo o português, para se comunicar com os seus senhores. Segundo o linguista Mattoso Câmara Jr os escravos chegaram a desenvolver um português crioulo<sup>1</sup>, mas acabaram por se adaptar à língua geral de origem indígena, que continuava a ser a mais falada entre os colonos.

Durante muito tempo a Língua Portuguesa e Língua Tupi viveram lado a lado como línguas de comunicação. Os bandeirantes utilizavam a Língua Tupi para auxiliar em suas expedições e a Língua Portuguesa era manejada de forma imperfeita pelas populações indígenas, africanas e mestiças, mas o número de colonizadores foi aumentando e a língua portuguesa foi conseguindo dominar a chamada língua geral (Tupi e Português mesclados), até tornar-se língua padrão (mais tarde a língua geral foi extinta por decreto do Marquês de Pombal).

---

<sup>1</sup> Os crioulos são línguas naturais, de formação rápida, criadas pela necessidade de expressão e comunicação plena entre indivíduos inseridos em comunidades multilíngues relativamente estáveis.

A partir do século XVIII, o tráfico dos negros africanos cessou, os índios se diluíram na grande mestiçagem brasileira, e as vindas maciças de imigrantes europeus contribuíram para “branquear” o Brasil, fazendo com que em duas gerações os novos habitantes aculturassem-se e fundissem-se na sociedade brasileira. Tal fato deu origem à tão falada diversidade brasileira, acrescida com a vinda dos imigrantes alemães, italianos, poloneses, mais tarde os árabes, japoneses entre outros que aqui chegaram para contribuir na criação de novas cores e costumes deste enorme país. Assim, a língua portuguesa, por sua vez, foi se modificando ao receber as contribuições lexicais de outros povos como o indígena, o africano e outras nações europeias (BAGNO, 2009).

Com a independência cria-se a Primeira Constituição e o ensino torna-se universal e obrigatório, fazendo entrar em cena a norma padrão linguística como preocupação da elite brasileira em culturalizar o país.

Como destaca Silva (2004),

É certamente no entrecuzar e de variantes localizadas menos ou mais interferidas por marcas indígenas e/ou africanas, de variantes mais ou menos africanizadas ou menos ou mais aportuguesadas que se definem e emergem os traços característicos do português brasileiro, língua nacional. (SILVA, 2004, p.24)

Em 1826, segundo Silva Neto (1950), o deputado José Clemente propôs que os diplomas dos médicos no Brasil fossem redigidos em "língua brasileira". No ano seguinte discutiu-se muito sobre o fato de que os professores deveriam ensinar a ler e a escrever utilizando a gramática da língua nacional, portanto, a Língua Portuguesa no Brasil, que já era língua oficial do Estado, língua do colonizador, transforma agora em língua da nação brasileira. Tem-se aí constituída a sobreposição da *língua oficial*.

A partir deste evento, os estudos do uso da língua tomam espaços importantes tanto na literatura quanto na constituição de um conhecimento brasileiro sobre a Língua Portuguesa no Brasil. É a partir desta época que os escritores brasileiros tiveram seus dicionários e suas gramáticas legitimadas para o ensino da língua materna. Assim, historicamente cria-se no Brasil o sentido de apropriação da Língua Portuguesa enquanto uma língua caracterizada brasileira.

Em seguida, surge o início das relações entre a Língua Portuguesa e as línguas de imigrantes, com a vinda para o Brasil de alemães para Ilhéus (1818) e Nova Friburgo (1820), momento este, muito particular na passagem do século XIX para o XX (1880-1930).

Entraram no Brasil, desde então, falantes de alemão, italiano, japonês, coreano, holandês, inglês e assim, o Brasil passou a ter, em torno da língua oficial, duas relações distintas: as línguas indígenas (num certo sentido as línguas africanas dos descendentes de escravos) e as línguas de imigração. Essa diferença não quer dizer que eram as mesmas línguas indígenas que já existiam no Brasil na chegada dos portugueses e as línguas de imigração que vieram depois. A diferença é que as línguas indígenas e africanas entram na relação como línguas de povos considerados primitivos ou a serem civilizados (no caso dos índios) ou escravizados (no caso dos negros). Isso quer dizer que não houve lugar para essas línguas e seus falantes. Línguas e seus falantes entram no Brasil, amparados pelo governo, com o objetivo de desenvolver o país. E estas línguas que vinham com os imigrantes eram línguas nacionais ou oficiais nos seus países de origem e legitimadas no conjunto global das relações de línguas, diferentemente das línguas indígenas e africanas. Eram línguas de povos considerados civilizados, em oposição às línguas indígenas e africanas.

O português, por ser a língua oficial do Brasil, é a língua de uso dos atos oficiais, da lei, do ensino e de uso em todo o território brasileiro. Mesmo convivendo com uma variedade de outras línguas, e mesmo os brasileiros tendo como maternas outras línguas, o português é considerado a língua materna de todos os brasileiros.

Como se pode perceber, a vinda da língua portuguesa não se constituiu em um só momento, mas sim nos vários momentos de constante relação com outras línguas. O mesmo aconteceu com o povoamento do Brasil que também se fez com a vinda de portugueses de várias regiões de Portugal e com eles, imigraram também, as diversas variedades do português de Portugal, que se instalaram em diferentes lugares do nosso país.

Desta forma, o português do Brasil vem, com o tempo, apresentando um conjunto de características normalmente não encontradas no português de Portugal, o que acontece também com o português de outras regiões do mundo. O mesmo pode-se considerar na língua escrita, onde se observa uma maior proximidade entre o português do Brasil e seu histórico de origem, e o português de outras regiões do mundo, com o português de Portugal, pois a língua escrita está submissa à normatização, através das gramáticas normativas, dicionários e outros instrumentos reguladores da língua, e na língua oral, o processo de variações se dá mais rapidamente.

Evidentemente, é preciso considerar como caracterização do português e como influência dessas diversas variações linguísticas, as várias divisões regionais, sociais e

históricas do Brasil, como mostram Emílio Pagotto e Eni Orlandi (2006, p.49-72), os aspectos discursivos envolvidos nessa questão.

### **1.1 A língua como identidade social**

Vários aspectos característicos diferenciam o ser humano dos animais, mas dentre eles o mais específico é a linguagem.

Segundo Glenn R. Morton (2000), a linguagem humana difere de todas as outras formas de comunicação animal por quatro razões:

- a) A primeira é pela sua capacidade de produzir uma grande variedade de pensamentos que diferem dos sistemas de comunicação dos animais, pois estes possuem cerca de quarenta diferentes manifestações apenas, enquanto uma criança de seis anos possui um armazenamento de 13.000 palavras;
- b) A segunda se dá pela capacidade de desenvolver sentenças para elaborar expressões complexas com artigos, preposições e outras categorias gramaticais;
- c) A terceira destaca-se no referencial simbólico que embasa a singularidade da linguagem humana, pois a palavra exprime um conceito e não realmente um objeto; e
- d) A última razão refere-se à diferença entre a estrutura do cérebro dos seres humanos e a estrutura do cérebro dos animais no que diz respeito à produção da linguagem. A parte do cérebro que os humanos utilizam para comunicação é distinta da que usam os animais. O ser humano tem a comunicação controlada pelo córtex cerebral esquerdo e o animal tem a comunicação controlada pelo sistema límbico e pela base do cérebro.

Outra diferença entre os cérebros dos humanos e dos animais é o tamanho da área de broca, associada com a fala, no cérebro humano ela tem um tamanho maior no lobo esquerdo.

Para os humanos, como a maior parte da comunicação envolve experiências e conceitos, o receptor interpretará do modo como seu cérebro relaciona a ideia com a forma:

- Objeto: coisas materiais e tangíveis, que possam ser vistas ou tocadas;
- Experiências: situações vividas, memórias. Duas pessoas têm experiência comum ao mesmo objeto, mas podem ter diferentes sentimentos sobre ele; e
- Conceitos: ideias, pensamentos, crenças, valores e representações do mundo.

Durante muitos anos, as concepções de língua/linguagem tem sido o centro das preocupações nas análises quando se refere à relação entre língua e cultura. Alguns linguistas

concebem a língua ora como causa ora como efeito da cultura. Tal discussão nos estimula e nos faz aproximar das várias concepções da língua e, sobretudo das muitas influências que estas concepções exercem no ensino da língua materna na escola.

A língua materna é reconhecida como elemento mediador que permite a nossa identificação, a comunicação com os outros e a descoberta e compreensão do mundo. Entendemos então, que a restrição da competência linguística nos impede de comunicar, de conhecer o mundo, limita nossa capacidade de criar, de conviver no meio social e de ter acesso à cultura, conforme afirma Antunes (2007),

A língua não pode ser vista tão simplesmente, como uma questão, apenas, de certo e errado, ou como um conjunto de palavras que pertencem a determinada classe e que se juntam para formar frases, à volta de um sujeito e de um predicado. A língua é muito mais do que isso tudo. É parte de nós mesmos, de nossa identidade cultural, histórica, social. É por meio dela que nos socializamos que interagimos que desenvolvemos nosso sentimento de pertencimento a um grupo, a uma comunidade. É a língua que nos faz sentir pertencendo a um espaço. É ela que confirma nossa declaração: Eu sou daqui. Falar, escutar, ler, escrever reafirma, cada vez, nossa condição de gente, de pessoa histórica, situada em um tempo e em um espaço. Além disso, a língua mexe com valores. Mobiliza crenças. Institui e reforça poderes. (ANTUNES, 2007, p.22)

Desde o início da vida, a criança começa a interagir com a sua língua, mesmo antes de aprender a falar, ao ouvir a conversa dos familiares ela já possui a vontade de falar, experimentar e descobrir o mundo ao seu redor. Assim, ela vai se formando como falante nativo de sua língua. É importante salientarmos sobre o monitoramento dos pais e professores como auxiliares e facilitadores de sua aprendizagem.

A língua é um instrumento privilegiado para a transmissão organizada de conhecimentos. A linguagem oral e a escrita produzem e reproduzem incessantemente novos e velhos significados, criando e recriando as sociedades, sejam elas tradicionais, sejam modernas. Ela é também a língua da história, das ciências e da educação.

O uso da língua é constituído de regras que se encontram abarcadas na *gramática*, envolvendo desde os padrões de formação das sílabas, passando pela formação de palavras até os níveis mais complexos de distribuição e arranjo das unidades para a constituição das frases e dos períodos. Não há língua sem gramática e não há gramática sem língua. Quando aprendemos a língua, inconscientemente, aprendemos junto, a gramática, mas por ser a língua uma atividade interativa, direcionada para a comunicação social, ela possui outro componente

relevante que é o léxico – que inclui o conjunto de palavras, ou o vocabulário, que entrecruza permanentemente com a gramática, como destaca Antunes (2007),

Este entrecruzamento faz com que o componente da gramática inclua regras que especificam a criação de novas unidades do léxico ou sua adaptação às especificidades morfológicas da língua, pela mobilização de seu estoque de radicais, prefixos e sufixos. (ANTUNES, 2007, p.40)

Há, ainda, a *composição de textos* – que inclui recursos de textualização; e uma *situação de interação* – que inclui normas sociais de atuação. Sendo assim, a língua apresenta não só como componentes a gramática e o léxico, seu uso está sujeito a diferentes tipos de regras e normas socioculturais.

Para a eficácia da comunicação, não basta saber apenas as regras gramaticais ou os identificadores lexicais, é necessário que, em cada situação saiba-se que tipo de vocabulário empregar, explorando corretamente as variedades lexicais, utilizando das diversas cadeias coesivas significativas na promoção da articulação do texto, não se esquecendo de observar os contextos de cada um dos usos das diferentes categorias de palavras. Todo esse exercício acerca da língua faz com que o falante seja o recriador de sua própria linguagem.

É necessário lembrar aqui, que as pessoas utilizam formas distintas da mesma língua. A estas mudanças no uso da língua estão vinculadas um determinado modo – tais como: região em que se vive, faixa etária distinta, grupos sociais diferentes, etc., a estas mudanças chamam-se de *variedades linguísticas*, as quais constituem as variações que um idioma qualquer apresenta, em função da condição social, cultural, histórica e regional em que um indivíduo o utiliza com o objetivo principal de promover a comunicação interativa e verdadeiramente efetiva entre as pessoas. Isso quer dizer que nenhuma língua tem seus padrões absolutamente fixos e invariáveis e que não existe uma variante que seja mais correta que outra. Para Antunes (2007), o que se pode dizer é que todas as variações linguísticas podem ser consideradas corretas, se respeitadas suas condições e adequações de uso. Apesar disso, a *variedade padrão* ou *norma culta* é a que possui maior destaque e prestígio social. A norma padrão é ensinada nas escolas e também utilizada na escrita oficial como livros, revistas, jornais, artigos científicos e acadêmicos, entre outros. As outras variantes como as regionais de fala (sotaque), de uso e de escolha vocabular e sintática, por exemplo, até os jargões e as gírias se configuram, de maneira genérica, como variedades *não padrão*.

A identidade do falante está atrelada à linguagem, e este processo se dá inconscientemente de acordo com as escolhas linguísticas do falante e estas escolhas estão

relacionadas às várias situações responsáveis pela constituição da identidade social e suas múltiplas funções assumidas por ele na comunidade da fala. Portanto é evidente que a linguagem é um importante elemento constituinte da nossa identidade, como ser social e evidentemente bom usuário da língua.

## **1.2 O ensino de português na escola**

O objetivo deste tópico é delinear os caminhos propostos para o ensino da Língua Portuguesa no espaço escolar.

O ensino da Língua Portuguesa, desde o início do processo de letramento escolar, vem sendo tema de discussão dos especialistas da área, que, evidentemente, centraram seus estudos e críticas segundo pressupostos e pontos de vista próprios às suas áreas de conhecimento, no intuito de preparar o aluno para lidar com a linguagem em suas diversas situações de uso e manifestações.

Possenti (1987, p.19) considera que qualquer pessoa, e principalmente a criança, aprende uma língua com muita facilidade, desde que esta pessoa esteja em constante contato com ela. E ressalta que “O papel da escola é o de ensinar a língua padrão, ou de criar condições para que isto aconteça”. É válido lembrar que ensinar uma língua para pessoas já falantes dela possibilita levá-las ao domínio efetivo e consistente das habilidades de leitura e escrita, audição e oralidade.

Portanto, não é difícil perceber que de acordo com a prática do ensino de Língua Portuguesa, o objetivo destas habilidades está bem distante de sua realização efetiva. Ao confrontar-se a escrita dos alunos com o padrão gramatical, verifica-se que há uma grande defasagem no aprendizado da língua, não apenas erros ortográficos ou de acentuação, mas ao deparar-se com textos escritos pelos alunos em final de Ensino Médio percebe-se uma perda considerável na relação semântica, sendo praticamente impossível resgatar elementos anafóricos, dêiticos, ou fazer as relações mais elementares de coerência.

Pode-se inferir que estes resultados sejam consequência de um ensino fragmentado e descontextualizado da língua portuguesa, com prioridade no ensino de gramática “pura” e exemplos distantes da realidade e da prática linguística dos alunos, fazendo com que estes recebam uma grande carga de informações que não acrescentam elementos que possam contribuir para o processo de aprendizagem. É necessário que os professores percebam que ao invés de insistirem nos recursos gramaticais distantes da realidade e da prática linguística

dos docentes, seria mais vantajoso focar o ensino de linguagem na escrita e na comunicação.

De umas duas décadas para cá, linguistas como Bagno (2009) e Marcuschi (2009), acrescentaram em seus debates uma contribuição crítica em relação ao modo como a escola trata o ensino de língua, apontando as fragilidades do ensino tradicional. Ao verificar as diferenças culturais e linguísticas dos novos alunos que se integraram à escola pública brasileira, os linguistas redirecionaram o debate a partir da inserção do tema da variação linguística e suas decorrências, tanto no domínio da gramática, quanto da funcionalidade das variantes.

Os estudiosos enfatizam suas críticas no ensino normativo da língua nas escolas brasileiras de forma desproporcional da transmissão das regras e conceitos presentes nas gramáticas tradicionais como o objeto principal de estudo, confundindo ensino de língua com o ensino de gramática e deixando de lado aspectos relevantes do ensino da língua materna como a leitura e a produção de texto. E ao enfatizarem o texto como objeto central do ensino, os pesquisadores estão implicitamente sugerindo outro entendimento do que vem a ser a língua, ou seja, o aprendizado com a língua se dá por meio do uso que se faz dela na interação (oral ou escrita) que se estabelece com o outro, seja ele real ou virtual. Mesmo considerando esta proposta positiva dos pesquisadores, não se pode esquecer que o estudo gramatical sugere um trabalho que se distancia do formal, incentivando a intuição do aluno com a linguagem, fazendo-se entender, nesse contexto, que basta exercitar a intuição e abandona-se totalmente o ensino de gramática. Se assim for verdade, também é verdade que esse modo de abordar a gramática não é suficiente quando se propõe a pensá-la não como um aglomerado dogmático e solidificado de regras e exceções, mas como o principal documento de consulta sobre um número grande de fatos da língua mais formal, oral e escrita.

É difícil concordar com a proposta de que o ensino de gramática, mesmo não sendo intencional, sugere a sua exclusão na escola, deve-se admitir que ela seja toda a base da normatização da linguagem-padrão falada e escrita, além de fornecer uma metalinguagem muito útil no que se referem às línguas humanas. De acordo com os PCNs (2000),

[...] ao concluir o ensino médio, o aluno deve saber analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos aos seus contextos, mediante a natureza, função e organização das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção. (BRASIL, 2000, p.8)



Mas, o que se tem observado é um grande número de alunos que concluem o ensino médio e chegam até mesmo às universidades sem estas competências. Na redação dos PCNs (2000) consta que:

O domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos (BRASIL, 2000, p. 8).

Para isso, o desenvolvimento do saber linguístico constitui-se de leitura compreensiva e crítica de textos diversos; produção escrita em linguagem padrão; análise e manipulação da organização estrutural da língua e percepção das diferentes linguagens (literária, visual, etc.) como formas de compreensão do mundo. A partir desses pressupostos, entende-se que as habilidades trabalhadas no ensino da Língua Portuguesa envolvem as áreas de leitura e escrita.

É relevante também, no ensino de Língua Portuguesa, distinguir a fala da escrita. Diante das diversas habilidades relativas ao ensino da língua é preciso estar ciente de que não se deve preocupar somente com a linguagem escrita, mas as diferenças entre elas. O professor deve conhecer e explicar aos alunos como funciona a língua, apresentando as variedades linguísticas e não ensinar somente à linguagem padrão. Ao tratar essas variações linguísticas em sala de aula, é aconselhável explicar para os alunos, uma abordagem das variações regionais, sociais, profissionais, etárias etc. Ou seja, não se deveria ensinar a língua materna como somente “norma culta” ou “língua padrão”, mas explicar que o falante de português utiliza as variações de acordo com o lugar que ocupa na sociedade e a situação de uso. De acordo com Leal (1997, p.19) “As línguas evoluem e o professor deve ter noção clara desse processo. Deve acompanhar as mudanças que se efetuam no interior da língua dando ao aluno subsídios para que a entenda como um fenômeno em transformação”.

Assim, o trabalho diferenciado e mais consciente do professor faz com que os alunos possam refletir sobre a língua oral e escrita, sobre os recursos utilizados em diferentes situações de fala, despertando o interesse para a leitura, interpretação e produção de *textos* e o acesso às variações linguísticas, conforme Leal (1997),

O professor de língua portuguesa na escola atual deve ter uma noção clara e sem preconceitos da língua. Nesse sentido, a ideia de línguas “fáceis”, “difíceis”, “simples” e “complexas” deve ser abolida. [...] as línguas apresentam diferenças entre si, mas não em complexidade (LEAL, 1997, p. 22).

Dessa forma, é aconselhável que o professor conscientize seus alunos de que os falantes utilizam a linguagem também como um meio de transmissão de informações e esse mecanismo exterioriza a posição que o falante e que o ouvinte ocupam na sociedade ao exercer uma influência ou ao realizarem os atos linguísticos.

Para Gnerre (1991, p.5) “O poder da palavra é o poder de mobilizar a autoridade acumulada pelo falante e concentrá-la num ato linguístico”. O autor afirma ainda, que os atos de linguagem do falante devem acontecer em um contexto social e cultural adequados, ou seja, o falante precisa saber quando pode ou não pode falar, conhecer os conteúdos utilizados, a variedade linguística, de acordo com o ouvinte e o local.

Considerando que já somos falantes natos da língua materna, o objetivo de ensino de uma língua é a possibilidade de levar os falantes ao domínio efetivo e consistente das habilidades de leitura e escrita, audição e oralidade. Sendo assim, a escola deveria formar alunos capacitados como leitores, e que possam produzir qualquer tipo de texto escrito ou oral. Mas, não podemos nos esquecer de que este objetivo não será alcançado sem a prática, pois ler e escrever devem ser atividades essenciais no ensino da língua.

Para Possenti (1987),

[...] saber falar uma língua é conhecer e saber sua gramática, mas não apenas algumas regras que se aprendem na escola, pois além do domínio da estrutura formal é necessário entender o funcionamento discursivo que situa o texto em contextos histórico-sociais nos quais ocorre a interação. (POSSENTI, 1987, p.49)

Entende-se então, que se deve partir da fala para se ensinar gramática, não permitindo que as aulas sejam um “amontoado” de regras, pois isso fará com que o aluno se encontre diante de um aglomerado de informações dificultando seu entendimento. Sendo assim, primeiro o professor observaria o cotidiano do aluno, fazendo-o refletir acerca da estrutura linguística – isso o ajudará em sua elaboração de uma escrita mais consistente e coerente e lhe permitirá perceber a importância da leitura na formação do indivíduo porque, a partir do momento em que consegue organizar sintaticamente uma frase, o aluno adquire mais

facilidade na elaboração dos textos orais e escritos, tornando-os competentes nas quatro habilidades básicas: falar, ouvir, ler e escrever.

A promoção, de fato, de um ensino capaz de contribuir para a construção de um cidadão atuante em sua comunidade se dá somente com muita prática, com o uso efetivo da língua em situações que se aproximam da realidade e que têm significado para os alunos e assim a gramática normativa não será o eixo principal deste processo, mas apenas um dos instrumentos nesse trabalho, expulsando a ideia de que, para o aluno, aprender a língua é uma tarefa muito difícil.

Para o professor Evanildo Bechara, o aluno tem de adquirir os saberes da língua no elocutivo, idiomático e expressivo. O saber elocutivo é saber falar com congruência. O saber idiomático é saber a língua, saber usá-la com correção. O terceiro é o saber expressivo, saber construir textos orais ou escritos em determinados momentos. E cada um dos saberes tem a sua eficácia <sup>2</sup>.

Constata-se então, que o desenvolvimento do saber linguístico constitui-se de leitura compreensiva e crítica de textos diversos; produção escrita em linguagem padrão; análise e manipulação da organização estrutural da língua e percepção das diferentes linguagens (literária, visual, simbólica, entre outras) como formas de compreensão do mundo. A partir desses pressupostos, entende-se que as habilidades trabalhadas no ensino da Língua Portuguesa envolvem as áreas de leitura e escrita.

Num contexto onde a escrita e a leitura fazem parte das práticas cotidianas, a criança tem a oportunidade de observar adultos utilizando a leitura de jornais, bulas, instruções, guias para consultas etc. A leitura é algo essencial para a aprendizagem do ser humano, pois é através dela que se enriquece o vocabulário, obtém-se o conhecimento, dinamiza-se o raciocínio e a interação. A prática da leitura está presente em nossas vidas desde o momento em que começamos a compreender o mundo ao nosso redor.

De acordo com a opinião de alguns autores como Elias & Koch, (2006) e Solé (1998), o indivíduo que lê pouco apresenta dificuldades nos níveis de compreensão textual, pois à medida que se lê, faz-se interpretações diferentes de um mesmo conteúdo. Tal fato se dá porque cada indivíduo possui experiências e conhecimentos adquiridos previamente e que são acrescentados às ideias do texto. De acordo com Lencastre (2003, p.16), existe uma interação

---

<sup>2</sup> Disponível em <http://www.pglingua.org/especiais/aglp/3067-entrevista-ao-professor-evanildo-bechara-da-academia-brasileira-de-letas> >. Acesso em 15 nov. 2012.

entre o conteúdo fornecido pelo texto e o conhecimento prévio do leitor. Considerar isso “implica aceitar uma pluralidade de leituras e de sentidos em relação a um mesmo texto”.

Para Elias e Koch (2006), esse processo de compreensão leitora ocorre de maneira dinâmica, uma vez que o leitor intervirá no texto e a partir das informações captadas, ele processa e atribui significados ao que está escrito. E assim, pode-se entender que não só a prática da leitura desenvolve a compreensão de outros textos, mas também que o leitor interage com o que lê, retirando informações e construindo sua interpretação de acordo com suas vivências e conhecimentos textuais. Sendo assim, o indivíduo que faz da leitura uma prática constante terá mais facilidade para associar ideias, fazendo a relação intertextual, se comparado àquele que não lê ou recorre pouco à leitura. Ao desenvolver a leitura, o leitor terá mais facilidade de compreender e construir o sentido do texto, de acordo com seu potencial de conhecimentos, de acordo com Solé (1998, p.22), “a leitura é o processo mediante o qual se compreende a linguagem escrita”.

Portanto, conforme os teóricos citados acima, a prática da leitura é uma constante aperfeiçoadora da compreensão textual, ou seja, se tivermos o hábito de ler, certamente teremos mais facilidade no desenvolvimento das habilidades competentes ao bom desempenho do falante da língua: ler, ouvir, falar, escrever e compreender.

### **1.3 Os tipos de ensino da língua materna**

Halliday et al (1974) desenvolveram um trabalho sobre língua, (que tratava da Língua Inglesa), mas por denominá-lo de “estudo da língua materna”, pode ser aplicado também ao ensino de Língua Portuguesa. Nesse trabalho eles abordaram o problema do ensino de Língua Materna que aponta o desequilíbrio entre o ensino prescritivo de um lado, e o descritivo e, principalmente, o produtivo do outro. A partir deste estudo, outros pesquisadores do ensino da língua puderam desenvolver pesquisas que abordam conceitos acerca dos tipos de ensino trabalhados pelos docentes.

De acordo com os autores o ensino *prescritivo* tem como objetivo levar os alunos a substituir seus padrões linguísticos considerados errôneos, por outros considerados corretos. Esse tipo de ensino, por sugerir a correção formal da linguagem, e privilegiar dentro de sala de aula, o trabalho com a variedade escrita padrão, está voltado para a primeira concepção de linguagem e a gramática normativa.

Vejam os exemplos de um ensino prescritivo fonológico (pronúncia): *gratuito/ gratuito, crisantemo/ crisântemo* e sintático (colocação de palavras e concordância): *Me telefona amanhã*.

Trabalham-se também no ensino prescritivo os níveis morfológico e semântico. Portanto, o ensino *prescritivo* objetiva levar o aluno a dominar a norma culta ou língua padrão no ensino da língua materna.

O ensino *descritivo* mostra como a língua e a linguagem funcionam e dá à língua materna um papel relevante, pois é a que o indivíduo conhece desde cedo. Trabalha com todas as variedades da língua em conjunto com a norma culta, sem restringir seu universo.

O ensino *produtivo* sugere ensinar novas habilidades linguísticas aos alunos, fazendo-os entender o uso da língua materna com mais eficiência, aproveitando os padrões já existentes para aumentar os recursos linguísticos para a eficácia do aprendizado e desenvolver as suas habilidades comunicativas.

Esses três tipos de ensino de língua não têm a intenção de se excluírem mutuamente, e podemos, em nossas aulas, aproveitar os três conforme nossas necessidades. Para os estudiosos destes assuntos, o *produtivo* gera maiores benefícios para os alunos, mas o mais utilizado nas aulas de ensino da língua materna é o *prescritivo* que infelizmente vem causando sérios prejuízos na formação educacional e no aprendizado da língua, pois ele não dá ao aluno uma competência que se considere satisfatória no uso das variedades culta e escrita da língua.

Para Travaglia (2008), o importante é desenvolver nos alunos a competência comunicativa, reconhecer e produzir textos nas mais diversas situações de uso.

Contudo, a escola tem o dever de ensinar a gramática de forma a oferecer aos alunos condições de adquirirem competência para usá-la de acordo com a realidade vivenciada por eles e o professor deve tomar o cuidado para que ela não seja repassada de forma mecanizada, mas sim trabalhada em atividades voltadas para a diversidade de textos como jornais, revistas, receitas culinárias, poemas, crônicas, artigos, propagandas e muitos outros. Isso possibilita o aluno a trabalhar a oralidade e escrita em situações reais de uso. Ensinar regras gramaticais utilizando apenas frases soltas, não ajudará no aprendizado do aluno.

Utilizando textos trabalha-se a extração do objeto de estudo como verbos, pronomes, concordância, por exemplo, fazendo com que, em seguida, o aluno não só reconheça estes termos em textos, como também poderá produzir frases que os contenha. Assim ele é capaz de construir seu próprio conhecimento linguístico.

#### 1.4 Os objetivos do ensino da língua

Nas últimas décadas, os educadores têm discutido bastante sobre o processo de ensino/aprendizagem de língua portuguesa, com relação aos seus objetivos com base em distintas concepções de linguagem e outros aspectos em consequência da multiplicação de objetos, problemas e o surgimento de novas abordagens. Essa ampliação foi acompanhada pela proposição de novas abordagens do ensino de Língua Portuguesa que faziam frente à concepção tradicional já instaurada há muitos anos nas salas de aula. Muito embora essas proposições tenham estado em pauta nas últimas décadas, tem-se notado a permanência de certas formas de ensinar a língua materna e de conduzir o trabalho em sala de aula que perpetuam a perspectiva tradicional já criticada há muito.

Abordando a questão dos objetivos de se ensinar Língua Portuguesa para falantes nativos da língua materna, Travaglia (2002) indica várias reflexões que se baseiam em quatro principais objetivos para o ensino desta língua:

1º- Podemos verificar, como primeiro objetivo apontado por Travaglia, o ato de desenvolver a competência comunicativa dos usuários da língua. Competência comunicativa é saber usar a língua nas diferentes situações e são chamados de usuários da língua os que a interpretam, que são os ouvintes e leitores, e os que produzem a língua: falantes e escritores de comunicação. Tal competência implica mais duas: a gramatical ou linguística, e a textual.

Chamamos de competência gramatical à capacidade de gerar sequências linguísticas gramaticais capazes de gerar entendimento. E chamamos de competência textual à capacidade de produzir e compreender textos, como também saber modificar por meio de resumos, paráfrases, sínteses e outros e se estas modificações são coerentes ao texto original.

2º - Outro objetivo do ensino apontado por Travaglia é a necessidade de ensinar ao aluno a variedade escrita da língua que se difere da variedade oral e levá-lo a dominar a norma padrão. Isto permite ao aluno desempenhar melhor em suas ações comunicativas, tanto orais quanto escritas. Este objetivo, caso seja de interesse do professor, pode ser incorporado às ações do primeiro, pois ao ter contato com a pluralidade de textos, conforme citado no primeiro objetivo, o aluno tem também contato com a norma escrita e com a forma padrão da língua, ocasião em que o professor pode trabalhar os aspectos formais da variedade padrão. É preciso atentar para o alerta de Soares (1986), quando cita que:

Um ensino de língua materna comprometido com a luta contra as desigualdades sociais e econômicas reconhece, no quadro destas relações entre a escola e a sociedade, o direito que têm as camadas populares de apropriar-se do dialeto de prestígio, e fixa-se como objetivo levar os alunos pertencentes a essas camadas a dominá-lo, não para que se adaptem às exigências de uma sociedade que divide e discrimina, mas para que adquiram um instrumento fundamental para a participação política e a luta contra as desigualdades sociais. (SOARES, 1986, p.78)

Sendo assim, podemos perceber que se o professor optar apenas pelo segundo objetivo, pode correr o risco de permanecer apenas no ensino da Gramática Tradicional, o que é um equívoco, pois não podemos nos esquecer de que a língua e sua forma de utilização e expressão é parte integrante da cultura de seus falantes. A Gramática Tradicional só valoriza um dialeto, o dialeto padrão, discriminando todos os outros, juntamente com os valores que representam.

3º - Tem como proposta proporcionar ao aluno ao conhecimento como a linguística está constituída e como se apresenta socialmente. Ou seja, transmite ao aluno informações culturais, que são necessárias para que ele obtenha conhecimento de mundo e aprenda a distinguir as diversas situações sociais, e saiba empregar seu conhecimento linguístico em qualquer situação social que se encontrar. Incorporar o terceiro objetivo aos dois primeiros é primordial, uma vez que esta incorporação acrescenta aos alunos conhecimentos de mundo e não só de linguística, o que é função essencial da educação.

A incorporação do terceiro objetivo é importante aos dois primeiros, pois acrescenta possibilidades de informações aos alunos, que conseqüentemente geram conhecimentos, não apenas linguísticos, mas também de mundo, função essencial da educação.

4º - Este outro objetivo acrescenta aos três primeiros a competência linguística que, se alcançada com o ensino da língua, é considerada uma importante ferramenta não só para a área da linguagem, mas também, para todos os campos do conhecimento humano, pois é através desta ferramenta que se dá os vários processos de aprendizagem. Para isso, o professor deve desenvolver no aluno o raciocínio, o pensamento científico, o senso crítico e a aprendizagem de empregar o pensamento.

Podemos perceber, ao refletir sobre os principais objetivos para o ensino de Língua Portuguesa enquanto língua materna, que a conduta do professor determina a qualidade do aprendizado do aluno, uma vez que isso depende da concepção de linguagem que ele possui. A concepção de linguagem embasa suas atividades de ensino através da diversidade,

proporcionando ao aluno maiores possibilidades de êxito no amplo aprendizado que sua língua materna pode proporcioná-lo.

### **1.5 As concepções de ensino da língua portuguesa segundo os PCNs**

A concepção de ensino da língua tem por objetivo principal a transmissão do conhecimento acumulado pela cultura e que concebe a escola como meio de transmissão de informação.

Conforme consta nos PCNs (2008), é necessária a construção de uma escola voltada para a formação dos cidadãos, e para isso, o professor deve não apenas ensinar o conteúdo, mas também fazer com que os alunos sintam-se integrantes de uma sociedade e que saibam opinar criticamente em qualquer situação.

Ainda, refletindo sobre o objetivo principal das concepções de ensino, Berger filho (1998) afirma que:

a construção do conhecimento pressupõe a construção do seu próprio saber, a construção de competências e a aquisição dos saberes já construídos pela humanidade. Os três processos são operações distintas: o primeiro tem por base as experiências vivenciadas; o segundo, a mobilização destes conhecimentos e sua significação; o terceiro, a apropriação mediatizada pela transmissão. A escola, via de regra, integra-se neste processo como mediadora na transmissão dos conhecimentos já produzidos, cumprindo, apenas, a terceira destas funções. Entretanto, se não recupera o processo de construção de conhecimentos extraídos da vivência e o articula com o processo de apropriação do conhecimento produzido pelo outro, o terceiro processo tende a ocupar, exclusivamente, espaços mentais pouco integradores, como a memória, porque não promove a integração destes conhecimentos à rede de significados já construídos, ampliando-a. A garantia desta integração se fará pela mobilização de competências já construídas, por sua ampliação e pela construção de novas competências. (BERGER FILHO, 1998, p.6)

Desta forma, as concepções do ensino, segundo os PCNs de Língua Portuguesa, estão fundamentadas basicamente na teoria dos gêneros textuais, sugerindo que o trabalho com a língua materna, no que se refere ao ensino de recursos expressivos da linguagem, tanto oral quanto escrita, desenvolva o conhecimento necessário para que os participantes envolvidos nos processos de ensino e aprendizagem saibam adaptar suas atividades linguísticas, com sucesso, aos eventos sociais comunicativos de que já participam e para participar de outros novos. Para isso, é preciso que o docente saiba utilizar os diferentes tipos de linguagens – verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal – como elementos auxiliares para produção,



expressão e comunicação de suas ideias. Ele precisa saber também, utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos que o ajudem na aquisição e construção de conhecimentos. Portanto, o trabalho com a Língua Portuguesa tem como objetivo ampliar as várias possibilidades do uso da linguagem, em qualquer forma de realização.

A escolha dos PCNs como apoio aos estudos propostos nesta análise justifica-se pela sua importância em aperfeiçoar a educação com qualidade. Assim, a utilização deste suporte para orientação das práticas de ensino de língua materna poderá contribuir para melhorar a educação dos estudantes em relação ao desenvolvimento da linguagem e atitude crítica, diminuindo a desigualdade social tanto no contexto educacional quanto fora dele.

O domínio da língua facilita a relação do homem com a sociedade, visto que é através dela que o indivíduo se comunica, expõe seus desejos e opiniões, tem acesso à informação, compreende e constrói visões de mundo, produz e adquire conhecimentos. Sendo assim, um projeto educativo empenhado em promover a democratização social e cultural faz da escola a responsável em garantir aos seus alunos o acesso aos conhecimentos linguísticos imprescindíveis para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos.

Quanto menor for o grau de letramento dos alunos maior a responsabilidade da escola. Cabe à escola promover a ampliação de conhecimento dos alunos de forma que, progressivamente, no decorrer dos oito anos do ensino fundamental, cada educando adquira a capacidade de se posicionar como cidadão, consiga interpretar o mundo ao seu redor, saiba compreender e produzir textos eficazes nas mais variadas situações (BRASIL, 1998, p. 21). Cabe, portanto, à escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los (BRASIL, 1998, p. 26).

A linguagem deve permear todas as situações discursivas, inclusive aquelas ligadas ao saber tecnológico. O aluno de hoje, deve saber manipular as tecnologias com propriedade. Isso também é uma forma de leitura e interação com a linguagem.

## **1.6 As habilidades e competências desenvolvidas no ensino de Língua Portuguesa**

As competências e habilidades a serem desenvolvidas em Língua Portuguesa estão relacionadas às possibilidades de construção de interação e de compreensão, de acordo com as condições de produção e recepção, mediadas por textos verbais, não verbais, multimodais, multifuncionais.

Sabe-se que cada competência possui suas habilidades específicas. Segundo Perrenoud (2001), competência é a capacidade de agir eficazmente em um determinado tipo de situação, apoiada em conhecimentos, mas sem limitar-se a eles.

Lino de Macedo (2003) afirma que uma competência é mais do que um conhecimento. O autor aponta a competência como um saber que se manifesta no momento de tomar decisões, na capacidade de avaliar e julgar.

Assim, entende-se que a competência significa saber lidar com diferentes situações e problemas que surgem diante de nós em nosso cotidiano. Portanto, se a competência está acoplada com o “saber fazer”, as habilidades estão relacionadas com o “como fazer”: como o sujeito é capaz de tomar decisões e resolver problemas. Dessa maneira, competência e habilidades são interdependentes do “saber”, mas acabam se completando mutuamente.

Segundo os PCNs (BRASIL, 1999, p.125), os alunos adquirem os conhecimentos básicos da Língua Portuguesa no Ensino Fundamental aprimorando-os no Ensino Médio. Nesta segunda fase, com o aprimoramento dos conhecimentos da língua adquirem-se competências interativas, textuais e gramaticais da língua materna. Essas competências abrangem desde o desenvolvimento do potencial crítico, da capacitação de leitores efetivos, até as diferentes situações do uso da língua. Neste contexto, considera-se a linguagem como capacidade de proferir significados coletivos e articular suas variadas representações contextualizadas em situações do cotidiano. A principal razão de qualquer ato de linguagem é a produção de sentido.

Os PCNs (2000) não descrevem as habilidades e competências a serem desenvolvidas em Língua Portuguesa de forma meticulosa em se tratando de conteúdos. Dessa maneira, as habilidades e competência objetivam mais sugerir os limites que facilitam o avanço nos estudos levando os alunos à definição dos conhecimentos a serem aprendidos. Nota-se uma preocupação com a linguagem, uma vez que os Parâmetros indicam-na como base de todos os saberes e dos pensamentos pessoais. Assim, para os PCNs (BRASIL, 2000, p.15), é responsabilidade da escola “garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos”. Esse objetivo refere-se ao alto índice de repetência consequente do ensino fundamental e “estão diretamente ligadas à dificuldade que a escola tem de ensinar a ler e a escrever” (BRASIL, 2000, p. 19). Os PCNs reconhecem ainda que este fracasso, além da dificuldade em ensinar a ler e escrever envolvem também questões sociais e ideológicas.

Soares (1991, p.62) considera essa dificuldade apontada pelos PCNs como falha na comunicação pedagógica, que utiliza a linguagem “legítima”, para transmitir a mensagem, esquecendo-se das variadas modalidades linguísticas existentes. É preciso lembrar que ao chegar à escola, os alunos trazem consigo uma linguagem adquirida fora dela, pela família ou grupo social, a chamada linguagem “não legítima”, e assim encontram dificuldades para compreender a linguagem oferecida na escola, causando o fracasso escolar. “Assim, a escola supõe um domínio prévio da linguagem 'legítima', e fixa-se como tarefa apenas a transformação do domínio *prático* dessa língua em domínio *consciente, reflexivo*”. Por isso, os PCNs (2000) apontam à necessidade de se considerar a heterogeneidade presente na escola:

Considerando os diferentes níveis de conhecimento prévio, cabe à escola promover a sua ampliação de forma que, progressivamente, durante os oito anos do ensino fundamental, cada aluno se torne capaz de interpretar diferentes textos que circulam socialmente, de assumir a palavra e, como cidadão, de produzir textos eficazes nas mais variadas situações. (BRASIL, 2000, p.23)

Ao enfocarmos o estudo de competências e habilidades no ensino da Língua Portuguesa, podemos entender que cabe à escola promover atividades, projetos e ou situações capazes de desenvolver no aluno a competência e as habilidades para o uso da língua.

## **2 ALGUNS ESTUDOS SOBRE O USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM**

Pretende-se, neste capítulo, apresentar alguns trabalhos de pesquisa concluídos por alunos de mestrado, em que abordam o uso das tecnologias no ensino. A apresentação destes trabalhos tem como proposta buscar suportes práticos e teóricos comprobatórios da influência das Tecnologias da Informação e Comunicação-TIC's nas práticas pedagógicas para o ensino.

### **2.1 O Ensino de Língua Portuguesa, Literatura e as Novas Tecnologias**

Os autores desta pesquisa, Márcio Issamu Yamamoto, professor da ESEBA, Nathália Assis e Rogério de Castro Ângelo, apresentam um projeto em desenvolvimento na ESEBA - Escola de Educação Básica da UFU, que objetiva introduzir novas tecnologias na sala de aula de Língua Portuguesa e Literatura.

A proposta dos autores é mostrar a importância das aulas ministradas nas escolas com o uso das tecnologias uma vez que estas ajudam os alunos na construção do conhecimento.

Destacam que é importante que a escola e seus mestres estejam aptos a instruir os alunos a fazerem uso de tal avanço tecnológico em prol do processo de aprendizagem de uma forma instrumentalizada.

O trabalho foi conduzido de setembro de 2010 a dezembro de 2011 cujo público-alvo era alunos do ensino fundamental, dos 4<sup>os</sup> aos 9<sup>os</sup> anos, falantes de português e cujo objetivo era dominar o português como língua materna para o desenvolvimento da competência comunicativa (TRAVAGLIA, 2002:19). Os membros do projeto eram professores que ministravam a disciplina de língua portuguesa na ESEBA e alunos de graduação do curso de Letras, a partir do 4<sup>o</sup> período que passaram por uma seleção para serem bolsistas do programa. Alguns dos objetivos gerais do projeto eram: a) implementar o uso de novas tecnologias com o instrumento de ensino de Língua Portuguesa e Literatura, b) permitir ao graduando dominar recursos tecnológicos que tornem mais ativo e dinâmico o processo ensino-aprendizagem, c) possibilitar o uso de programas de computadores e Internet pelos professores em sala de aula como recurso pedagógico, d) permitir ao graduando inserir-se no contexto escolar desenvolvendo atividades de ensino, assistido por novas tecnologias e e) permitir a interação dos alunos de Português com alunos de Português Língua Estrangeira no

exterior. Alguns dos objetivos específicos a serem atingidos eram desenvolver atividades de ensino de Língua Portuguesa e Literatura em consonância com o conteúdo programático, usando programas como WORD, apresentações de POWERPOINT, internet, WINDOWS MEDIA PLAYER, entre outros; e familiarizar o aluno com ferramentas de pesquisa como enriquecer o aprendizado do conteúdo por meio de sites educacionais e interativos. Todos esses objetivos foram alcançados, culminando na instalação de projetores em todas as salas de aulas da escola.

Alguns fatores foram favoráveis para o trabalho do grupo, como: o apoio da direção, a estrutura física da instituição e a disposição dos profissionais da área em conduzir o projeto, apesar dos desafios a serem vencidos como o domínio do uso da tecnologia e a necessidade de se adquirir mais equipamentos como computadores, projetores, cabos e extensões.

Percebeu-se que os alunos da graduação que participaram do projeto puderam conhecer a realidade do ensino por meio de observação das aulas, das estratégias de ensino dos professores, do comportamento dos alunos, da postura do professor entre outros fatores que a teoria não lhes permite experimentar. Além das observações, os bolsistas participaram de reuniões semanais com a coordenação do projeto para conhecer como se tem feito a construção desta nova realidade do ensino mediado pelas NT a nível nacional. Nesses encontros era discutido como deveria ser conduzido o ensino, o que esperar dele por parte dos docentes e discentes, quais desafios seriam enfrentados e quais ferramentas seriam utilizadas para esta nova prática pedagógica. Neste momento foram decisivas as contribuições de teóricos que têm trilhado por este caminho há tempos e que hoje se dedicam à construção desta nova realidade do contexto educacional, dentre os quais se pode citar Moran (1995; 1997; 2009), Kleiman (1995), Soares (2002) e Xavier (2007).

A estrutura mínima para o bom andamento do projeto na escola foi: um computador, um projetor, um amplificador e caixas de som. Uma ferramenta de acesso restrito utilizada no projeto foi a plataforma *moodle* da UFU ([www.ufu.br](http://www.ufu.br)), usada tanto por alunos do ensino fundamental quanto pelos alunos estrangeiros. Ela foi usada para postagens da produção textual dos alunos, apresentações em lâminas, contatos em forma de fórum e compartilhamento do conteúdo trabalhado em sala de aula. No ensino fundamental os alunos puderam postar textos descritivos e narrativos nos quais descreveram visitas a distritos e parques da cidade. Alguns aspectos positivos são: a facilidade de correção e inserir comentários, o uso de uma ferramenta virtual, o fato motivador de saber que seu texto seria lido por outros alunos e a facilidade de refacção textual.

Através das experiências dos projetos de ensino de Língua Portuguesa e o uso das NT na UFU, os autores puderam perceber como o uso de sites interativos, livros-áudio e digitais, mapas conceituais, *internet*, *moodle* e outras ferramentas puderam contribuir na implementação da prática pedagógica rumo à difusão da lusofonia e da cultura brasileira. Também, notou-se que, por uma prática de ensino da língua o professor e o aluno tornam-se pesquisadores num contexto em que o conhecimento é construído em conjunto. Empenhou-se para que um ambiente de aprendizagem fosse criado e que as ferramentas pudessem ser usadas visando atingir ao número mais variado possível de perfis de aprendizes e que houvesse a mediação do conhecimento entre professores e alunos envolvendo o domínio e uso das Novas Tecnologias.

Os autores finalizam o estudo relatando que é de grande importância o esforço em promover a busca de melhorias na qualidade da educação, utilizando dos meios disponíveis para a adequação ao trabalho do professor, ocasionando assim um trabalho consciente e com responsabilidade, em qualquer nível escolar e em qualquer disciplina, pois isto é tarefa de todos para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

## **2.2 O ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa mediante as novas tecnologias**

Este artigo da autora Neilane de Souza Viana, mestranda na Faculdade do Noroeste de Minas, aborda o ensino de Língua Portuguesa mediado pelas ferramentas de Tecnologias da Informação e Comunicação, tendo como base algumas observações realizadas in loco numa turma do 9º (nono) ano do ensino fundamental de uma escola municipal em Teófilo Otoni/MG, onde se verificou que muitos alunos apresentam dificuldades quanto à habilidade de interpretar textos. A partir dessas observações, a mestranda viu a necessidade de investigar a prática educativa em que o conhecimento pode ser disseminado através das mídias com o intuito de sanar essas dificuldades existentes.

A pesquisadora apresenta discussões sobre as contribuições que a inserção das inovações tecnológicas pode trazer ao ensino de Língua Portuguesa uma vez que é pertinente conceber a sala de aula como sendo um espaço em que o professor deve induzir os alunos a ler e interpretar textos dispostos em qualquer mídia; bem como saber utilizar a leitura no contexto social em que estão inseridos.

A autora relata que apesar do uso da *Internet* na escola observada ainda seja delimitado, as mídias de uma maneira geral, quando utilizadas, podem ser consideradas

ferramentas que enriquecem as aulas de qualquer área de conhecimento, não apenas Língua Portuguesa. Lembra Neilane que, “a *Internet* é uma ferramenta cuja característica mais marcante é o acesso à informação, por isso favorece o trabalho com outras disciplinas através de pesquisas”.

Verificou-se também que a partir da realidade dos alunos muitos deles possuem maior acesso à internet, por meio de *lan houses* e destaca a relevância de trabalhar a Língua Portuguesa através dos aplicativos disponíveis no meio digital, passando a usar a *internet* como uma rede comunicação, de leitura, busca de informações. Nesse sentido, a *internet* torna-se uma grande aliada à prática pedagógica de ensino.

O estudo mostra também que o desenvolvimento do conhecimento não se limita apenas ao uso da internet, mas de outras mídias tais como o rádio e a Televisão. Estes estão mais presentes no contexto educacional que a rede virtual. O uso do rádio possibilita a estimulação de criação de programas dentro da escola em que podem ser disseminadas pelos alunos durante os intervalos das aulas ou em outro tempo determinado. As inúmeras possibilidades de atividades letivas com o rádio vão além da Língua Portuguesa e permitem desenvolver atividades que envolvem aspectos literários e culturais, dentre outros temas.

A autora ressalta ainda que “o ensino de Língua Portuguesa não se restringe somente à leitura e interpretação, porém é através destas que o aluno adquire capacidade de compreender os aspectos estruturais, morfológicos, sintáticos e discursivos presentes nos textos, o que conseqüentemente, faz com que a escrita seja dotada de norma culta da língua”. Para isto é que se considera importante a utilização de recursos que favoreçam o desenvolvimento das habilidades necessárias do aluno para a aprendizagem. Afinal, em outras palavras, há que se dinamizar a leitura, pois conforme relata Janaína Moutinho (2007), aborda-se um novo tipo de leitura, a leitura na era tecnologia.

A autora do trabalho citado afirma que é de grande necessidade a continuação de estudos e reflexões a respeito desse novo objeto de estudo, uma vez que ainda há muito que se estudar e investigar sobre o uso das TIC's na educação, para que possamos inseri-la na prática pedagógica, pois cabe ao professor que tem a função de ser formador de opinião, ensinar ao aluno a selecionar dentre a diversidade de informação aquelas que são de fato construtivas certificando assim, à importância dos recursos tecnológicos a serviço da educação.

Finalmente ela conclui que o aluno depende da leitura e da interpretação para compreender atividades de outras áreas do conhecimento (outras disciplinas), por isso este

tema tem grande relevância tendo em vista a necessidade de priorizar a melhoria do ensino aprendizagem de Língua Portuguesa de forma contextualizada. A proposta de ensino da Língua Portuguesa deseja que o aluno leitor de múltiplos textos, sendo que o papel da escola é viabilizar o acesso do aluno ao universo de textos que circulam socialmente. Consoante a esse papel, entende-se que o professor poderá utilizar as tecnologias disponíveis para viabilizar o desenvolvimento da capacidade do uso eficaz da linguagem no mundo em que vive. Afinal, as tecnologias estão cada vez mais presentes no contexto social do aluno.

### **2.3 A Inovação Tecnológica como Recurso Didático no Ensino Aprendizagem da Língua Portuguesa**

O terceiro trabalho apresenta um estudo feito por Paulo Victor Mendes Soares, aluno do Instituto Superior de Educação da Faculdade Alfredo Nasser, em Aparecida de Goiânia, com o objetivo geral de analisar a influência da linguagem virtual na escrita da Língua Portuguesa e o resultado do uso das novas tecnologias como recurso didático. Seus objetivos específicos foram pontuar as desvantagens que a linguagem virtual pode acarretar na leitura e na escrita do aluno; analisar o uso das novas tecnologias como recurso didático-motivador para o ensino aprendizagem do aluno.

O autor aborda questões voltadas para o avanço das tecnologias no mundo atual, o compromisso do professor como mediador do conhecimento, a responsabilidade da escola como instituição formadora de cidadãos e a influência da internet na escrita dos alunos.

O trabalho do pesquisador foi realizado em uma turma do 1º ano do ensino médio, formada por 20 (vinte) estudantes matriculados, no entanto 12 (doze) frequentes. Foram utilizados textos de vários gêneros (notícias de jornais, fofoca, moda, 14 receitas, narrativas, poemas, contos etc.) fazendo deles leitura silenciosa e em voz alta. Em seguida trabalhou-se no laboratório de informática, onde foi ministrada a mesma aula, o diferencial foi que os textos abordados foram transferidos para o *data show* em forma de slides e a aula prática foi a criação de textos no Word que foram enviados para o e-mail do professor que os corrigiu e devolveu com as devidas observações.

Notou-se, neste momento, que a mesma forma ortográfica usada nos textos manuscritos (abreviações de palavras) foi encontrada nos textos digitados. No final da aplicação do trabalho, os 12 (doze) alunos frequentes responderam um questionário contendo 09 (nove) perguntas, 5 (cinco) perguntas discursivas e 3 (três) objetivas, referente à opinião



que os discentes têm em relação às tecnologias como material didático. E foi pedido a cada aluno que escrevesse um pequeno parágrafo reflexivo, fazendo uma comparação entre a aula convencional (sala de aula) e a aula no laboratório de informática (uso de computadores, data show, e-mails e internet).

Observou-se que os alunos classificam as aulas convencionais para introduzir teorias e as aulas nos 15 laboratórios de informática como aula prática. Nota-se também que os alunos têm maior interesse nas aulas no laboratório de informática, por ser algo diferenciado do seu cotidiano escolar.

O autor relata que seu trabalho apresentou conclusões bastante interessantes, pois se percebeu que adequar as inovações tecnológicas às aulas de Português é fazer uso de algo que já faz parte da vida das pessoas, para ter resultados onde os alunos se envolvem no seu próprio aprendizado. Ao usar uma ferramenta como o computador, por exemplo, o docente oferece a oportunidade de o aluno estudar de forma autônoma, sendo responsável também pelo seu aprendizado; a entrar em contato com um mundo ao qual ele considerava distante da sua realidade pelo fato de não estar na página de um livro, mas acessando um site, por exemplo, o aluno saberá de notícias, fatos em tempo real, tamanha é a velocidade que as inovações tecnológicas oferecem.

Isso confirma que essas inovações facilitam, não somente o trabalho docente em sala de aula, oferecendo fontes riquíssimas em materiais didáticos, mas também facilita o trabalho administrativo da escola.

Em relação aos alunos, o que se pode constatar é que as inovações tecnológicas os motivam a participar mais das aulas, a interessar mais pelo que está sendo exposto, tendo em vista que sair da sala de aula e entrar em outro ambiente, como um laboratório de informática, por exemplo, já é um grande início para fazer com que os mesmos se interessem e produzam mais. Constata-se que principalmente os alunos não conseguem levar uma vida sem fazer uso dessas inovações, e isso se passa inclusive na vida escolar de cada um; tanto é que se pode ver que a influência das mesmas é muito grande.

Pela pesquisa desenvolvida, percebe-se que o hábito que adquiriram em salas de bate-papo de escrever tudo abreviado, passou também para seus textos escolares como as redações; o hábito de leitura já não acontece nas bibliotecas, mas sim em qualquer página da internet; hoje os alunos preferem ler um texto mais curto a um romance, em virtude do hábito de uma leitura que pode ser chamada de “virtual”. Pode-se dizer que esse fato seja uma das desvantagens que se constatou durante o desenvolvimento da pesquisa em virtude do uso

intenso da internet, uma vez que a leitura virtual acaba por se tornar superficial. Pensar que os alunos estão alheios a todos esses fatos é ingênuo, haja vista que em suas reflexões sobre usar as inovações tecnológicas como um recurso didático, os mesmos afirmaram ser produtivo, relevante, mas também apontaram fatores como mudança na escrita e na leitura. Há ainda aqueles que complementaram a informação dizendo que essas inovações devem auxiliar-lhes no aprendizado e o professor no seu trabalho, porém não substituir o docente que ainda é importante no processo de ensino-aprendizagem. Percebe-se que buscar a melhor forma de ensinar e aprender um determinado conteúdo é algo que sempre estará em evidência. Fazer uso das inovações tecnológicas nesse sentido é bastante relevante, assim como qualquer outra forma que vise o melhor ensino e a melhor aprendizagem. No entanto, é preciso que os docentes, já desempenhando sua função, e os futuros que, todavia virão, tenham consciência de que seu papel é importantíssimo nesse processo.

Nos três trabalhos aqui apresentados, foram utilizados como aportes teóricos alguns autores em comum, como: Bakhtin (1992), Sancho (1998), Antunes (2001), Coscarelli (2006), Lévy (2005), Demo (2009), Moran, (2009), dentre outros, que destacam a importância do uso das Tecnologias da Informação e Comunicação como ferramentas imprescindíveis nas práticas pedagógicas na educação.

Destacou-se, também, a importância da capacitação dos professores para o trabalho com a tecnologia na educação, por perceber que o professor deve estar preparado para apropriar-se desses novos recursos tecnológicos, percebendo a importância dos mesmos como suporte à educação e ao processo ensino-aprendizagem. Ao inserir a tecnologia em sua prática pedagógica é fundamental que ele tenha a clareza dos objetivos que deseja alcançar, caso contrário, a sua aula pode-se tornar uma simples atividade que pouco contribuirá para enriquecer o conhecimento do aluno.

Os autores dos trabalhos citados afirmam que é de grande necessidade a continuação de estudos e reflexões a respeito desse novo objeto de estudo, uma vez que ainda há muito que se estudar e investigar sobre o uso das TIC's na educação, para que possamos inseri-la na prática pedagógica, pois cabe ao professor que tem a função de ser formador de opinião, ensinar ao aluno a selecionar dentre a diversidade de informação aquelas que são de fato construtivas certificando assim, à importância dos recursos tecnológicos a serviço da educação.

### 3 AS NOVAS PERSPECTIVAS DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

As escolas, atualmente, encontram-se diante de novos desafios trazidos pelas novas tecnologias. Não há como dissociar tecnologia da escola uma vez que estamos vivendo em uma sociedade competitiva e exigente condicionada pela era digital e pela necessidade de constante atualização. Por isso, é necessário refletir sobre a utilização das novas tecnologias de informação e comunicação (TIC's) nas atividades e currículos escolares.

Os PCNs (2000) relatam que o professor atual deve valorizar e promover a interação e a participação do aluno com o mundo. Contudo, a interação entre os seres humanos, nas mais diversas situações de comunicação, depende da existência e funcionamento da língua.

De acordo com Moran (2004), as possibilidades de utilizar as novas tecnologias a favor da Educação são múltiplas e por isso o docente depara-se com um novo desafio de ensinar e aprender. Este princípio aplica-se, não só para os professores de Língua Portuguesa, mas também aos professores das outras áreas de conhecimento. Sabe-se que a utilização das TIC's na educação torna o ensino mais eficaz e eficiente, promovendo um ambiente em que professor e aluno possam construir seus saberes de forma mediada e interativa.

Sendo assim, a inserção das inovações tecnológicas pode trazer ao ensino de Língua Portuguesa grandes contribuições, uma vez que na sala de aula como um espaço e com o professor consciente de seus objetivos de ensino, seja desenvolvido um trabalho com os alunos, voltado para a leitura e a compreensão de textos disponíveis na mídia, bem como desenvolver diferentes habilidades no contexto social em que estão inseridos.

Para Valente (1997, p. 1) “Uma das tentativas de se repensar a educação tem sido feita por intermédio da introdução do computador na escola”. Desse modo, percebe-se que o ensino deve ser repensado e refletido, pois as TIC's trazem consigo uma possibilidade de mudar a realidade de nosso sistema educacional. Conforme estudos de Valente (1997) sobre o aprendizado da língua, verifica-se que os alunos possuem grandes dificuldades de leitura e escrita, deixando preocupados os profissionais da área. Muito se tem discutido com a intenção de reverter tal quadro, mas os resultados ainda não satisfazem aos pesquisadores nem a sociedade. Assim, o computador pode ser uma das formas de incentivar o aluno a desenvolver e praticar de um modo diferente e interativo as novas formas de leitura e escrita, ou seja, utilizando esta nova ferramenta o aluno terá acesso aos mais diversos tipos de texto, assim como escrever mensagens, conversar no MSN, pesquisar e produzir trabalhos

solicitados pelos professores, divulgar opiniões nas redes sociais, enfim, desenvolver as habilidades de leitura, compreensão e escrita desde outras perspectivas.

Constata-se que as TIC's cumprem com variadas funções e além de gerar novos conhecimentos servem de elemento auxiliar na prática docente, facilitando os trabalhos dentro e fora da sala de aula, possibilitando o acesso aos recursos mais diversos e variados para a busca de informações, diversificando as atividades sugeridas pelo professor, trazendo para o ambiente escolar uma nova proposta de ensino e formação do cidadão.

O aluno depara-se em seu cotidiano com inúmeras ferramentas tecnológicas nos diferentes ambientes, como informações em painéis digitais nas ruas ou shoppings, caixas eletrônicos de bancos disponibilizados nos mais variados locais, leitores de preços nos supermercados ou lojas de departamentos, máquinas de cartão de crédito ou débito, disponibilizadas no comércio, dentre outras, as quais auxiliam para a inserção do indivíduo no mundo tecnológico.

Por conseguinte, a escola, como uma instituição comprometida com a educação e o ensino, não deveria ficar à margem dessa realidade tecnológica, visto que, com a disponibilidade desses recursos pode-se contar com inúmeras possibilidades de disseminação do conhecimento, e principalmente, o ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa.

Deste modo, vale afirmar que o professor de Língua Portuguesa deva saber direcionar o ensino para a realidade dos alunos, utilizando os portais de busca da Internet para trabalhar com textos atuais e significativos, com propostas de produções textuais que reflitam o que está acontecendo fora dos muros da escola e que seja capaz de orientar seus alunos no uso das TIC's, ou seja, como relata Mercado (1998, p.1) “neste contexto de mudança, precisa saber orientar os educandos sobre onde colher informações, como tratá-las e como utilizá-las”.

A leitura constitui elementos que possibilitam a compreensão de textos de diversas áreas de conhecimento. De acordo com a visão de Kleiman (2001, p.68), “É através da leitura dotada de interpretação crítica que os alunos conseguirão dar sentido e estabelecer relações entre os textos e a realidade para se tornarem capazes de produzir textos”.

Muitos textos disponíveis na Internet são considerados materiais de grande relevância no trabalho de Língua Portuguesa, uma vez que induz o aluno a perceber as relações do texto com o mundo contemporâneo e suas diversificadas formas de interpretá-lo. Essa metodologia vem como mais uma alternativa na busca do conhecimento e isso não significa que os livros devam ser dispensados. O professor não deve se esquecer de que os livros impressos ainda

são de grande importância no apoio às pesquisas e na legitimidade dos registros necessários para a aquisição do conhecimento.

De acordo com Quevedo e Crescitelli (2005):

O ensino de língua com os recursos tecnológicos depende de que o professor saiba efetivamente usar as ferramentas de modo adequado nos ambientes de aprendizagem de maneira a estimular o trabalho colaborativo, a levar o aluno a compartilhar os saberes individuais, a formular e solucionar questões e a buscar informações contextualizadas às dinâmicas sociais de aprendizagem. (QUEVEDO e CRESCITELLI, 2005, p.47)

Para isso, é necessário refletir sobre a necessidade de formar os professores para o uso das TIC's na educação, pois segundo Mercado (1998, p.2), “é função da escola, hoje, preparar os alunos para pensar, resolver problemas e responder rapidamente às mudanças contínuas” e por isso, a postura do docente precisa mudar, ele passa a ser o orientador dos alunos, deixando de ser o centro do saber e essa mudança de postura requer novas estratégias de ensino, ele precisa ser instruído a ser mediador destas novas tecnologias.

Na internet, o contato com o texto é feito na tela, o que requer mais rapidez, dinamismo e menos espaço. A utilização do espaço virtual condiciona novas práticas para a escrita e a leitura das páginas hipertextuais. Assim, várias mudanças ocorreram no sentido de perceber os textos nas formas verbais. A rede virtual permite-nos ainda, acessar alguns livros e títulos de obras, nela disponibilizados, de várias partes do mundo num simples comando do mouse. O estudante pode ser um bom leitor por meio do computador, basta que ele escolha seu tipo preferido de leitura, a diferença está entre apenas virar as páginas do livro impresso e clicar no ícone escolhido na tela do computador.

A leitura na internet, assim como nos livros, é beneficiada pelos múltiplos sentidos. Fulgêncio (2001, p.98) afirma que “a obtenção de informação através da linguagem não se faz pela compreensão de cada elemento; ou seja, da decodificação, mas utilizando-se das informações visuais e não visuais em que se podem conectar as partes dos textos e enfim compreendê-las”. Estas informações são oferecidas pelo mundo contemporâneo através de elementos visuais e não visuais também dispostos no âmbito midiático.

O ensino de Língua Portuguesa não se restringe somente à leitura e interpretação, mas é através destas habilidades que o aluno adquire a capacidade de compreender os aspectos morfológicos, estruturais, sintáticos e discursivos presentes nos textos, o que faz com que na escrita o aluno saiba dominar a norma padrão da língua.

Diante do exposto, é válido questionar se essa leitura por meio digital tem o mesmo valor que a leitura que se faz de um livro. Para Pontes (2010), a leitura de um livro convencional precisa de mais atenção, isolando-se das distrações alheias que estão presentes no nosso cotidiano. Diante de um computador conectado, ocorre o oposto, ao abrir uma janela de leitura, imediatamente outros links surgem na tela exigindo do nosso cérebro uma leitura mais rápida, sistematizando uma nova forma de assimilar variadas informações que são percebidas ao mesmo tempo e de modo mais rápido. Desta forma, surgem preocupações com o aprendizado significativo, ao analisar os PCNs (BRASIL, 2008, p.112), quando enfatizam que “as pesquisas feitas fazem surgir preocupações com que o jovem lê, de que modo lê, buscando avaliar inclusive se ele ‘lê melhor ou pior’ em função das novas tecnologias de comunicação e informação”.

Nota-se então, que é de primordial importância a orientação do professor no sentido de informar sobre as diversidades encontradas na rede virtual, na importância de saber filtrar o que é útil para o conteúdo da pesquisa. É preciso ignorar certas informações que surgem na tela e focar sua busca no que realmente irá satisfazer seus objetivos. É o que afirma Paulino (2001), que vê a comunicação como responsável pela difusão das informações e consequentemente como meio em que a educação fundamenta-se, porque, nesse âmbito, se estabelece o intercâmbio de ideias e conceitos, associado à revolução comunicativa vivenciada pelo uso do computador nestes últimos tempos.

### **3.1 Educação e Tecnologia: uma nova proposta para o ensino-aprendizagem**

Os espaços institucionais legitimados para a formação dos cidadãos são as escolas e as universidades, onde a educação é denominada educação escolar formal, mas há também processos de educação não formal, ou seja, educação informal como Grupos, ONGs e empresas que oferecem cursos de capacitação, atualização, treinamento que podem ser integrados ou não à educação formal. Portanto, a educação é tudo aquilo que adquirimos de pessoas, grupos, instituições formais ou não formais, nos processos de transmissão de cultura, valores, saberes, novas ideias, conhecimentos que habilitam o homem a viver em sociedade.

Para que a escola possa desempenhar bem seu papel de formadora de cidadãos, ela precisa contar com a contribuição do professor, que numa sociedade capitalista, em que o lucro, a rentabilidade é uma preocupação constante, têm seus salários baixos, turmas cheias, falta de motivação dos dirigentes, empobrecendo assim, a qualidade do serviço. A escola

precisa de bons professores e eles precisam ser estimulados, motivados e bem preparados para a tarefa de ensinar, eles são as peças-chave na mudança da educação (MORAN, 2007).

A escola precisa também rever seus currículos. O que entendemos por qualidade de educação depende de bons currículos, de novas relações de ensino com as propostas transversais dos PCNs. Os currículos precisam estar voltados para a realidade do aluno, ligados ao seu cotidiano, à sua vida, devem estar contextualizados, aplicados à realidade do estudante.

O aluno nascido na era tecnológica e que está sempre conectado, é capaz de, com a orientação do professor, trabalhar em grupo, participar de projetos, desenvolver atividades interdisciplinares, atividades que já devem, desde o início de cada curso, fazer parte dos novos currículos. Para Sacristán, (2000, p.26), “O currículo é o cruzamento de práticas diferentes e se converte em configurador, por sua vez, de tudo o que podemos denominar como prática pedagógica nas aulas e nas escolas”.

A educação, nesta era chamada de “idade mídia”, pode contar com o apoio das novas tecnologias, mas para que as mudanças sejam favorecidas elas precisam estar apoiadas nas bases principais de uma educação inovadora. Pode-se citar como bases: a) o conhecimento integrador e inovador; b) o desenvolvimento de autoestima/autoconhecimento; c) a formação do aluno-empresendedor; d) a construção do aluno-cidadão; e e) o processo flexível e personalizado. Estes pilares apoiados pela tecnologia fazem com que o ensino-aprendizagem seja mais integrado, flexível, ativo e inovador (MORAN, 2007).

Há muitas maneiras de inovar o ensino, mas a mais estimulante e adequada para o momento atual pode ser considerada com as tecnologias. É claro que para que se tome este caminho é necessário que haja interesse e estruturas físicas e humanas das instituições. Pois isso depende do projeto pedagógico das escolas, das tecnologias disponíveis, do apoio pedagógico e conhecimento dos professores para trabalharem com as novas ferramentas tecnológicas.

É preciso lembrar que as tecnologias facilitam o trabalho de troca, colaboração, interação, mas nunca será capaz de resolver os enigmas do mundo interior do ser humano. O trabalho da escola não se restringe a apenas ensinar a aprender e preparar somente para o trabalho. O aluno precisa também da educação social, aquela que ensina a compreender o mundo nas suas desigualdades; conhecer o significado de ética como integração dos vários elementos do universo, o meio ambiente, os seres vivos; aprendendo a conviver com as diferenças, a se comportar no confronto com as diversidades, dentre outros.

Francisco Gutiérrez (1978), em sua pesquisa sobre educação na era da informação, sugere que a escola atual dê mais atenção à sensibilidade do indivíduo do que para uma racionalidade abstrata e distante. Sendo assim, a educação não pode estar apoiada somente nos trabalhos amparados pelas tecnologias, mas num trabalho de colaboração entre os sujeitos e as instituições no intuito de permitir ao cidadão o direito de encontrar seus espaços pessoais, sociais e profissionais e tornarem-se cidadãos realizados e produtivos.

A escola precisa romper com o conceito acadêmico e iluminista de uma cultura engessada e proporcionar aos alunos momentos de vivências racionais e afetivas do mundo em espaço síntese, como denomina Libâneo (2003),

Síntese entre a cultura experienciada que ocorre na comunidade, na cidade, na rua, nas praças, nos pontos de encontro, nos meios de comunicação, na família, no trabalho, e aquela cultura formal que a escola representa. É claro que a síntese disso é uma cultura crítica. (LIBÂNEO, 2003, p.24)

Isso significa que essa apropriação crítica de conhecimento propõe o reconhecimento e a valorização do aluno como uma identidade em formação, como pessoa, e que devem ser facultadas a ele as dimensões afetivas, subjetivas, estéticas, e culturais que lhe são inerentes. O que não quer dizer que a escola não tenha que preparar este aluno para uma sociedade global, mas lembrando-se do que relata Libâneo (2003, p.31), com o grande número dos excluídos socialmente, ressalta-se a necessidade de preparar estes alunos para que sejam inseridos no mundo do trabalho de forma crítica e conscienciosa, pois as oportunidades de inserção diminuem significativamente sem recursos culturais, e as possibilidades de transformação da realidade econômica dada praticamente se anulam.

Percebe-se que a educação está em constante desafio, diante das mudanças sociais e das transformações ocorridas nos demais setores da sociedade, o que vem pressionando a educação escolar por novas soluções em todos os níveis. Daí, a necessidade de novas propostas, implementação de novas formas de organizar processos de ensino-aprendizagem capazes de atender as exigências de uma nova sociedade da informação e do conhecimento.

### **3.2 A Educação na Era Tecnológica**

Durante muito tempo, mesmo nas sociedades que caminhavam rumo à democracia e ao progresso, considerou-se que a maioria das pessoas precisava apenas de uma instrução mínima. O fato de sair da escola aos 11 anos, mal sabendo ler e contar, não tinha nenhuma



importância para as crianças destinadas a trabalhar no campo ou nas fábricas, (Perrenoud, 2001), mas hoje, todas as crianças são tratadas como “iguais em direitos e deveres”, conforme a expressão de Bourdieu (1996).

A concepção social do “ser alfabetizado” mudou. Hoje em dia, o que se requer de uma pessoa alfabetizada é bem diferente. Saber só assinar o nome e conseguir ler instruções básicas e resolver questões de matemáticas simples não é mais suficiente. O mundo contemporâneo requer muito mais do que isso.

A escola é uma instituição que muito contribui no processo de aquisição de informações capazes de desenvolver no aluno habilidades que o tornam capazes de se interar com o mundo e contribuir para a sua evolução. É seu dever promover o desenvolvimento de conhecimentos, atitudes, comportamentos e ideias, que tornem os indivíduos aceitos pela sociedade moderna, com sua plena liberdade de consumo, de voto, de participação política, do direito de ir e vir, liberdade e responsabilidade da vida familiar. Por outro lado, defrontando-se com demandas contraditórias no processo de socialização das futuras gerações, características diferentes destas, também podem ser desenvolvidas pela escola, ao assumir-se a ideia de que, como cita Pérez Gómez (1988), “escola é igual para todos e que cada um chega onde suas capacidades e esforços pessoais lhes permitem” (p. 104). Deste modo, percebemos que não é somente da escola a responsabilidade de formar o indivíduo. Os alunos assimilam conhecimentos e ideias transmitidos por ela, mas o resultado do seu aprendizado é consequência das diversas interações culturais e sociais ocorridas no ambiente escolar, o qual influencia na sua forma de ser, pensar e agir e interagir com o mundo social e pessoal.

Entendemos que a educação é o elo que liga o indivíduo com o mundo e a acumulação de aprendizados que ele adquire com esta ligação enriquece o seu conhecimento. Daí a importância da educação como fator prioritário na formação do ser humano, potencializadora de seus desenvolvimentos moral, material e espiritual num processo contínuo de renovação.

Portanto, não podemos ignorar que os modelos de ensino focados nos professores continuam predominando, mostrando que a cultura escolar tem resistido bravamente às mudanças. De um lado, os alunos, chamados de “geração Z” ou “nativos digitais” chegam conectados ao mundo do *wireless* (sem fio), fatores estes, que se não forem tomados como pontos de estudos para uma ação positiva no trabalho docente, pode comprometer decisivamente a proposta da escola. Por outro lado, encontramos profissionais docentes

despreparados e alheios aos métodos que facilitariam seu trabalho com os alunos e trariam melhores resultados no aprendizado destes jovens.

Observa-se que este é um momento importante pelo avanço tecnológico, mas que coloca a escola diante de uma crise. O fracasso escolar tem sido uma preocupação de todos os envolvidos com a Educação e que desejam uma Escola e alunos competentes.

Para Gadotti (2006),

Neste começo de um novo milênio, a educação apresenta-se numa dupla encruzilhada: de um lado, o desempenho do sistema escolar não tem dado conta da universalização da educação básica de qualidade; de outro, as novas matrizes teóricas não apresentam, ainda, a consistência global necessária para indicar caminhos realmente seguros numa época de profundas e rápidas transformações. (GADOTTI, 2006, p.6)

Percebe-se, desta forma, que professores e gestores precisam rever suas ações e o seu papel no aprimoramento das suas práticas educativas, analisando seus conceitos didático-metodológicos de forma a adequar sua postura pedagógica ao momento atual. De acordo com Moran (2007), o avanço de qualquer país está vinculado à universalidade e a qualidade de educação, pois é através dela que o país evolui, torna-se competitivo, supera as desigualdades, oferecem melhores perspectivas de autonomia, empreendedorismo e empregabilidade.

Diante da afirmativa de Moran, que coloca a educação como um processo complexo e que depende de consciência e ação política e estratégias de governadores e gestores, percebe-se que ainda estamos distante de uma possibilidade de educação de qualidade. Por isso, a escola com seus gestores e professores encontra-se diante de um grande desafio ao deparar-se com a descontinuidade política e de gestão. Deve-se oferecer aos alunos uma educação dentro dos novos modelos exigidos pelas mudanças provocadas pela revolução tecnológica. Uma educação que estimule e provoque o aluno a buscar desafios, que seja capaz de identificar enunciados mais complexos, interpretar textos mais longos, expressar corretamente, ser capaz de competir no mercado de trabalho, saber interpretar e construir o mundo ao seu redor com autonomia.

A educação não acontece sozinha, ela precisa de uma escola que concentre seus esforços não só no ensino, mas numa gestão eficiente que envolva a comunidade de pais, alunos, profissionais da educação; que busque se integrar nos programas oferecidos pelos órgãos governamentais; que provoque iniciativas de trabalho em parcerias com outras

entidades envolvidas com o processo educativo. Isso faz com que os educandos tenham mais interesse pelos estudos (MORAN, 2007).

A escola, também, não é a única responsável pelo processo educacional. A educação é um processo de toda a sociedade, que acolhe todas as pessoas em qualquer situação pessoal, social e profissional e de todas as formas possíveis, em qualquer tempo e lugar. O indivíduo recebe da sociedade ideias, valores, conhecimentos. Além da sociedade, pode-se contar também, como educadores a família, igrejas, empresas, internet. Todas estas instituições ao mesmo tempo educam e são educadas, pois ensinam, sofrem influências umas das outras, aprendem e adaptam-se a novas situações.

### 3.2.1 Uma nova aliada da ação pedagógica: a indústria cultural

A educação no mundo contemporâneo não conta apenas com a participação da escola e da família. Outras instituições, como a mídia, surgem como aliadas a uma ação pedagógica. É a que chamamos de Terceira Cultura – a cultura da comunicação de massa, que alimenta e sobrevive à custa das culturas de caráter humanista-nacional, religiosa e escolar (MORIN, 1984).

Conforme considerações do autor a *indústria cultural* é toda cultura produzida para a população em geral – a despeito de heterogeneidades sociais, étnicas, etárias, sexuais ou psicológicas – e veiculadas pelos meios de comunicação de massa. Enfim, *indústria cultural* é toda manifestação cultural produzida para o conjunto de camadas mais numerosa da população; o povo, o grande público. Esta cultura desenvolveu-se a ponto de atenuar os outros tipos de cultura anteriores e alternativos a ela. Ela está presente na vida de cada um de nós, transmitindo valores e padrões de conduta e socializando muitas gerações.

Portanto, considera-se que a concepção de mais um modelo único de família, de escola e/ou mídia não seja apropriado, embora, cada uma dessas instituições pautem por propósitos e princípios distintos.

Estas instituições constituem-se por sujeitos em intensa e contínua interdependência entre si, e não podem ser vistas como estruturas que pressionam umas às outras como instâncias constituídas por agentes que se pressionam mutuamente no jogo da socialização.

Observando os pontos pertinentes a cada uma destas instituições, podemos considerar a família como responsável pela transmissão de um patrimônio econômico e cultural (BOURDIEU, 1999). De origem privilegiada ou não, ela transmite para seus descendentes

um nome, uma cultura, um estilo de vida moral, ético e religioso. A família é uma instituição que evolui conforme as conjunturas socioculturais. Ela é um importante elemento na determinação dos destinos pessoais e sociais, nas trajetórias educacionais e profissionais dos sujeitos.

A Escola, sem deixar de ser uma instituição do saber e da produção do conhecimento, perde o seu papel organizador, pois não monopoliza mais as referências identitárias (DUBET, 1996). Ela não se apresenta mais como eixo organizador de experiências. Não consegue conciliar as suas antigas funções de educar (transmitir valores), selecionar (capacitar o público) e socializar (adaptá-los a uma realidade social). Recebendo um público variado e não estando preparada para enfrentar os desafios propostos por ele, a escola torna-se uma agência da socialização enfraquecida, servindo de forma fragmentada às diferentes expectativas deste público.

A *indústria cultural* ao transmitir informação e entretenimento, transmite também valores e padrões de conduta diversificados. Considera-se que o caráter pedagógico dessa cultura é uma ampla circularidade dos bens culturais, juntamente com a difusão das informações que contribuem para o surgimento de novas formas de interação educativa (GIDDENS, 1994).

Portanto, os sujeitos sociais podem orientar suas práticas e ações a partir de outros parâmetros que não sejam mais exclusividade da escola e da família, mas apropriados por todos, numa configuração única, sujeita aos condicionamentos sociais; às experiências vivenciadas no universo familiar e escolar, produto da interdependência entre as agências da Socialização.

Grande parte das transformações ocorridas na realidade contemporânea deriva-se das relações de interdependência entre as instâncias: família e escola – e a emergência da *indústria cultural*.

### **3.3 A presença das TIC's no cotidiano atual**

Vivencia-se, ultimamente, um período de mudanças nas áreas econômicas, sociais, culturais, políticas, religiosas, institucionais e até mesmo filosóficas causadas pelas tecnologias que vão além dos computadores e das inovações na área de telecomunicações. O termo de tecnologia vai muito além de ferramentas ou equipamentos que utilizamos no dia a dia, ela faz parte da nossa vida, inclusive em questões intangíveis.

Tajra (2001, p.48) define as tecnologias em três grupos:

No *primeiro* grupo ela inclui caneta esferográfica, livro, telefone, aparelho celular, satélites, computadores. Tais ferramentas estão relacionadas com a biologia, química e física. Este grupo é chamado pela autora de “tecnologias físicas”.

No *segundo* grupo estão as maneiras de relacionarmos com o mundo; a organização dos sistemas produtivos, como por exemplo, os métodos de gestão pela qualidade total (5 S<sup>3</sup>, ISO 9000 e outros), este é o grupo das “tecnologias organizadoras”.

No *terceiro* grupo estão as “tecnologias simbólicas”. São aquelas relacionadas com o modo de se comunicar com as outras pessoas nos mais variadas códigos.

Estes três grupos estão interligados e são interdependentes e para a autora, quando se pensa em tecnologia aplicada à educação, pode-se dizer que são os instrumentos utilizados no processo de ensino e de aprendizagem. Sendo assim, estes instrumentos são denominados de “tecnologia educacional”.

Para apresentar esta discussão foram aproveitadas as contribuições de Rubim (2000)<sup>4</sup> que pesquisa as Novas Configurações da Política na Idade Mídia. O texto de Rubim busca construir bases teóricas para pensar a contemporaneidade como sociabilidade estruturada e ambientada pelas mídias, isto é, como *Idade Mídia*. De fato, o termo “Idade Mídia” é a contribuição de Rubim a essa linhagem semântica em consonância com o *ethos* contemporâneo: “Aldeia Global”, “Era da Informação”, “Sociedade Informática”, “Sociedade da Informação”, “Sociedade da Comunicação” ou “Sociedade dos Mass Media”, “Capitalismo de Informação” e “Planetas mídias”, entre outros.

O autor chama a atenção para a diversidade de trabalhos que buscam compreender a relação entre sociedade, mercado e informação, por se tratar de um assunto que aborda as transformações que vem proporcionando mudanças positivas nas várias áreas da sociedade, bem como no setor produtivo, econômico e cultural.

Ressalta-se que essa discussão sobre as TIC's vem acompanhada de um problema chamado de “exclusão digital” sofrido pelas pessoas de baixa renda devido à necessidade de universalização da democratização do acesso ao ensino. Portanto, a exclusão digital está ligada ao acesso ao ensino. É preciso lembrar que, diante do problema da exclusão digital, esquece-se de que o problema da Internet é a dificuldade ao acesso das pessoas. Mas mesmo

---

<sup>3</sup> Programa concebido por Kaoru Ishikawa em 1950, no Japão do pós-guerra, desenvolvido com o objetivo de transformar o ambiente das organizações e a atitude das pessoas, melhorando a qualidade de vida dos funcionários, diminuindo desperdícios, reduzindo custos e aumentando a produtividade das instituições.

<sup>4</sup> Professor do Departamento de Comunicação da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia.

assim, devemos considerar o que relata Lévy (2002, p.34) “a internet é um instrumento de desenvolvimento social. Devemos lembrar que a escrita demorou pelo menos 3000 anos para atingir o atual estágio, no qual a maioria sabe ler e escrever. A internet tem apenas 10 anos”.

Falar da inclusão digital implica pensar na questão da universalização do acesso ao computador. A Internet depende de outras iniciativas político-sociais, como por exemplo, a formação escolar do indivíduo de forma que possa garantir a qualidade deste acesso às novas tecnologias da informação e da comunicação. Sendo assim, as consequências e os impactos do mundo globalizado refletem-se na área educacional.

Discutir assuntos educacionais torna-se prioridade quando o que está em jogo é a formação do cidadão, como sujeito crítico, pensador, capaz de construir seus saberes e conseguir assimilar as ideologias subentendidas por trás das mídias, filtrando apenas o que lhe for conveniente. Afinal, da mesma maneira que a mídia traz as facilidades para a nossa vida, ela impõe seu poder de dominação, impondo o seu sentido ideológico em que a “era tecnológica”, ou “idade mídia”, determina uma nova ordem econômica e social, fazendo-nos absorver a ideia do consumismo desenfreado do neocapitalismo dominado pela organização da mídia global.

E assim também, cada vez mais, a evolução tecnológica vem provocando transformações em nossas vidas. A utilização dessas novas ferramentas como instrumento de trabalho e busca de informações vem crescendo de forma muito rápida.

A mudança causada pela tecnologia influi não só no que fazemos, mas na forma como nos comportamos ou estruturamos nossas ações e como nos relacionamos com o mundo. Tais modificações ocorridas na atualidade indicam o desenvolvimento de novas formas de organização dos setores produtivos, consequentemente pela introdução destas novas tecnologias, que implicam em transformações no trabalho e na sociedade. Esse novo cenário possui como características: desregulamentação do mercado de trabalho, predomínio do capital financeiro, fragmentação da classe trabalhadora, reorganização do trabalho em função do desenvolvimento de novas tecnologias comunicacionais e informacionais, predomínio cada vez maior do individualismo e competição acentuada entre os trabalhadores, sobretudo devido à diminuição, cada vez mais visível, dos postos de trabalho, dentre outras características.

Diante de todo o contexto evolutivo da tecnologia, causador das grandes transformações na sociedade nas várias áreas citadas, espera-se que mudanças positivas

ocorram, também, na educação, ao falarmos da inserção destes novos recursos no processo educativo.

Considerando esta grande revolução das TIC's, o contexto educacional tem acompanhado as exigências das indispensáveis transformações na estrutura escolar visando novas posturas que privilegiem as mudanças voltadas para um novo cenário do mundo contemporâneo e as instituições de ensino não podem ignorar essas mudanças econômicas e sociais que ocorrem no nosso planeta. Escola e educadores devem repensar o ensino e a inserção da tecnologia no processo educativo. Com a presença das tecnologias nas mais variadas áreas da sociedade, é possível entender as mudanças no cotidiano do ser humano. E a escola como formadora e sendo o local em que as crianças passam a maior parte do tempo, tem como um de seus objetivos, mediar a relação do educando com o computador.

Nesse sentido Dowbor (2001) afirma que:

As transformações que hoje varrem o planeta vão evidentemente muito além de uma simples mudança de tecnologias de comunicação e informação. No entanto, as TIC, como hoje são chamadas, desempenham um papel central. E na medida em que a educação não é uma área em si, mas um processo permanente de construção de pontes entre o mundo da escola e o universo que nos cerca, a nossa visão tem de incluir estas transformações. Não é apenas a técnica de ensino que muda, incorporando uma nova tecnologia. É a própria concepção do ensino que tem de repensar os seus caminhos. (DOWBOR, 2001, p.12)

Sendo assim, a educação atual se encontra diante de um grande desafio que é o de constituir-se em espaço de mediação entre o aluno e esse mundo tecnológico que lidam com a mente e o imaginário, por isso a importância de analisar como as TIC's têm contribuído para o processo educativo da educação básica, mediante a um panorama em que a escola ainda persiste em projetos pedagógicos e práticas educativas ultrapassadas, ignorando o avanço tecnológico e o intenso uso das tecnologias, o que não favorece o envolvimento e o interesse dos alunos no aprendizado, prejudicando a sua formação.

Contudo, há de se abordar também, a maneira como os docentes estão lidando com estas novas questões, visto que a missão da educação adequada aos dias atuais é de uma educação voltada para a formação de seres que saibam pensar, refletir, propor soluções para questões e problemas. Que sejam capazes de trabalhar e cooperar uns com os outros, que atuem como cidadãos na construção de uma sociedade melhor e mais justa, exigindo que o papel do docente não seja mais apenas o de repassar conteúdos, mas o de propulsar uma nova

prática pedagógica promotora de mudanças na vida de cada um, reinventando sua prática, tentando integrar o Currículo às novas mídias.

Como afirma Dowbor (2001),

O mundo que hoje surge constitui ao mesmo tempo um desafio ao mundo da educação, e uma oportunidade. É um desafio, porque o universo de conhecimentos está sendo revolucionado tão profundamente, que ninguém vai sequer perguntar à educação se ela quer se atualizar. A mudança é hoje uma questão de sobrevivência, e a contestação não virá de “autoridades”, e sim do crescente e insustentável “saco cheio” dos alunos, que diariamente comparam os excelentes filmes e reportagens científicos que surgem na televisão e nos jornais, com as mofadas apostilas e repetitivas lições da escola. (DOWBOR, 2001, p.13)

Em relação ao trabalho docente, existem intenções quanto às reais modificações no seu processo e prática pedagógica com a introdução de Novas Tecnologias Informacionais e Comunicacionais no seu cotidiano.

Os PCNs (1998) demonstram que o processo de reestruturação capitalista também está se tornando presente no cotidiano profissional do docente, ao indicarem o uso de novos recursos tecnológicos no processo de ensino-aprendizagem.

São visíveis as alterações no perfil do trabalhador, e em pouco tempo a sobrevivência no mercado de trabalho dependerá da aquisição de novas qualificações profissionais. Torna-se necessário, cada vez mais, que o trabalhador tenha conhecimentos atualizados, que ele seja flexível, tenha iniciativa, atitude crítica, competência técnica, capacidade de propor novas alternativas, criar novas soluções e saiba lidar com a quantidade crescente de novas informações, em novos formatos e com novas formas de acesso (BRASIL, 1998).

Estas observações sustentam a ideia de que, em um mundo influenciado pelo contexto tecnológico, a escola assume seu papel importante de formadora de cidadãos, seja para o fornecimento dos meios já existentes, seja para a qualificação de outro.

### **3.4 A integração das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) na educação sob a luz de alguns autores**

Em consequência das grandes evoluções tecnológicas, estamos vivenciando uma intensa revolução nas áreas da informática, da automação e das (TIC's), e com isso,



encontramo-nos diante de um cenário que exige de nós grandes transformações voltadas para o saber viver nesta nova era das novas tecnologias.

Moran (2009) afirma que um dos eixos das mudanças na educação passa pela transformação da educação em um processo de comunicação autêntica e aberta entre professores e alunos, incluindo também, administradores, funcionários e comunidade, principalmente os pais. Enquanto Valente (1997) defende a ideia de que o uso inteligente do computador na educação é o que possibilita mudanças no sistema atual. Este deve ser um recurso com o qual o aluno possa criar, pensar, manipular a informação e que permita a construção do conhecimento. Todavia, o uso do computador na educação pode ser direcionado para a promoção do ensino e para a construção do conhecimento pelo aluno.

É preciso entender as tecnologias como meios de estimular e gerar culturas e de interação social. Sem estes meios seria bem mais difícil a continuidade da evolução não só no processo de ensino, mas também na vida profissional e social de todo cidadão.

Para Dowbor (2001),

Não se trata de usar as tecnologias a qualquer custo, mas sim de acompanhar consciente e deliberadamente uma mudança de civilização que questiona profundamente as formas institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas educacionais tradicionais e, sobretudo os papéis de professor e de aluno. (DOWBOR, 2001, p.13)

Dessa maneira, Lévy (1999) enfatiza, ainda, que será necessário, também, buscar soluções que utilizem técnicas capazes de ampliar o esforço pedagógico dos professores e dos formadores desses profissionais.

Por isso, ressalta-se aqui, a necessidade de reflexão e implantação de metodologias pedagógicas em função das novas possibilidades abertas pelas novas tecnologias da informação e comunicação em relação ao processo de interação entre os sujeitos e em função da flexibilidade relacionada ao tempo/espço destinado à aprendizagem (SOUZA, 2003). Destaca-se então, a importância da interação entre os pares e da organização dos espaços escolares, do papel do educador e também como se dá a relação do aluno com o meio proporcionado a ele e com as diferentes culturas apresentadas. Os espaços que se constituem dentro do contexto da educação devem ser preparados para o aluno e com o aluno, respeitando o direito que todo discente tem de buscar a construção da sua autonomia, sua identidade bem como, o seu próprio conhecimento e ao educador cabe o papel de alguém que reconhece a sua verdadeira e importante função dentro dos espaços, participando como

alguém que por ser mais experiente tem muito a planejar, intervir, mediar e proporcionar aos seus educandos.

Embora o tempo cronológico seja distribuído, de certa forma, igualitário para atender a todos, podemos perceber que nessa distribuição, o tempo de ensino e assimilação que cabe a cada aluno não é necessariamente o mesmo. A divisão, distribuição, organização e encadeamento do tempo são tomados por cada professor como atributo que cabe a cada um. O tempo é o ritmo e o professor deve conferir este ritmo em sincronia e diacronia com o seu trabalho, respeitando simultaneidade e diacronia de cada aluno.

Conforme se pode observar, é necessário que se avance nas metodologias, utilizando-se de recursos mais modernos para a contribuição deste trabalho docente. Sendo assim, é importante pensar como integrar essa nova forma de trabalhar com o espaço e tempo do aluno e o espaço e o tempo disponibilizados pelas instituições de ensino. Nesse sentido, Moran (2000) afirma que,

Cada docente pode encontrar sua forma mais adequada de integrar as várias tecnologias e procedimentos metodológicos. Mas também é importante que amplie e que aprenda a dominar as formas de comunicação interpessoal/grupal e as de comunicação audiovisual/telemática. (MORAN, 2000, p.137)

Conforme o autor, não há um modo específico de como utilizar essas tecnologias. Cada professor deve procurar a forma que mais lhe ajude na maneira de trabalhar com os alunos, que mais lhe facilite a comunicação e que dê melhores resultados para o aprendizado. É importante também, diversificar as formas de trabalhar as atividades e de avaliá-las.

Para Fagundes (2007) as tecnologias digitais estão realizando transformações profundas nos processos de aprendizagem e nas mudanças da escola. Reflete que o uso das tecnologias na educação propicia a interdisciplinaridade, uma organização hierárquica, estimula a participação cooperativa e solidária, promove a autonomia e a responsabilidade da autoria nos alunos.

No entanto, para Froes (1996),

Os recursos atuais, os novos meios digitais: a multimídia, a Internet, e telemática, trazem novas formas de ler, de escrever e, portanto, de pensar e agir. O simples uso de um editor de textos mostra como alguém pode registrar seu pensamento de forma distinta daquela do texto manuscrito ou mesmo datilografado, provocando no indivíduo uma forma diferente de ler,

de interpretar o que escreve, forma esta que associa, ora como causa, ora como consequência, a um pensar diferente. (FROES, 1996)

Sob essa ótica, podemos perceber que a informática não é uma ferramenta estática, utilizada apenas para produzir um trabalho ou buscar uma informação e sim que, quando interagimos com ela estamos sendo influenciados por um novo sistema cheio de recursos que evolui a cada dia.

Portanto, o momento atual requer uma visão diferenciada do mundo. Vivemos na era da tecnologia, onde a informática não é apenas uma ferramenta que atua em nossas vidas, mas uma tendência tecnológica da qual fazemos parte. A globalização exige de nós um conhecimento holístico da realidade, em que este conhecimento possa ser compreendido como um todo integrado e não fragmentado, delimitando fronteiras.

Segundo Pérez-Gómez (1998),

[...] a Escola pode ser compreendida como um intercruzamento de diferentes culturas expresso em: significados, valores, sentimentos, costumes, rituais. Os novos currículos educacionais contam, hoje, com uma rica parceria pedagógica, chamada de “redes Sociais digitais” que rapidamente se instalou em nossas vidas, querendo ou não, participando do processo educativo da escola e da família. (PÉREZ-GÓMEZ, 1998, p.13)

Esta integração das mídias facilita para que se atinjam os objetivos propostos, no intuito de formar o indivíduo para um mundo humano ético e sensível, como relata Behrés (2005).

Para Moran (2004), é possível constituir novos formatos para as mesmas concepções de ensino e de aprendizagem, inscritos em um movimento de modernização conservadora, ou ainda, como acrescenta Barreto (2001; 2002; 2003), em condições específicas, instaurar diferenças qualitativas nas práticas pedagógicas.

As novas ferramentas favorecem a construção de um trabalho conjunto entre professores e alunos próximos física e virtualmente, a pesquisa em tempo real; a criação de páginas em que possam construir e colocar notícias do dia a dia da turma ou da escola, resultados de pesquisas, textos relativos aos conteúdos trabalhados em sala, trabalhos concluídos em outras disciplinas, relatos de eventos do ambiente escolar. A criação de uma página incentiva a participação de todos, aguçam a curiosidade dos colegas de outras turmas e exige maior participação dos envolvidos no processo de comunicação, tornando a relação

professor-aluno mais aberta, interativa, além de uma integração entre a escola e a sociedade, entre a aprendizagem e a vida.

De acordo com Sacristán (2000),

As aprendizagens que os alunos realizam em ambiente escolares não acontecem no vazio, mas estão institucionalmente condicionadas pelas funções que a escola, como instituição, deve cumprir com os indivíduos que a frequentam. É a aprendizagem possível dentro dessa cultura escolar peculiar definida pelo currículo pelas condições que definem a instituição-teatro no qual se desenvolve a ação. (SACRISTÁN, 2000, p.89)

O autor afirma ainda que:

Potencializar a qualidade da educação exige melhora das condições nas quais essa aprendizagem pedagógica se produz. A mudança qualitativa no ensino, que tem muito a ver com o tipo de metodologia ou prática que os professores desenvolvem e com os conteúdos curriculares se apoia, além disso, em todos os componentes contextuais que condicionam a aprendizagem escolar, alguns deles pouco evidentes à primeira vista. (SACRISTÁN, 2000, p.89)

Diante destas afirmações, pode-se perceber a importância da inserção e a integração das mídias ao currículo no âmbito escolar e, para isso, é preciso inserir as diversas tecnologias da informação e das comunicações no desenvolvimento dos cursos de formação de professores, preparando-os para a finalidade mais nobre da educação escolar: a gestão e a definição de referências éticas, científicas e estéticas para a troca e negociação de sentido, que acontece especialmente na interação e no trabalho escolar coletivo.

Ensinar com as novas tecnologias só trará benefícios ao ambiente escolar se estivermos dispostos a enfrentar os novos paradigmas convencionais do ensino em que professor deixará de ser o transmissor de conhecimentos e será o mediador, motivador, orientador, que se permite aprender com o aluno, pois segundo Kenzi (2007, p.103) “a proximidade com os alunos ajuda-o a compreender suas ideias, olhar o conhecimento de novas perspectivas e aprender também”.

Para André (2004, p.25), “Gerir e referir o sentido será o mais importante e o professor precisará aprender a fazê-lo em ambientes reais e virtuais”, portanto, ensinar com as tecnologias não se resume apenas no uso do computador, do vídeo, do giz, do lápis e do papel, mas sim em conhecer e saber utilizar cada uma dessas ferramentas, criando formas

interessantes que facilitem e tornem mais dinâmico o aprendizado dos alunos, tendo em mente que o mais importante não é o professor ensinar, é o aluno aprender.

### **3.5 O Uso das TIC's no ensino-aprendizagem**

As tecnologias mencionadas neste trabalho referem-se a equipamentos e ao modo como são empregados na transmissão de informações, na comunicação e nos trabalhos pedagógicos com fins educacionais, ou seja, para facilitar a interação entre docentes e discentes na construção do conhecimento. De acordo com as teorias de Piaget (1977), Schon (1983), Vygotsky (1988; 1997; 2002), Gardner (1995), Freire (2002), e outros autores, pedagogicamente, as tecnologias podem contribuir de diversos modos, tanto como material didático promovendo a interatividade, como mediadora, servindo como dispositivo de interação.

Para autores como Pfromm Netto (1998), Dowbor (2001), Landry (2002), Alava (2002) e Valente (2002) e outros, a educação tem de se atualizar inserindo no processo de ensino as TIC's, mas Valente (2002) ressalta que é preciso refletir sobre essa atualização, pois informatizar a educação, por si só, não garante a construção do conhecimento.

Dowbor (2001) é um grande incentivador do uso da TIC's na educação, e afirma que a informática, associada à Internet, permite: a) estocar grande quantidade de informações; b) utilizar as informações para uso adequado, de forma inteligente, permitindo a formação de bancos de dados sociais e individuais de uso simples e prático, e eliminando as rotinas burocráticas que paralisam o trabalho científico; c) transmitir as informações de modo bastante flexível; d) agregar a imagem fixa ou animada, o texto e o som de modo simplificado; e e) trabalhar os sistemas sem ser especialista.

Para o autor, apesar do uso do computador ser um pouco mais complicado do que o uso da máquina de escrever, ele traz como benefício uma mudança de atitude frente ao conhecimento de forma geral, significando mudança cultural.

Além do uso da internet, podem-se citar também como recursos pedagógicos, os *softwares* e *hardwares* usados para o trabalho criativo que desenvolvem nos usuários, a capacidade de automação dos vários processos disponibilizados no computador e seus periféricos. Tais capacidades desenvolvem-se na captação da informação associada com produtos da mente humana (imagens, música e ideias). Utilizando a tecnologia, o usuário não apenas executa as tarefas que o *software* permite, mas desenvolve a capacidade de criar, a

partir da compreensão do funcionamento desse *software*. E de maneira transdisciplinar, segundo a qual uma área tem implicações sobre a outra, visando não apenas ao uso pragmático do *software*, mas a suas implicações da formação.

O âmbito educacional conta, hoje, com um universo de possibilidades de utilização das tecnologias. Com elas o professor é capaz de potencializar o ensino aprendizagem com melhor aproveitamento pedagógico.

Diante do exposto, as possibilidades de utilização das TIC's no processo de construção do conhecimento passam necessariamente pela formação continuada dos professores, para que a utilização destas ferramentas tornem “instrumentos” facilitadores de uma aprendizagem significativa e crítica, que possibilite o bem comum no sentido amplo, ou seja, concilie os interesses individuais com os interesses coletivos.

Para isso, é aconselhável que os educadores aprendam a gerenciar estas possibilidades disponibilizadas pelas TIC's para integrá-las de forma aberta, equilibrada e inovadora no seu cotidiano docente.

O uso das TIC's por si só não se justifica. Só pode ser justificada, pelos objetivos que se pretende alcançar, que é a construção do conhecimento e neste contexto, o professor assume um papel primordial. Para isso, é importante que ele tenha consciência da necessidade de sua adequação a esta nova realidade e busque formas que possibilitem a utilização desses recursos e ferramentas em benefício do aprendiz.

O perfil do estudante mudou. Hoje ele faz várias atividades ao mesmo tempo, assiste TV, navega na *Internet*, faz a tarefa, relaciona-se com seus colegas e amigos pelos comunicadores instantâneos, desenvolvem novas habilidades. E para atender este sujeito *multifuncional*, o professor precisa buscar atividades interessantes para conquistar o interesse e a atenção deste aluno.

Sabemos que é um grande desafio, mas precisamos ser otimistas e aproveitar este contato que o jovem vive hoje com o mundo, como aliado no processo de ensino aprendizagem, basta que o professor seja criativo e dedicado.

Escola e educadores precisam estar preocupados em formar pessoas ativas, capazes de viver no mundo da imagem e da informação, seres humanos hábeis para construir seus próprios conhecimentos, utilizando as TIC's como forma de desenvolvimento crítico e com capacidade de raciocinar.

Segundo Demo (2009, p.96), “A aprendizagem tecnologicamente correta significa aquela que estabelece com tecnologia a relação adequada no sentido de aprimorar a

oportunidade de aprender bem”. Desta forma, entende-se que o uso da tecnologia implica, necessariamente, na autoria daquele que ensina. Aprender bem é construir, reconstruir, e entender que o conhecimento é transitório. O autor afirma que “aprender bem” acontece numa relação pedagógica de dentro para fora e destaca que as novas tecnologias acentuam a necessidade da “autoria”.

Moran afirma (2009) que:

As tecnologias nos ajudam a realizar o que já fazemos ou desejamos. Se somos pessoas abertas, elas nos ajudam a ampliar a nossa comunicação; se somos fechados, ajudam a nos controlar mais. Se temos propostas inovadoras, facilitam a mudança. (MORAN, 2009, p.27)

Com base na ideia de Moran, pode-se entender que a mudança proporcionada pela inserção das tecnologias na educação é extremamente relevante para romper com paradigmas impostos pela educação tradicionalista, contribuindo assim para a criação de novas propostas metodológicas e para o enriquecimento do processo ensino/aprendizagem.

Porém, só podemos falar em educação se estivermos inseridos na realidade de nossos educandos. Precisamos estar preparados para este desafio, buscando desenvolver as habilidades necessárias e conhecer os recursos disponíveis e suas possibilidades.

Precisamos discutir a forma de utilização dos meios tecnológicos como apoio pedagógico. Além de estar preparado para um trabalho comprometido com os novos modelos educacionais, o professor deve estar também, atento à nova legislação e orientar aos seus alunos sobre como utilizar estes recursos, deixando claro como utilizar imagens, privacidade, spam, limite de brincadeira, difamação em dimensão global. É preciso estar atento às novidades bem como aos riscos e novos meios de fraude e atos ilícitos. Desta forma, a instituição não estará apenas cumprindo com o seu papel educacional, mas também se protegendo e contribuindo para a evolução do cidadão.

### 3.5.1 A Evolução dos recursos didáticos

Chamamos de recursos didáticos a todos os materiais ou ferramentas utilizadas para o ensino de algum conteúdo ou transmissão de informações. Estes materiais ou ferramentas são empregados como métodos de ensino que colocados em prática de forma adequada e correta ajudam a transformar as ideias em fatos e em realidades. Esses instrumentos são capazes de

transferir circunstâncias, conhecimentos, demonstrações, sons, imagens e fatos para o campo da consciência, onde então, eles se convertem em ideias claras e compreensíveis.

Sabe-se que a aprendizagem se dá por meio da percepção do mundo através dos sentidos: gosto, olfato, tato, audição e visão, o que favorecem a retenção das informações por experiências sensoriais. Estas situações são vivenciadas intermediadas pelo professor no momento em que o aluno está lendo, escutando, vendo, ouvindo e discutindo, dizendo e realizando. Conforme afirma Norbis (*apud* Belloni, 2002, p.52), “A percepção é elemento fundamental como base para a memorização, porque não há formação científica sem retenção do que se entendeu”.

Vários são os recursos empregados pelos profissionais da educação para a transmissão de conhecimentos no intuito de despertar em seus alunos o desenvolvimento cognitivo. Conforme redação de Wilbur Schramm (*apud* SANT’ANNA, 2004), a evolução dos recursos didáticos passa por quatro gerações:

- a) Primeira geração: explicação no quadro, mapas;
- b) Segunda geração: manuais, livros, textos impressos;
- c) Terceira geração: gravações, fotografias, filmes, fixos, rádio, televisão; e
- d) Quarta geração: laboratórios linguísticos, instrução programada, emprego de computadores.

Observamos através das gerações apontadas pelo autor que os recursos utilizados foram se desenvolvendo de acordo com a necessidade de se aprimorar o processo de ensino-aprendizagem. Por isso, com objetivo de entendermos melhor a evolução destes recursos e a aplicação deles no trabalho pedagógico, percorremos através do tempo e da história a fim de relembrar a sua trajetória desde os jesuítas até os tempos atuais.

Com o espírito de inovação e a necessidade de novos recursos, as cartilhas evoluíram e novos artifícios vieram auxiliar o trabalho de ensinar, como os pequenos textos e exercícios até o que chamamos hoje Livro Didático. Dessa forma, já havia naquele momento a preocupação com o modo de ensinar a língua e quais tecnologias facilitadoras a serem usadas. O termo *tecnologia* define-se, conforme o dicionário: “sf. Conjunto de conhecimentos, especialmente princípios científicos, que se aplicam a um determinado ramo de atividade” (Aurélio, p. 702). Sendo assim, fica evidente que os recursos utilizados para auxiliar no ensino foram, certamente, muito eficazes para facilitar a atuação dos catequistas ao ministrar as aulas.



Em seguida, surge o *quadro negro* que possibilitou ao professor atender vários alunos de uma só vez. Assim, o aluno podia ouvir o professor e ver o que era dito escrito à sua frente, podendo copiar. Estas são atividades que, por serem vivenciadas pelos aspectos sensoriais: audição e visão são colaboradoras para o processo cognitivo.

Novas tecnologias surgem para auxiliar o trabalho pedagógico, como por exemplo, a máquina de escrever, o mimeógrafo, máquina copiadora, assim os textos podiam ser copiados na máquina de escrever, multiplicado na máquina de Xerox e distribuídos para os alunos; em seguida, com o retroprojektor através de uma tela ou mesmo da parede da sala podia-se apresentar à turma textos e imagens, tornando as aulas mais interessantes e dinâmicas, atraindo mais a atenção do aluno.

Mais tarde o ambiente escolar adota aparelhos eletrônicos usados em ambiente familiar e de lazer, como a TV, o Videocassete, posteriormente substituído pelo DVD, o Micro System, Câmera filmadora e fotográfica e o Computador. Essas novas ferramentas trouxeram grandes contribuições para o desempenho das aulas, podendo ouvir músicas, assistir a filmes e a debates, documentários entre outras.

Os recursos audiovisuais destacaram-se como recursos mais utilizados nas relações pedagógicas no Brasil, desde os anos de 1970, juntamente com o modelo educacional *Tecnista*. Segundo Subtil e Belloni, (2002, p.50), esse modelo “considerava a eficiência do ensino uma decorrência do uso adequado e planejado de métodos e técnicas instrucionais. Tal concepção busca aplicar aos processos educacionais às técnicas de organização do trabalho típicas do modelo fordista de produção industrial”.

Os audiovisuais vieram através dos meios técnicos como os retroprojetores, projetores e filmes educativos, considerados como um moderno método de ensino com possibilidade de ilustrar e tornar concreto o ensino para os alunos. Isso significa para os teóricos representantes da corrente intuitiva como: Comênio (1592-1670), Rousseau (1712-1758), Herbart (1776-1841), Pestalozzi (1782-1852) e Maria Montessori (1870-1952) a importância em partir do sensível para chegar ao intelectual, ou seja, trabalhar a partir dos elementos sensoriais para desenvolver o cognitivo.

Devido à disseminação social do avanço técnico, a partir de 1980 os audiovisuais foram inseridos em um novo modelo de recurso didático e tiveram uma nova denominação de “Novas Tecnologias Educacionais”. Com essas novas formas de ensinar, acredita-se numa maior aproximação do ensino à realidade através de materiais concretos e de modernos meios

tecnológicos capazes de motivar os alunos na busca do conhecimento e diminuir o atraso educacional em relação ao desenvolvimento tecnológico.

É válido lembrar que dentre os recursos citados, o Livro Didático sempre manteve sua presença e permanece até hoje auxiliando o professor e o aluno na busca dos registros, nas mais diversas tipologias textuais: informativa, histórica, científica, etc., tanto em sala de aula como em casa.

Os recursos didáticos estão divididos em dois tipos: os *independentes*, que são totalmente autossuficientes e não necessitam do auxílio de outros materiais para a transmissão de determinada ideia ou conteúdo, como por exemplo: Cartaz, Flanelógrafo, Ilustração ou Gravura, Jogo, Jornal Escolar, Jornal, Livro Didático, Mapa, Globo, Peça Teatral e Sucatas. E os *dependentes* que, como o próprio nome já diz, dependem de outras ferramentas para auxiliarem na transmissão das informações para que o entendimento da ideia seja claro e eficaz. Alguns exemplos de recursos dependentes são: Rádio, VHS e DVD, Fita Sonora e CD, Computador, *Internet* e suas ferramentas.

Para Wilbur Schramm (2002), como materiais auxiliares para processo de aprendizagem, os recursos didáticos classificam-se em:

- Naturais: elementos de existência real na natureza, como água, pedra, animais;
- Pedagógicos: quadro, flanelógrafo, cartaz, gravura, álbum seriado, slide, maquete e etc.;
- Tecnológicos: *Internet* e seus dispositivos, rádio, toca-discos, gravador, televisão, vídeo cassete, computador, ensino programado, laboratório de línguas; e
- Culturais: biblioteca pública, museu, exposições.

Esses são os recursos considerados mais comuns e grandes colaboradores nas práticas pedagógicas. Com eles os educadores buscam despertar e motivar o interesse dos alunos, desenvolver a capacidade de observação, aproximar o participante da realidade, internalizar as informações visualizadas nos conteúdos de aprendizagem, oportunizar a busca do próprio conhecimento através das informações oferecidas no ambiente de estudo, esclarecer noções mais abstratas e trabalhar e desenvolver a experimentação concreta.

Hoje, o computador, ferramenta inicialmente desenvolvida para facilitar trabalhos em empresas e em setores governamentais, passa a fazer parte do ambiente familiar e conseqüentemente do contexto escolar. TAJRA (1998, p.14) cita em suas pesquisas, a inserção do computador na escola, já em 1983, através do Projeto Educom-Educação com Computadores. “a primeira ação oficial e concreta para levar os computadores até as escolas

públicas. Foram criados cinco centros-piloto, responsáveis pelo desenvolvimento de pesquisa e pela disseminação do uso dos computadores no processo de ensino-aprendizagem” (p. 14).

Outros projetos e vários programas foram criados pelo governo brasileiro, com a intenção de informatizar o ensino, mas o mais atuante deles foi o Proinfo, um programa educacional com o objetivo de promover o uso pedagógico da informática na rede pública de educação básica. O programa leva às escolas computadores, recursos digitais e conteúdos educacionais. Em contrapartida, estados, Distrito Federal e municípios devem garantir a estrutura adequada para receber os laboratórios e capacitar os educadores para uso das máquinas e tecnologias. O Proinfo tinha como proposta abranger o Ensino Fundamental e Médio e ter como base, em cada unidade de federação, núcleos de Tecnologia Educacional, com estruturas descentralizadas de apoio ao processo de informatização nas escolas, auxiliando tanto no processo de incorporação e planejamento da nova tecnologia, quanto no suporte técnico e na capacitação dos professores e das equipes administrativas das escolas (TAJRA, 1998).

Com a chegada do computador na escola, os recursos citados anteriormente, passariam a ser descartados ou pouco utilizados, uma vez que, com o computador e o acesso à internet, eles poderiam parecer ultrapassados e inúteis, mas o que se tem visto não é bem assim. Há de se pensar que a simples presença do computador na escola não delibera por si só, o trabalho do professor. Sugere-se que haja, por parte dos educadores, vontade e condições que o levem a aceitar o desafio de uma nova proposta de trabalho, para o qual ele deverá se capacitar e se inserir numa nova perspectiva de trabalho conjunto, no qual todos os trabalhadores da escola deverão estar incluídos. Desse modo, e com as dificuldades em se adaptarem às novas práticas tecnológicas, muitos professores ainda permanecem nos antigos métodos de ensino, pela facilidade e comodidade no manuseio das velhas ferramentas.

Há nesse momento de mais um passo na evolução dos recursos pedagógicos uma preocupação em relação ao papel do professor e a dimensão das novas tecnologias. Por serem os sujeitos transmissores de conhecimentos, desencadeadores de uma aprendizagem ativa, e mediadores no processo de interação professor/aluno/conhecimento, urge a necessidade de uma formação destes sujeitos, compatível com a necessidade desta nova realidade de ensino. O papel do professor na transmissão do saber com a nova tecnologia é assegurar a criação de condições para a comunicação em sala de aula e a interação dos alunos com o conhecimento, inserindo-os ao mundo do conhecimento, mediados pelas ferramentas disponibilizadas pelas novas tecnologias. E isso é bastante oportuno, uma vez que os alunos, atualmente, estão

submetidos à influência das técnicas de comunicação de massa e são resultados dessa vivência.

Há de se considerar os objetivos específicos e os mais gerais que se quer atingir com determinado conteúdo e com a disciplina a ser lecionada respectivamente, e quais metodologias de ensino se pretende desenvolver uma vez que a reflexão sobre os conteúdos exige também a reflexão sobre os métodos e conceitos porque eles são elementos integrados no contexto didático (CAVALCANTI, 2008).

Percebe-se que dentro de qualquer corrente pedagógica é importante entender que a relação ensino/aprendizagem pode ser estabelecida numa inter-relação entre sujeitos professor-aluno, aluno-professor, e para isso o educador precisa estar pronto, mediado ou não pelas mídias ou tecnologias, para adequar suas práticas às novas metodologias oferecidas pelo avanço da técnica e da ciência.

Seguindo os PCNs (2000), a inserção de inovações tecnológicas no ambiente escolar só é válida, se contribuir para melhorar a qualidade de ensino, caso contrário continuarão os velhos métodos de ensino mascarados de uma nova roupagem que de nada adiantarão. Os Parâmetros (1997, p.140) relatam que: “As tecnologias devem servir para enriquecer o ambiente educacional, propiciando a construção de conhecimentos por meio de uma construção ativa, crítica e criativa por parte dos alunos e professores”. Entende-se assim, que as tecnologias como ferramentas auxiliares para os educadores devem ser um tema bem pensado para que a escola não se iluda com uma proposta de uma pedagogia nova, mas que continua com os mesmos erros da pedagogia tradicional.

Os PCNs (2000) abordam ainda, a importância dos recursos tecnológicos na sociedade contemporânea e essencialmente na educação considerando que:

[...] a educação nos dias atuais está passando por um processo de renovação de espaços, de ressignificação de conteúdos e de valores, tendo como ponto de partida todas as mudanças ocorridas na sociedade. Enfim, a escola como instituição integrante e atuante dessa sociedade não pode ficar de fora ou à margem deste dinamismo, tendo de se enquadrar nesse processo de transformação educacional e comunicação autêntica, aberta entre professores e alunos principalmente, mas também incluindo administradores a comunidade, principalmente os pais. (BRASIL, 2000)

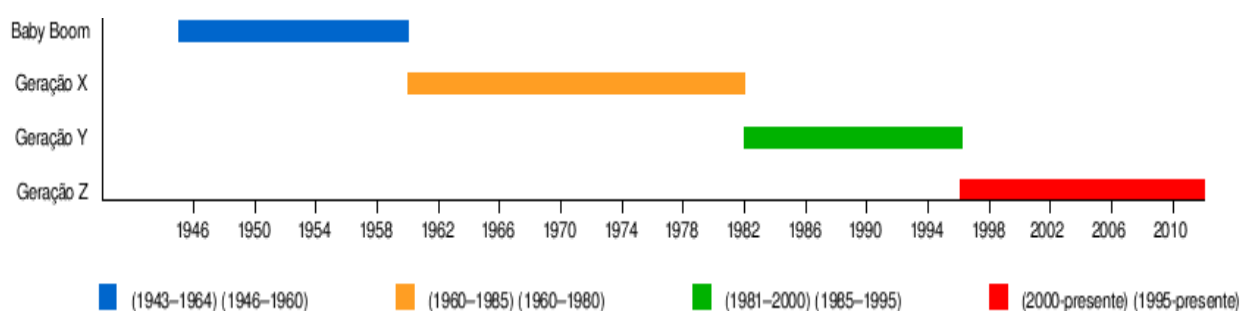
Sendo assim, entende-se que as Novas Tecnologias da Informação e Comunicação, utilizadas como novos recursos didáticos, podem ser usadas como ferramentas facilitadoras e de apoio ao professor, mas não para substituí-lo. O sistema educacional, ainda moldado num

sistema tradicionalista, depara-se agora com uma evolução destes paradigmas influenciada pelos recursos das novas tecnologias. O processo educacional evolui acompanhando a evolução social, o que inclui necessariamente os avanços pedagógico-tecnológicos, permitindo a criação de um método educativo alternativo e o uso do mesmo para capacitar os docentes em técnicas e tecnologias possíveis no emprego desses novos recursos.

### 3.5.2 O perfil do aluno na “Idade Mídia”

Definir o perfil do aluno atual impõe uma série de reflexões voltadas às relações de níveis sociais, culturais e intelectuais, uma vez que com a chegada da “Idade Mídia”, como define Rubim (2000), em suas pesquisas, a contemporaneidade pode ser definida como sociabilidade estruturada em um ambiente em que a relação entre sociedade, mercado e informação proporcione mudanças que coloquem todos num mesmo patamar caracterizado com o momento atual. Porém, sabe-se que, desde o início das socializações, a evolução e progresso andam em passos desiguais.

Para melhor entender as denominações das últimas gerações, apresenta-se aqui uma tabela com uma média das datas mais comuns. Por não haver consenso sobre os anos limítrofes de cada geração, a tabela apresenta uma média simples das datas, exibindo na legenda concepções mais abrangentes e mais restritas de cada caso.



**Gráfico 1** – Denominação das gerações

Fonte: Disponível em: <<http://business.highbeam.com/1146/article-1G1122480429/generation-z-connection-teaching-information-literacy>>. Acesso em: 30 out. 2012.

Seguindo as linhas do Gráfico 1, percebe-se que os *Baby boomers* são pessoas nascidas na década de 1950 e início de 1960, filhos de pessoas nascidas nos anos 1920, 1930 e 1940. A Geração X são as pessoas nascidas nas décadas de 1970 e 1980. A Geração Y são pessoas nascidas nos anos de 1990 e trazem consigo as características do jovem denominado “geração Z”, nomenclatura que define a geração de pessoas nascidas desde a segunda metade da década de 1990 até os dias de hoje. Segundo o IBGE Mídia de 2011, esta geração representa 18% da população, adora games, vídeos e música. Destes, 96% são solteiros, 31% conseguiram o primeiro emprego, 71% usam redes sociais e 94% têm celulares<sup>5</sup>.

Estes jovens da geração “Z” não conhecem a vida antes da *Internet*, redes sociais, *smartphones*, *notebooks*, *iPhones*, *iPads* e *e-books*. São calculistas, práticos, imediatistas e têm um poder de concentração menor do que das gerações passadas, por isso deve ser levado em conta quando se faz um plano de marketing dirigido a eles, pois com a rapidez com que a tecnologia evolui acabam por condicionar estes jovens a deixar de dar valor às coisas muito rapidamente, e despertar a ansiedade por receber as novidades lançadas no mercado, como brinquedos, roupas, tênis e aparelhos eletrônicos.

Ao contrário do sucesso da vida virtual, a vida real tem suas desvantagens com relação ao desenvolvimento de habilidades em relacionamentos interpessoais. Por viver no virtual o impossível do mundo real, estes jovens são fascinados por simulacros fantasiosos onde eles podem viajar e viver num mundo onde tudo é possível; serem o herói que quiserem, sem censura ou repreensão. Talvez por isso, tenham problemas de interação social, dificuldade de se comunicarem verbalmente e não são capazes de ouvir as pessoas à sua volta, estão sempre de fones de ouvido na rua, na escola, no ônibus e por e falarem pouco são definidos como egoístas. Com esses comportamentos acabam por causar conflitos com as gerações anteriores à sua.

A rotina dos chamados “geração Z” está fortemente vinculada ao uso de videogames supermodernos, computadores cada vez mais velozes, programas e recursos mais abrangentes na busca de informações. Eles conseguem executar várias tarefas ao mesmo tempo, como ouvir música no fone de ouvido, conversar no MSN, fazer a tarefa da escola e ainda assistir TV. São curiosos, dinâmicos e não têm paciência para assistirem aulas expositivas por muito tempo, querem aprender pela experimentação, pelo dinamismo e pelo entusiasmo. Eles são dinâmicos, “anteados” e familiarizados com diversas tecnologias, afinal, já nasceram navegando na internet e realizando as mais diversas aventuras das novas ferramentas

---

<sup>5</sup> [http://portal.unp.br/arquivos/pdf/institucional/edunp/raunp\\_a3n2.pdf](http://portal.unp.br/arquivos/pdf/institucional/edunp/raunp_a3n2.pdf)

tecnológicas. Tais atributos são tão presentes na vida deles que ouvimos a todo instante alguém dizer que “eles já nasceram com um chip embutido no cérebro”.

Com todas essas descrições atribuídas aos adolescentes contemporâneos, podemos perceber que o aluno chega à escola com uma bagagem de experiências adquiridas no ambiente familiar, nas igrejas, clubes e nos ambientes virtuais que, contrastadas com as experiências do professor deveria fazer-se a construção do conhecimento.

Engana-se quem ainda pensa que hoje os professores posam diante de uma turma, frente ao quadro negro despejando informações, falando ininterruptamente para uma turma calma, silenciosa e concentrada. O reinado das aulas expositivas ficou abalado com a chegada da “geração Z”. Estes alunos não são atraídos apenas por exercícios e textos nos cadernos e livros, eles querem aulas mais dinâmicas, com recursos mais modernos onde possam encontrar novidades, desafios. Convivendo com um grande número de aparelhos e com a permanente interação com a tecnologia, os alunos de hoje pensam e processam as informações bem diferentes das gerações anteriores. Estas diferenças são mais intensas do que muitos educadores podem suspeitar. Para Bruce (2007), os tipos distintos de experiências levam a distintas estruturas de pensamento, e afirma ainda, que é bem provável que as mentes dos alunos tenham mudado fisicamente, sejam diferentes das nossas, sendo resultado de como eles cresceram. Para Bruce, os estudantes de hoje são todos “falantes nativos” da linguagem digital dos computadores, vídeo games e internet.

Confirmando a ideia de Bruce, o neurocientista Gary Small (2008) afirma que o uso de ferramentas digitais altera o funcionamento do cérebro. Agora, além da diferença de valores e preferências culturais, surge um novo componente entre as gerações: o neurológico.



Figura 1 – A internet no cérebro

Fonte: Disponível em: <<http://www.vithais.com.br/2009/12/o-cerebro-do-futuro.html>>.

Acesso em: 10 out. 2012

Na Figura 1, a imagem à esquerda mostra, em verde, as áreas do cérebro ativadas durante a leitura de um livro. A imagem à direita registra a atividade cerebral durante a navegação na *Internet*. As áreas do cérebro envolvidas são semelhantes às da leitura, com um acréscimo importante – destacado em vermelho. Trata-se do córtex pré-frontal, que permite às pessoas tomar decisões rapidamente enquanto avaliam informações complexas.

A pesquisa foi feita com voluntários com idade entre 55 e 76 anos. Eles foram submetidos a testes com ressonância magnética funcional enquanto pesquisavam na web. Segundo Gary Small (2008), “a internet não mudou somente a forma como as pessoas produzem, criam, comunicam-se e divertem-se. Ela altera o funcionamento do cérebro. A exposição à rede fortalece alguns circuitos neuronais”. O cientista afirma ainda que os circuitos cerebrais são formados por conexões entre os neurônios, chamadas de sinapses. A todo o momento, esses circuitos respondem às variações do ambiente. Ao passarem horas em frente ao computador, seja para pesquisar, mandar e-mails ou fazer compras, as pessoas estão expondo o cérebro a uma enxurrada de estímulos. É por isso que o uso da tecnologia digital altera os circuitos cerebrais.

Percebemos que além da distância marcada pela diferença de valores, atitudes e preferências culturais, contamos agora com o surgimento de um diferencial entre o cérebro do jovem e do adulto. De um lado estão os imigrantes digitais, denominação para as pessoas



com mais de 30 anos que conheceram os computadores e outras tecnologias da era digital quando já eram adultos. Fazem seus trabalhos com precisão e são mais vagarosos no uso das novas ferramentas. E do outro lado estão os jovens que nasceram no mundo dos computadores e navegam na *Internet* a maior parte do tempo. Por isso estes nativos digitais tomam decisões rápidas e com mais facilidade, agrupam o grande volume de estímulos sensoriais do ambiente.

Isso significa que o desenvolvimento cognitivo do ser humano está sendo mediado pelos dispositivos tecnológicos. Com a disponibilidade das informações através de tecnologias cada vez mais inovadoras, o homem demanda novas formas de pensar, agir, conviver, aprender e garantindo que a adoção dessas novas ferramentas seja eficiente, conforme afirma Maturana (2001):

Sem dúvida, a interconectividade atingida através da Internet é muito maior do que a que vivemos há cem ou cinquenta anos através do telégrafo, rádio ou telefone. Todavia, nós ainda fazemos com a Internet nada mais nada menos do que o que desejamos no domínio das opções que ela oferece, e se nossos desejos não mudarem nada muda de fato, porque continuamos a viver através da mesma configuração de ações (de emocionar) que costumamos viver. (MATURANA, 2001, p.199)

Ressalta-se então, a necessidade de refletir sobre a utilização das novas tecnologias da informação e comunicação como fonte de transformações profundas no processo de ensino aprendizagem, no intuito de atender essa nova clientela, que como Jordão (2009) vem confirmar o que já dissemos anteriormente – nasceram navegando.

O número de crianças que tem acesso ao computador e à Internet vem crescendo, e a faixa etária também vem se ampliando. Antes mais acessada pelos jovens, a Internet, hoje, vem sendo utilizada de forma crescente por crianças de 6 a 11 anos. Estas crianças já nasceram ligadas às tecnologias digitais: com menos de dois anos já têm acesso a fotos tiradas em câmeras digitais ou ao celular de seus pais; aos 4 anos já manipulam o mouse olhando diretamente para a tela do computador; gostam de jogos, de movimento e cores; depois desta idade, já identificam os ícones e sabem o que clicar na tela antes mesmo de aprender a ler e escrever. (JORDÃO, 2009, p.10)

Sendo assim, concordando com o que diz Prensky (2001), em seu artigo<sup>6</sup> “ensinar essa nova geração é um desafio imenso”. Para o autor,

---

<sup>6</sup> Digital Natives, Digital Immigrants.

Mudam os papéis de professores e alunos. Os alunos, que antes se limitavam a ouvir e tomar notas, passam a ensinar a si mesmos, com a orientação dos professores. Por isso a real necessidade de usar ferramentas que os ajudem a aprender. O papel do aluno passa a ser de pesquisador, de usuário especializado em tecnologia. O professor passa a ter papel de guia e de “treinador”. Ele estabelece metas para os alunos e os questiona, garantindo o rigor e a qualidade da produção da classe. (PRENSKY, 2001, p.2)

Estamos diante de um momento em que para receber o aluno da “geração Z” e compreender este mundo da “Idade Mídia” é preciso pensar em como inserir essas ferramentas digitais em nossas metodologias pedagógicas, redefinindo um novo método de ensinar, no qual a responsabilidade da busca do conhecimento será do aluno, e o professor, o guia, que cria questões que levem ao caminho das respostas certas para cada um deles. O professor precisa aprender como ajudar os alunos a encontrar, sozinhos ou em grupo, respostas e informações capazes de torná-los hábeis para enfrentar as novidades vindouras deste mundo tão imprevisível.

E para isso, é preciso conquistar estes alunos rendendo-se ao seu perfil mais agitado e utilizando dos recursos que eles têm em mãos para ministrar as aulas, como *Blogs, Facebook, Twitter, Youtube* e outras redes sociais onde possam conversar pelo bate-papo. Assim, o professor aproxima-se deles, compartilha com eles os trabalhos propostos e ganha o seu respeito.

### **3.6 Novas caracterizações: leitura, leitor e texto**

Este tópico propõe uma abordagem sobre pontos considerados relevantes mediante as concepções que norteiam o processo de desenvolvimento da leitura diante do contexto atual, num momento em que as facilidades advindas com as novas tecnologias são capazes de proporcionar ao leitor oportunidades que antes, em tempos remotos, era uma realidade impensada. Nos últimos tempos, a leitura e a escrita passaram a ser elementos indissociáveis. E o histórico da vida do homem, na era contemporânea, é todo pautado em registros escritos.

São muitos os tipos de leitura nos mais diferentes formatos e diferentes também são os textos que circulam a todo o momento, tanto nos meios instrucionais como nos meios de comunicação, grupos sociais, etc. Obras clássicas, textos literários, manuais didáticos, escritos voltados ao entretenimento, além de revistas, jornais; todos se juntam e dividem o mesmo espaço nas livrarias, bibliotecas, residências ou na mídia eletrônica. Dos menos aos mais complexos escritos se fazem presentes neste mundo da Era Moderna.

A leitura é uma tarefa que aprendemos mesmo antes da alfabetização, quando somos capazes de ver o mundo a nossa volta e entender os seus significados. A compreensão nesse início não se dá necessariamente durante o ato de ler, mas na interação do indivíduo com o meio em que ele vive.

Ao aprendermos a leitura de símbolos adquirimos habilidades de captar, por meio dos registros escritos, informações que nos levam a alcançar o conhecimento através da interpretação concebida nas suas entrelinhas.

Como afirma Brandão (1997):

Ler, portanto, significa colher conhecimentos e o conhecimento é sempre um ato criador, pois me obriga a redimensionar o que já está estabelecido, introduzindo meu mundo em novas series de relações e em um novo modo de perceber a quem me cerca. Quando leio sou, pois, criadora, uma transformadora de ordem, Sempre. E não existe revolução maior de que se opera em todo ato de fala ou de leitura. (BRANDÃO,1997, p.22)

É válido lembrar que ler é muito mais do que decodificar signos ou termos e isto implica num conhecimento prévio das informações necessárias para a compreensão do que está escrito. Para Kleiman (1989, p.28), “a leitura é uma atividade cognitiva, tem caráter multifacetado, multidimensionado, sendo um processo que envolve percepção, processamento, memória, inferência, dedução”. Assim, podemos entender que a leitura é uma função social que pode ser adquirida no seio familiar, na escola e nos vários ambientes que proporcione o seu ato, desde que crianças e adultos saibam, através da leitura e da escrita, a relação entre a realidade do texto e a realidade do meio em que vivem.

Ler é percorrer os caminhos da imaginação desvendando os segredos que surgem no decorrer da leitura; é aguçar o pensamento, é construir e transformar ideias. Sendo assim, deve-se considerar que a leitura não é uma prática neutra, pois nesta interação leitor-texto estão envolvidas, como afirma Orlandi (1998, p.11), questões culturais, políticas, históricas e sociais, “Isso mostra como a leitura pode ser um processo bastante complexo e envolve muito mais as habilidades que se resolvem no imediatismo da ação de ler”. “Saber ler é saber o que o texto diz e o que não diz”.

A leitura possibilita ao homem uma livre participação na sociedade, onde ele transcende, cresce, progride e amplia o seu entendimento das coisas que o cercam. Pois é por meio da leitura que o homem adquire conhecimentos e obtém conquistas e realizações pessoais. Nesse aspecto, a leitura é como uma importante e poderosa ferramenta para aqueles

‘que a detêm’. Ela é o caminho para o saber e para a liberdade, a verdadeira chave para o crescimento intelectual. Através da leitura, incutimos em nosso caráter valores éticos, morais e religiosos, necessários para triunfar na luta pela sobrevivência (ORLANDI, 1998, p. 11).

Crianças que presenciaram seus pais lerem, mesmo antes do seu ingresso na escola, fazem da atividade de leitura um prazer. A vivência dos filhos em ambientes em que a leitura é uma atividade rotineira pode colaborar para um melhor desenvolvimento nas atividades escolares, maior êxito no aprendizado e mais desenvoltura no entendimento e na comunicação, pois já possuem maior familiaridade com os textos escritos. Tais atitudes não são detectadas na maioria dos alunos advindos de lares que não têm a leitura como hábito. Os pais devem ler para seus filhos em voz alta, desde os textos com histórias infantis até mesmo receitas de bolo, bulas ou listas de compras. O ato de ler para os filhos são atitudes que os incentivam para o mundo da leitura.

Numa sociedade instruída, compete à escola a função de preparar a criança para a leitura e a escrita, tornando-as cidadãos críticos e conscientes com capacidade de adquirir o conhecimento sistematizado e vinculado à realidade e com a agilidade de utilizar um leque de possibilidades de atuação no mundo em que vive.

Para o ensino da leitura e da compreensão textual é necessário uma reflexão que aborde os elementos essenciais e necessários para esta prática pedagógica. Primeiramente, pode-se pensar no que é ler para cada um de nós; nas tipologias textuais disponibilizadas para o ensino, levando em conta as variáveis leitor-texto-contexto e as resultantes da abordagem pedagógica antes, durante e depois da leitura.

Sugere-se que o professor conheça o processo de desenvolvimento da aprendizagem da leitura e da escrita; que avalie periodicamente a evolução dos alunos na leitura; proporcione aos discentes textos variados; converse antecipadamente com eles sobre o tema que será abordado no texto e qual o objetivo daquela leitura; que utilize estratégias de ensino para cada tipologia de texto.

Promover a compreensão da leitura implica em saber utilizar adequadamente todos os recursos que possam fornecer à criança as habilidades necessárias para que elas possam captar dos textos os elementos essenciais à construção de conhecimentos.

Independente do tipo de texto a ser trabalhado na escola, deve-se ter muito cuidado com os tipos de questionamento a serem feitos, pois muitas das perguntas feitas aos alunos não contribuem para a compreensão ou para desenvolver o seu senso crítico. De nada adianta ao leitor, compreender um texto se ele não for capaz de ser crítico diante do que foi lido.

Portanto, não compete ao leitor apenas compreender, mas ser capaz de refletir e idealizar uma realidade distinta, no sentido de transformá-la. Um leitor consciente procura na leitura de um texto não apenas a sua decodificação, mas a construção de seu próprio texto através de sua leitura crítica. Isso significa que a leitura crítica é geradora de novas expressões. Espera-se que o discente seja capaz de construir sua própria leitura como uma manifestação de sua leitura de mundo e de sua leitura de vida e não apenas a confirmação da leitura do professor.

Ler é muito mais do que decodificar termos e isto implica num conhecimento prévio das informações necessárias para a compreensão desses termos. Portanto, cabe ao professor formar leitores pensantes e não apenas decodificadores.

Os modos de ensinar e aprender são contextualizados e assim permite ao aluno se relacionar com as concepções presentes do cotidiano pessoal, social e cultural, articulando as aptidões cognitivas e emocionais já adquiridas para novas possibilidades de reconstrução do conhecimento.

De acordo com os PCNs (1998),

Para aprender a ler, portanto, é preciso interagir com a diversidade de textos, testemunhar a utilização que os leitores fazem deles e participar de atos de leitura de fato; é preciso negociar o conhecimento que já se tem e o que é apresentado pelo texto, o que está atrás e diante dos olhos, recebendo incentivo e ajuda de leitores experientes. (BRASIL, 1998, p.56),

Os PCNs (1998) expressam ainda que, para que os alunos se tornem bons leitores e que sejam capazes de ir muito além do ato de ler, com prazer e compromisso com a leitura, escola e professor terão que conscientizá-los desta necessidade, pois aprender a ler (e também ler para aprender) requer prática e empenho. Eles devem entender que a leitura é o instrumento que os dará independência e autonomia.

Ainda amparados nos PCNs (1998) entende-se que o aluno sendo envolvido no processo de aprendizagem deve entender o sentido e funcionalidade nos objetos que constituem o foco dos estudos em cada situação de sala de aula. Buscando interpretar e observar os aspectos da natureza, sociais e humanas, e a compreensão das relações entre os fatores que podem intervir nos fenômenos e no desenvolvimento humano.

Para isso, percebe-se a necessidade de fazer com os alunos um trabalho que desenvolva competências e habilidades através de reflexões e atuações estratégicas que os tornem capazes de desenvolver projetos ou de resolver problemas emergentes surgidos no decorrer das atividades. É bom lembrar que para melhorar ainda mais o desenvolvimento da

leitura é necessário criar meios que oportunizem um trabalho de comunicação oral e escrito que traga os elementos necessários para a crítica, polêmica e reflexões.

Seguindo os PCNs (1998),

Não se formam bons leitores oferecendo materiais empobrecidos, justamente no momento em que as crianças são iniciadas no mundo da escrita. As pessoas aprendem a gostar de ler quando, de alguma forma a qualidade de suas vidas melhora com a leitura. (BRASIL, 1998, p.36)

Durante algum tempo, a leitura era empregada apenas como apoio às aulas e, principalmente, nas aulas de Língua Portuguesa, para sustentar a gramática. Não se fazia um trabalho de leitura com o objetivo de formar leitores, cidadãos críticos, independentes e livres para fazerem suas escolhas. O aluno não tinha liberdade de escolher textos ou livros para lerem e não era trabalhada a compreensão daquilo que vinha à mão. Diante desses fatos, depara-se hoje, com uma preocupação por parte dos educadores, principalmente do ensino fundamental, em fazer um trabalho capaz de reverter este quadro, um trabalho de incentivo à leitura, que desperte o interesse da criança pela descoberta de novos mundos, novos caminhos e se tornem efetivos leitores, conscientes das vantagens adquiridas neste ato. A escola é o espaço onde se criam os futuros artistas, jornalistas, escritores, cientistas, por isso ela deve desenvolver na criança o prazer de ler e não impor a leitura como apenas uma obrigação escolar a ser cumprida.

A criança precisa estar em contato com os livros, revistinhas, cartazes, ter a oportunidade de escolher os textos que quer ler. Precisa associar o que é lido com situações do cotidiano, é preciso que o professor contextualize os assuntos para que ela possa participar da história, recontando os fatos de acordo com suas vivências. Ela deve se sentir parte deste mundo trazido pelos textos, afastando, contudo a ideia de exclusão. É neste momento que se constroem os significados cognitivos constituintes dos valores e caracteres humanos.

Dessa forma, entende-se que o trabalho com a leitura é capaz de desenvolver na criança as funções cognitivas e operações mentais, aprender a relacionar fatos e situações, desenvolver funções que contribuam para a resolução de outras situações de raciocínio no decorrer de sua vida.

### 3.7 Internetês: a linguagem escrita nos ambientes virtuais

A comunicação no ambiente virtual é um episódio textual fundamentado na escrita que se destaca como elemento essencial, além de tantos outros recursos disponíveis. A influência da *Internet* na língua portuguesa é muito maior do que apenas a contribuição vocabular. Em consequência desta revolução comunicativa e o uso indispensável da escrita, surge uma nova forma de linguagem escrita denominada “Internetês”, linguagem híbrida utilizada, principalmente, nos *chats*. Uma nova forma de escrita que surgiu no espaço virtual apresentando um código linguístico bastante peculiar e sem respeito às normas ortográficas. Caracterizado por gírias, abreviações e pela invenção de novas formas de escrever, velhos termos acabaram por ganhar uso contemporâneo; além da alteração na ortografia ao substituírem letras. Expomos aqui alguns exemplos como:

Expressões abreviadas	Significados
<b>Fds</b>	fim de semana
<b>Net</b>	Internet
<b>Tb</b>	Também
<b>Tc</b>	teclar, conversar
<b>Flw</b>	falou!
<b>Fmz</b>	Firmeza
<b>Qdo</b>	Quando
<b>Qnt</b>	Quantos
<b>Axo</b>	Acho
<b>Q</b>	Que
<b>Nd</b>	Nada
<b>Xau</b>	Tchau
<b>Add</b>	Adicionar
<b>Abs</b>	Abraços
<b>Neh</b>	Né
<b>Cmg</b>	Comigo
<b>Kd</b>	Cadê
<b>Hj</b>	Hoje

Quadro 1 – Expressões abreviadas utilizadas no espaço virtual

Fonte: Disponível em: <<http://assuntoslegais.com/traducao-de-palavras-expressoes-e-abreviacoes-do-internetes>>. Acesso em: 17 out. 2012.

Esta variedade linguística da *Internet* é considerada como uma "fala escrita" pelos seus usuários digitais, ou seja, uma transcrição da linguagem oral para a linguagem escrita. Além disso, é preciso lembrar que esta linguagem nos ambientes virtuais está entremeadada de representações semióticas, como, por exemplo, “*emoticons*”, palavra derivada da junção dos seguintes termos em inglês: *emotion* (emoção) + *icon* (ícone), são símbolos que representam sentimento, estado psicológico ou emotivo de quem os emprega, por meio de ícones ilustrativos de uma expressão facial, como por exemplo:

Emoticons			
	-> <i>Felicidade</i>		-> <i>Sorriso</i>
	-> <i>Surpresa</i>		-> <i>Travesso</i>
	-> <i>Felicidade</i>		-> <i>Triste</i>
	-> <i>Confusão</i>		-> <i>Chocado</i>
	-> <i>Choro</i>		-> <i>Envergonhado</i>
	-> <i>Óculos</i>		-> <i>Raiva</i>
	-> <i>Inocente</i>		-> <i>Mau</i>
	-> <i>Segredo</i>		-> <i>Irado</i>
	-> <i>Inteligente</i>		-> <i>Indeciso</i>
	-> <i>Carinho</i>		-> <i>Nojo</i>
	-> <i>Pensativo</i>		-> <i>Pensativo</i>
	-> <i>Festa</i>		-> <i>Pensativo</i>
	-> <i>Sono</i>		-> <i>Ausente</i>

### Quadro 2 – Exemplos de *emoticons*

Fonte: Disponível em:

<<http://dicionariodalinguagemdigital.blogspot.com.br/2009/09/emoticons-do-msn-windows-live-messenger.html>>. Acesso em: 05 out. 2012.

E também de assinaturas de e-mail utilizadas no arte *ASCII* (*American Standard Code for Information Interchange*) padrão que define um conjunto de 128 caracteres para os computadores se comunicarem entre si. A arte *ASCII* usa 95 destes caracteres, que são



basicamente os que estão no teclado do computador – as letras, números e símbolos – para construir desenhos; *hobbies* ou características pessoais. Por estas mesmas regras que imperam na comunicação na *Internet*, são regidos também, os torpedos e as mensagens enviadas pelo celular, devido à necessidade de economizar espaço nas pequenas telas destes aparelhos.

Estas características relativas às abreviações usadas nos ambientes virtuais, já estiveram presentes também na Idade Média e em outros períodos históricos, igualmente gerados por pressões decorrentes das ferramentas tecnológicas da ocasião.

Antes do invento da tipografia, o trabalho de publicação e reprodução da informação era feito pelos monges copistas, nos mosteiros medievais. O trabalho intenso da cópia fez desenvolver o uso das abreviações e por não haver acordo ou contrato gerindo seu uso, elas ficavam sob a responsabilidade do copista ou copiador, e por isso, alteráveis.

Relembrando a história da evolução dos sistemas de escrita, conforme Coulmas (1991), verifica-se que a *Internet* provoca uma mudança no uso dos caracteres, que, ao invés de formarem signos linguísticos, formam ícones e estes ícones são substituídos pelos caracteres que formam signos linguísticos. Isso pode ser observado nas duas figuras de arte ASCII, elas são construídas a partir do arranjo de caracteres do sistema alfabético, como "o", "T", "p", "s", além de outros caracteres convencionados, como parêntesis, barra inclinada e ponto de exclamação. O uso destes caracteres dos exemplos de arte ASCII citados não têm significado em nenhuma língua do mundo, mas a mensagem é compreendida independente de qual seja o idioma materno dos usuários remetentes e destinatários.

Considerando a visão de Lévy (1998), em seu livro “Ideografia Dinâmica – para uma inteligência artificial” em que aborda o estudo da universalização da língua dos ambientes virtuais, supõe-se que a informática propõe possibilidades relativamente novas à expressão visual do pensamento, ou seja, a escrita é feita em forma de signos estáticos sobre um suporte fixo. Esta nova linguagem da cidade cibernética pode ser considerada um hibridismo a partir do princípio de escritas que utilizam conceitos ou ideias ao invés de símbolos fonéticos – como é o caso dos ideogramas chineses ou representações pictóricas – moldados na dinamicidade dos novos suportes multimídia.

Pode-se considerar esta nova linguagem como uma espécie de interface em que imagens animadas substituem o alfabeto e os signos estáticos. Neste caso, A "ideografia dinâmica" não seria uma nova escrita, vinculada a uma língua, e sim uma nova forma de se expressar, uma forma de comunicação universal, compreensível a todos os usuários do mundo digital.

Essa mudança no modo de comunicação com linguagem diferenciada resultou em grandes preocupações, tanto para os pais dos jovens usuários desta nova modalidade de escrita quanto para os professores de Língua Portuguesa, que buscando alternativas para uma nova metodologia de ensino, se veem perdidos num emaranhado de dúvidas que envolvem a relação do trabalho pedagógico com os saberes da língua. A escola, por sua vez, encontra-se diante de um impasse perante a sociedade que exige um posicionamento em relação ao enigma do que é certo ou errado.

Afinal, ainda não se sabe o quanto o uso da variedade dos ambientes virtuais pode influenciar no ensino/aprendizagem da norma padrão da língua portuguesa. O que se sabe, segundo Benedito (2003), é que

Cada época tem tido uma forma própria de comunicar-se: os sons de tambor, o fogo, os sinais com panos ou bandeiras, o bilhete, o telefone, o telégrafo, e agora o telefone fixo-móvel, a Internet e os telemóveis. O século XXI não foge à regra de qualquer outra época. As necessidades de comunicação têm sido muitas, o ritmo de vida é muito rápido, e o Homem continua a inventar sempre o material que faz avançar os seus sonhos e sempre aperfeiçoando e indo mais além, de descoberta em descoberta. E assim o *homo sapiens* está a converter-se em *homo digitalis* com a introdução, na vida diária, dos computadores, da Internet e dos telemóveis. (BENEDITO, 2003, p.191)

Nesta conjuntura, atribui-se a essa variedade da Língua Portuguesa empregada para a comunicação na *Internet*, as pressões decorrentes da tecnologia utilizada, como, por exemplo, os sistemas operacionais mais antigos que não possuíam todos os caracteres, como acentos, barra, cedilha entre outros. Outro fator responsável pelas limitações impostas nas normas para a comunicação é o fato de os computadores terem disco rígido menor causando morosidade na transmissão de dados. A abreviação das palavras foram até o ponto de se converterem em uma, duas ou no máximo três letras (não = n, sim = s, de = d,

que = q, também = tb, cadê = kd, tc = teclar, porque = pq, aqui = aki, acho = axo, qualquer = qq, mais ou mas = +). E a pontuação e a acentuação foram abolidas (é = eh, não = naum). Percebe-se, então, que a escrita dos ambientes virtuais remete à fonética das palavras e não à ortografia fixada pela norma padrão, colaborando para a economia de espaço e a rapidez de transmissão de dados da comunicação.

Sendo assim, alguns professores da área de línguas sugerem que esta nova variedade seja incluída nos conteúdos de Língua Portuguesa. Alguns autores como Ramal (2003) apoia a sugestão e propõe que a escola deva valorizar também a linguagem codificada usada pelos alunos nas comunicações virtuais, mas aproveitando para mostrar as diferenças das linguagens nas diferentes situações. A Comunicação na Internet precisa ser mais rápida, por isso usam-se códigos e sinais curtos. A linguagem é adequada a cada situação comunicativa, ou seja, num ofício a norma padrão é necessária, já, no computador usam-se gírias, abreviações, símbolos, a linguagem informal.

Nos PCNs (BRASIL, 1998, p.20) consta que “A importância e o valor dos usos da linguagem são determinados historicamente segundo as demandas sociais de cada momento”. Segundo Ramal (2003), o cidadão preparado para o futuro tem que dominar tantas linguagens quantas forem as janelas que se abrirem para ele. Isso quer dizer que incluir esta nova linguagem no rol dos conteúdos da Língua Portuguesa não significa abandonar o ensino da norma padrão, pois o domínio da linguagem do mundo virtual está atrelado ao conhecimento linguístico necessário para uma boa comunicação em qualquer situação.

Desta forma, para melhor lidar com essa questão seria, os profissionais da língua e também os alunos, numa forma de parceria, elaborarem estratégias de trabalhos para o ensino da língua que pudessem contribuir para uma efetiva conscientização do uso adequado desses gêneros e de suas linguagens nos diversos contextos interacionais. Utilizando assim, as práticas pedagógicas para trabalharem a chamada variedade linguística.

### 3.8 A leitura no ciberespaço: informação e aprendizagem

Com a globalização e a necessidade de se inserir no mundo digital, o homem se depara com as possibilidades de enriquecer sua formação social através da utilização dos recursos midiáticos. Assim, como diz Chartier (2002, p.23), “quanto à ordem dos discursos, o mundo eletrônico provoca uma tríplice ruptura: propõe uma nova técnica de difusão da escrita, incita uma nova relação com os textos e impõe uma nova forma de inscrição”. Tais atividades faz com que o homem aprenda, além do que já conhece de sua língua, interagir com os internautas através de tipos diferentes de textos e escritas, se transformando e se integrando num novo mundo social.

Inicialmente, o usuário pode encontrar dificuldades em dominar a *Internet*, mas com a prática e empenho ele passa a conhecê-la e sem perceber já é capaz de percorrer os novos caminhos das novas conexões que o levam a um novo mundo de descobertas e ao manter contato com a leitura e a escrita destes espaços virtuais, o leitor virtual adquire habilidades indispensáveis para a aprendizagem e o relacionamento com saberes essenciais para o século XXI (CASTELLS, 1999).

Sabe-se que, com o uso dos computadores ligados à *Internet*, a linguagem interativa tomou dimensões de domínio jamais imaginadas e de forma rápida, além de contribuir na comunicação dos internautas que adotaram uma nova linguagem, com gírias e neologismos que são reconstruídos a cada dia.

Leitura e *Internet* estão unidos em diversos momentos e lugares, incitando os usuários do espaço virtual a conhecerem pessoas de vários lugares e distâncias e comunicarem com elas sem sair do seu ambiente familiar ou escolar, através das redes sociais, o *YouTube*, os *Blogs*, o *MSN*, o *Orkut*, o *Chat*, etc., que fazem parte da rotina dos jovens, e podem ser aproveitados pela escola como excelentes recursos didáticos.

Os *gêneros digitais* e o *hipertexto* também são grandes colaboradores para uma variação da escrita e da leitura. Segundo Costa (2000, p. 4), “Ao produzir o hipertexto, os internautas deixam de ser o ‘leitor-navegador’ e tornam-se um coautor do texto que está lendo, utilizando dos recursos disponíveis na rede e escolhendo seu próprio itinerário de navegação”. Assim, escrita e leitura se estruturam hipertextualmente, através dos nós e links, em um novo suporte: a tela do computador. Neste momento o leitor pode escolher o

que quer ler da forma que melhor lhe convier, explorando o espaço virtual de acordo com seus interesses e necessidades, e construindo seu conhecimento com base nas escolhas que vai realizando. Para Lévi (1999, p.264), “a partir do hipertexto, toda leitura é uma escrita em potencial”. O autor enfatiza ainda que:

Se ler consiste em hierarquizar, selecionar, esquematizar, construir uma rede semântica e integrar ideias adquiridas a uma memória, então as técnicas digitais de hipertextualização e de navegação constituem de fato uma espécie de virtualização técnica ou de exteriorização dos processos e leitura (LÉVY, 1996, p. 49).

Nota-se, na esfera escolar, uma grande preocupação por parte dos professores em relação às formas de trabalhar com as diferenças do texto em formato digital e o texto impresso. Os docentes têm dúvidas quanto ao aprendizado adquirido nos ambientes virtuais, pois com a utilização de meios para facilitarem a conversação, encurtam o caminho da escrita modificando as formas linguísticas da língua e dando origem a uma nova linguagem chamada por muitos de “*Internetês*”. Devido a essa insegurança, afastam-se desse recurso e perdem a oportunidade de aproveitar a agilidade dos “nativos digitais”.

De acordo com Almeida (2003, p.104), o “conteúdo digital é um poderoso aliado para o ensino. O grande desafio é trazer essa informação aos educadores, que precisam em muitos casos, vencer sua própria resistência a esse novo meio de acesso a informação”. E assim, a distância entre internet e educação será tão reduzida que valerá a pena o desafio em descobrir as vantagens que o contato dos alunos com o mundo virtual pode trazer para a aprendizagem no século XXI, desafiando a educação arcaica na busca da interação ao mundo contemporâneo.

### **3.9 Gêneros digitais: novas contribuições para o ensino da língua**

As ferramentas disponibilizadas pelas novas tecnologias são consideradas valiosas, pelo fato de fazerem parte de um ambiente onde se emprega efetivamente a língua, possibilitando ao aluno condições de utilizá-la mantendo contato direto com cada campo do ensino da língua, não só com o conteúdo e estilo da linguagem (seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua), mas também com a possibilidade de

produção textual (BAKHTIN, 2000). Deste modo, fica evidente que o trabalho com os gêneros digitais é uma importante ação para o desenvolvimento e a ampliação da competência discursiva dos alunos.

Quevedo e Crescitelli (2005, p.47) evidenciam que “para o ensino de língua, a Internet é uma porta de entrada às inúmeras possibilidades de usos linguísticos, que variam de acordo com os gêneros textuais digitais”. Desta forma, a utilização das novas ferramentas disponibilizadas com as TIC’s usadas no ensino de Língua Portuguesa, propiciará aos alunos condições de, além de aprender a língua, interagir nos novos grupos formados na rede e, por conseguinte, com os novos gêneros textuais digitais que surgem das necessidades da sociedade e como resultado das mudanças de práticas sociais (QUEVEDO; CRESCITELLI, 2005).

Percebe-se também que, ao utilizar textos disponíveis na internet para o ensino de Língua Portuguesa, pode-se fazer da aula um evento mais atrativo e prazeroso, uma vez que o aluno, além da leitura, pode aproveitar as imagens, animações, áudio e através das diversas formas de entretenimento como *Chats, Messenger, Web Blogs* bem como redes sociais e outros aplicativos de comunicação, estudar conteúdos de Língua Portuguesa com a orientação do professor.

Por isso, as novas tecnologias são capazes de propiciar maiores possibilidades de interação e assim proporcionar uma maior motivação dos alunos, que ao utilizar os gêneros digitais, não só buscam novas informações ao se relacionarem virtualmente, mas também publicam seus trabalhos na rede. Dessa forma, pode-se considerar que os gêneros digitais são de grande valor como instrumentos educacionais para o processo de ensino e aprendizagem.

Para melhor entendimento sobre as contribuições dos gêneros para o ensino de língua Portuguesa, expomos alguns deles, sob opiniões de alguns autores.

a) A participação do aluno ao *FE* (Fórum Eletrônico) auxilia a sua capacidade de argumentação sobre vários temas, facilitando a aprendizagem e a reflexão filosófica sobre as opiniões dos outros participantes e construir sua própria opinião sobre o que está sendo discutido.

Xavier e Santos (2005) afirmam que as práticas no *FE*, por serem atividades propostas num ambiente para debates, fazem com que os participantes deem respostas rápidas e por isso podem ser imaturas e não atender com exatidão às questões expostas. Por isso, os autores, ao analisarem sobre as contribuições do FE para o ensino aprendizagem, consideram esse gênero digital um grande colaborador para o desenvolvimento acadêmico-intelectual do aluno, pois essas megaferramentas ajudam a desenvolver nos docentes a necessária habilidade de construir pontos de vista e defendê-los convincentemente (XAVIER; SANTOS, 2005).

b) O *chat* também pode ser considerado como um importante gênero para as práticas discursivas digitais e como grande contribuinte para o ensino. Para Leal (2007, p.60) esse gênero permite e estimula mais participação dos alunos nas redes de bate-papo do que em aulas presenciais. A autora enfatiza ainda que o chat é mais um modo de integrar as novas tecnologias à Educação, mas não deve ser considerado como um recurso definitivo para o ensino. O bate-papo pode contribuir muito para o ensino, desenvolvendo habilidades importantes necessárias para a Educação atual, desde que seja bem planejado, que tenha algum objetivo pedagógico.

c) Mais um importante gênero que pode ser trabalhado no ensino e na aprendizagem da leitura e da escrita é o *blog*. Os *blogs* são páginas de fácil edição que permitem a publicação de textos, imagens, vídeos e áudios. Por isso podem ser aproveitados pelos professores no intuito de trabalharem com os alunos, a publicação de textos produzidos por eles, possibilitando assim um trabalho de reescrita. Este gênero constitui hoje a *nova mídia*, já que é utilizado por jornalistas e escritores e por isso permite o desenvolvimento de leituras críticas sobre os temas aí abordados.

O *blog* não se restringe apenas a um diário *online*, mas também divulga ideias e informações sobre política, economia, jornalismo, etc. e que, por isso, deve ser estudado superando-se o aspecto linguístico e observando sua forma de construção, que permite adentrar no contexto de produção, nas formas de circulação, nas intenções do texto, entre outras. Ao trabalhar com *blog*, o professor oferece aos alunos, além do trabalho com a escrita e conversação, a possibilidade de interagir com pessoas de outros espaços geográficos.

Segundo Chartier (2002), o *blog* como suporte textual é uma inovação tão atraente que faz com que os leitores possam se transformar em coautores, uma vez que seus comentários e intervenções podem chegar aos escritores de forma direta e rápida, sem passar por intermediários. Neste espaço é permitido que qualquer pessoa com acesso à internet possa expressar o que quiser na sua atividade escrita, acrescentando imagens e sons para compor o todo do texto veiculado na rede. O escrevente pode também publicar textos livremente e sem mediações, além de ter a possibilidade de uma rápida atualização e a manutenção de seus escritos na rede. A mesma tela permite que ela peça a colaboração do leitor que pode, agora, intervir no próprio conteúdo do texto. Para Di Luccio e Costa (2007), os *blogs* possuem, portanto, características diferenciadas dos demais diários tradicionalmente escritos.

d) O gênero mais comum são as redes sociais. Elas emergem facilmente no ciberespaço, são espontâneas e derivam da sociabilidade humana sustentando o nosso cotidiano. Para Lévy (2007), a geração da *Web 2.0* proporciona um uso democrático, onde é possível não apenas acessar conteúdos, mas também transformá-lo, reorganizá-lo, classificando, compartilhando e, principalmente possibilitando a aprendizagem cooperativa, o que vai nos permitir construir uma inteligência coletiva baseada em uma rede de informações onde cada usuário passa a ser produtor dos mais variados conteúdos. Segundo D'Eça (1998), ressalta-se a importância de uma apreciação acerca das contribuições da *World Wide Web* na prática pedagógica, pois através das atividades disponibilizadas por ela, o aluno pode se tornar um produtor de informação para a própria *Web*.

No espaço escolar podemos interagir com nossos alunos em alguns desses ambientes sociais. O mais comum no momento é o facebook, termo escrito em Inglês e imigrado no Português com o mesmo nome.

Utilizamos as redes sociais na educação com vários objetivos, mas elas são destacadas aqui pelas vantagens que elas podem proporcionar aos professores e alunos quando utilizadas no intuito de promover as evoluções e o desenvolvimento da leitura e da escrita.

e) Outro modo de trabalhar no ciberespaço é com os hipertextos. Pensando no uso deste aporte na educação, Pinheiro (2005), destaca a necessidade de os professores ensinarem



estratégias de leitura para facilitar a compreensão das informações disponíveis nos hipertextos, a fim de que seus alunos retenham o seu sentido.

A interação com hipertextos exige que os alunos desenvolvam habilidades e competências para a execução deste trabalho digital. Como, por exemplo, selecionar e filtrar conhecimentos, constituir ideias relacionadas aos vários fragmentos. Pinheiro (2005) ressalta que a leitura não deve ser vista como única, é necessário considerá-la em sua multiplicidade e diversidade de vozes, próprias do hipertexto. Nesse sentido, o autor afirma que neste contexto, o aluno teria lugar como um sujeito verdadeiramente agente de sua aprendizagem.

A utilização dos gêneros digitais na educação não deve ser considerada apenas como ferramentas e recursos para busca de informação e comunicação eletrônica, mas como mais uma forma de criar oportunidades de desenvolver no aluno competências que promovam a formação do cidadão livre para agir e pensar as estratégias utilizadas para a criação de novos esquemas e estruturas cognitivas.

Diante do exposto, pode-se considerar que o trabalho do professor de Língua Portuguesa com os gêneros digitais disponíveis no ciberespaço contribua para o desenvolvimento linguístico do aluno, possibilitando o desenvolvimento de competências de leitura, produção textual e compreensão linguística nos mais diversos contextos em que estiverem inseridos.

#### **4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DOS DADOS**

O objetivo deste trabalho foi verificar como o uso das TIC's poderia influenciar no ensino-aprendizagem dos alunos que estão em contato permanente com as linguagens derivadas da informática e dos meios de comunicação de rede, abordando ainda, algumas reflexões em torno da prática pedagógica, do uso das novas tecnologias em sala de aula e da aprendizagem, como elementos essenciais na construção do conhecimento.

Pesquisar novas formas metodológicas para um melhor resultado no ensino, em especial, o de Língua Portuguesa, tornando-o mais eficiente e eficaz, provoca a busca de propostas cujo aporte teórico-metodológico atenda as exigências do mundo atual. Este é um momento em que os avanços da Ciência e da Tecnologia, em meio às diversas linguagens e complexos códigos imperam, impulsionando o homem na busca do conhecimento e do aprendizado. Por isso, urge a necessidade de melhorar a qualidade do ensino em seus mais diversos empenhos.

Para esta análise, trabalhou-se com a pesquisa qualitativa por ela possuir caráter exploratório, descritivo, indutivo e envolver técnicas como análise de dados secundários, questionários, entre outros (RICHARDSON, 1989). A pesquisa qualitativa tem se mostrado uma alternativa bastante interessante enquanto modalidade de pesquisa, pois ajuda-nos a detectar a presença de dados apreendidos de uma realidade em que o mundo é conhecido por meio de experiências e senso comum, com os quais firmamos conceitos e objetivos que pretendemos alcançar e utilizamos de variáveis que nos levam a resultados mais significativos.

Trabalhou-se também, com observações sistemáticas. A observação sistemática é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar (MARCONI; LAKATOS, 2006).

Todos os dados analisados garantiram a legitimidade de informação a respeito dos sujeitos pesquisados e possibilitaram verificar os vários fatores que puderam influenciar na

relação entre o desempenho escolar e a frequência de acesso destes discentes à rede para “averiguar” se as TIC’s estavam, de fato, auxiliando o processo de ensino e aprendizagem.

Buscou-se, num primeiro momento, fazer um trabalho exploratório na escola escolhida, entrevistando a Diretora, questionando alguns professores de conteúdos variados, e vários alunos de séries diversas, com o objetivo de observar se tínhamos os aparatos adequados para realizarmos a referida pesquisa.

Procurou-se saber se a escola estava equipada para atender os alunos da era tecnológica; se os professores estavam preparados para este processo, se eles utilizavam e como utilizavam os equipamentos em suas práticas pedagógicas e; finalmente, observar a visão dos alunos com relação ao uso das novas tecnologias como recursos auxiliares no ensino aprendizagem.

Na fase exploratória pôde-se perceber que havia por parte da Diretora muita preocupação com a educação atual e a escola oferecia um curso de capacitação para os professores, na área de Tecnologia da Informação e Comunicação com ênfase em *Internet e Multimídia*. No entanto, não houve muito interesse por parte dos docentes em frequentar o curso que teve início em julho/2011, pois metade dos que se matricularam desistiram antes do término que seria em dezembro/2011. Tal motivo pode ser atribuído às dificuldades encontradas no manuseio das máquinas, já que para fazer este curso, o professor já teria que saber o básico de Informática. Isto pôde ser constatado pelos próprios professores questionados ao afirmarem que o que mais utilizavam em suas aulas era o vídeo, por ser de fácil manuseio e que não foram preparados em sua formação acadêmica para trabalharem com as Novas Tecnologias Educacionais (Computadores, Data Show, Internet). Mesmo alguns professores (dos 20 pesquisados) que já tinham feito algum curso de informática, não sabiam como inserir didaticamente estes elementos no contexto metodológico do processo ensino-aprendizagem dos alunos. Portanto, pôde-se observar que pela falta de formação do professor em aplicar as tecnologias no conteúdo trabalhado, ele se deparava com um mundo desconhecido e com dificuldades de modificar suas estratégias.

Surgiu aqui, um paradoxo com relação aos argumentos apresentados por estes docentes. Eles atribuíram o despreparo para este novo tipo de trabalho à falta deste conteúdo no curso de formação docente, mas quando a escola ofereceu o curso de

capacitação, eles não se mostraram interessados em aproveitar a oportunidade para se atualizarem. Dessa forma, houve contradição em suas respostas, o que nos fez perceber que a educação poderia estar em risco se os docentes não buscassem se aperfeiçoar para um trabalho de qualidade e que atendesse as demandas do mundo moderno.

Ao questionar os 40 (quarenta) alunos, nesta fase exploratória, pôde-se verificar que 95% deles possuíam celulares, usavam-nos para telefonar, enviar mensagens, ouvir músicas, brincar com joguinhos. Eles permaneciam durante muito tempo, conectados à *Internet* e usavam-na para entrar no *facebook* e conversar nas redes sociais. Destes mesmos alunos, 80% possuía computador em casa e utilizavam-no para pesquisar sobre trabalhos solicitados pelo professor, entrar no *Facebook*, no *Twitter* e no *MSN*, assistir a vídeos no *Youtube*, entrar no *Orkut*, brincar com joguinhos e ver notícias. Outros 15% dos alunos pesquisados não possuíam computador, mas frequentavam *Lan-houses*. E apenas 5% não possuíam e não usavam computador de forma alguma. Vale destacar que, muitos dos alunos achavam as aulas monótonas e que seria interessante e mais prazeroso terem aulas com a utilização de ferramentas com as quais eles pudessem manusear como os aparelhos de celular ou computadores e que eles já conheciam e sabiam como operá-las.

Com base nestes primeiros dados, nossa pesquisa tomou um novo rumo, pois os resultados desta fase exploratória não poderiam ser considerados suportes capazes de atender nossos objetivos, uma vez que os professores não ministravam suas aulas com o auxílio das TIC's. Por isso, este trabalho tomou uma nova direção, em busca de verificar a influência das novas linguagens utilizadas no cotidiano dos alunos fora da sala de aula; investigar quais os aspectos positivos e negativos que o uso das TIC's poderia apresentar no processo educativo; e verificar como as novas tecnologias estavam influenciando na aprendizagem de língua portuguesa, principalmente com relação à leitura, escrita e compreensão de textos.

#### **4.1 Características da instituição pesquisada**

Nosso trabalho foi realizado em uma escola pública da cidade de Campos dos Goytacazes/ RJ. Esta instituição investigada possuía um contingente de 4.550 alunos, aten-

dendo desde o maternal até o curso Superior, nos três turnos: manhã, tarde e noite.

A escolha desta instituição se deu pelo fato de ser uma escola localizada no centro da cidade e que atendia a uma clientela diversificada, de diversos meios sociais e de várias localidades vizinhas.

A escola estava inserida no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID promovido pelo MEC/CAPES/FNDE que vem atender ao plano de metas Compromisso: Todos pela Educação, previsto no Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), com o objetivo de elevar o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) nacional para 6 (seis), até 2022, ano do bicentenário da independência do Brasil, em favor da melhoria do ensino nas escolas públicas onde o IDEB está abaixo da média nacional, que é de 3,8 (três pontos e oito décimos). A instituição seguia os objetivos e metas do Plano Estadual de Educação para a Educação Básica no Estado do Rio de Janeiro que estão direcionados para a ampliação e universalização do ensino nas três etapas que compõem a Educação Básica, com a qualidade que permita a continuidade de estudos para aqueles que optarem pela Educação Superior, bem como a inserção no mundo do trabalho, em condições de igualdade àqueles oriundos das redes privadas de educação.

#### **4.2 Constituição da amostra e análise dos dados**

O público que constituiu a amostra foi composto de 22 estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, entre 14 e 17 anos. A turma escolhida para estudos é constituída de alunos de vários bairros da cidade e distritos vizinhos e todos estão na faixa etária regular e não trabalham. A escolha desta turma se deu aleatoriamente por não haver nenhum critério que fosse considerado delimitador para a execução deste trabalho.

A coleta de dados foi realizada em um dia por semana, no horário da aula de Língua Portuguesa, durante 3 (três) semanas consecutivas.

Na primeira semana aplicou-se um questionário biográfico com a finalidade de colher informações e assim traçar um perfil do cotidiano destes alunos.

O questionário foi aplicado individualmente, contendo perguntas abertas e fechadas. Após um breve esclarecimento a respeito do trabalho; dos objetivos das atividades; e da

forma como elas deveriam ser desenvolvidas, os alunos responderam perguntas a respeito de seus gostos, interesses em atividades que envolvem o uso de computador, a frequência com que acessam a *Internet*, os sítios que costumam navegar, se possuem cadastro em alguma rede social, se dominam a linguagem virtual, o que pensam sobre a escrita nas redes sociais e se há possibilidade de se confundir a escrita manuscrita pautada na norma culta da língua portuguesa e a escrita da *Internet*, durante a execução de suas atividades escolares.

Em seguida, foram realizadas duas atividades sendo uma por semana, para que não sobrecarregar os alunos e os horários dos professores. As atividades dividiram-se em dois textos (um texto com linguagem padrão e um texto com linguagem virtual, comumente utilizada nas redes sociais) com questões de língua portuguesa, que pudessem demonstrar a capacidade de leitura, da escrita e da compreensão de textos de cada um dos alunos. E para que tivéssemos amostras suficientes para nossa análise coletamos, também, as médias de Língua Portuguesa dos alunos da turma escolhida na secretaria da escola.

Optamos por trabalhar com notas pelo fato de já termos as médias adquiridas na secretaria da escola, e assim podermos fazer um paralelo entre estas notas e as notas adquiridas nas atividades aplicadas.

Embora, alguns autores como Luckesi (1998) e Freitas (1995) afirmarem que não se devem considerar, para a avaliação somente os aspectos quantitativos, ou seja, a avaliação, para ser constitutivamente avaliação, só pode ser qualitativa, a maioria das instituições de ensino ainda trabalha com esta forma de avaliar o rendimento do aluno.

É importante ressaltar que há ainda o equívoco existente no uso dos conceitos de “avaliação qualitativa” e “avaliação quantitativa”. Para Libâneo (1991), considerar, na avaliação, apenas os aspectos quantitativos ou somente os qualitativos são equívocos que têm consequências da mesma proporção.

Portanto, a avaliação é sempre uma atribuição de qualidade a alguma coisa e não à quantidade, embora a quantidade possa ser elemento constituinte do instrumento de avaliação que, na escola, tem como objetivo, medir o aprendizado do aluno pela assimilação dos conteúdos trabalhados revendo a prática pedagógica do educador.

Apresenta-se aqui, um quadro com os nomes dos alunos pesquisados e suas respectivas médias na disciplina de Língua Portuguesa, do segundo trimestre de 2012, colhidos na secretaria da escola.

	NOME DOS ALUNOS	MÉDIA
01	Caíque de S.	6,0
02	Carina M.	5,5
03	Joelma C.	5,5
04	Julia dos S.	7,0
05	Leandro S.	10,0
06	Lorena R.	5,0
07	Luiz P.	5,0
08	Paola M.	4,5
09	Rony M.	6,5
10	Rosali T.	6,0
11	Sílvio F.	6,0
12	Sarita de F.	6,5
13	Shayene de P.	6,0
14	Talita C.	5,5
15	Thayná S.	2,0
16	Valdeci P.	7,0
17	Vinicius H.	5,5
18	Wesleiana da S.	7,0
19	Washington F.	6,0
20	Yara V.	7,0
21	Yara B.	8,0
22	Yago C.	6,0

**Quadro 3** – Médias de Língua Portuguesa<sup>7</sup>

Fonte: elaboração da autora.

Após a exposição das médias no Quadro 3, optou-se por distribuí-las, graficamente, para facilitar o entendimento e a comparação das notas da Tabela 1 e as notas das demais atividades aplicadas posteriormente. Conforme podemos observar a seguir:

**Tabela 1** – Média de Língua Portuguesa dos alunos – 2º trimestre

Médias	> 60	60 e 70	71 e 80	81 e 90	91 e 100
Quantidade de alunos	11	12	01	00	01

Fonte: dados da pesquisa

<sup>7</sup> Os nomes dos alunos são fictícios, a fim de resguardar a identidade dos mesmos.

Observou-se na Tabela 1 que, dos 22 alunos pesquisados, apenas 2 tinham média acima de 7,0 e 8 deles apresentavam média abaixo de 6,0, portanto 12 alunos, ou seja, 55% da turma tinham média entre 6,0 e 7,0. O que significa que a turma podia ser considerada como “regular”.

Para melhor entender o termo “regular”, apresenta-se abaixo uma tabela com os conceitos utilizados na escola para a classificação dos alunos de todos os anos e de todos os níveis.

<b>Notas de Avaliação</b>	<b>Classificação do aluno</b>
<b>Até 59</b>	Fraco
<b>60 a 70</b>	Regular
<b>71 a 80</b>	Bom
<b>81 a 90</b>	Muito Bom
<b>91 a 100</b>	Ótimo

**Quadro 4** – Demonstrativo de conceitos

Fonte: dados da pesquisa.

Esta tabela era utilizada pela escola para conceituar o aproveitamento dos alunos de acordo com as notas das avaliações aplicadas durante o ano letivo. As avaliações eram de modalidades variadas e medidas por notas de 00 a 100 e posteriormente transformadas em conceitos. Por isso, pôde-se, também, apoderar desses critérios para auxiliar as análises desta pesquisa, no sentido de colaborar para a averiguação da capacidade e rendimentos dos alunos da referida turma.

De acordo com os dados adquiridos no questionário, nos textos aplicados e nas médias, pretendeu-se contrastar as informações que pudessem auxiliar nos resultados dos objetivos propostos. Isto é, verificar como o uso dessas novas ferramentas tecnológicas fora da sala de aula, poderia contribuir para a aprendizagem de Língua Portuguesa dos alunos pesquisados.

Os dados colhidos através do questionário biográfico aplicado mostraram que os alunos entendiam como novas tecnologias, os celulares e computadores, e achavam-nos



interessantes e atraentes, pois teria como fazer várias atividades diferentes, como jogar, conversar nas redes sociais, baixar músicas e vídeos e, no entanto, poucos alunos responderam sobre a importância dos aparelhos para a pesquisa escolar e sobre a aplicação dos mesmos na aprendizagem e na busca de informações ou de conhecimentos.

Aproximadamente 100% dos alunos pesquisados, independente da classe social, possuíam computador em casa e todos sabiam usá-lo para atender os seus interesses básicos, como acessar a *Internet*, entrar em redes sociais, receber e enviar mensagens, baixar músicas e vídeos. Dos participantes, 15 aprenderam sozinhos quando tinham a idade entre 5 e 10 anos, os outros 7 aprenderam fazendo curso ou com a ajuda de alguém. A maioria acessava a *Internet* todos os dias por um período de 6 a 12 horas diárias e apenas 6 deles acessavam por um período de até 3 horas diárias por preferirem sair com amigos ou jogar futebol.

A maioria estava cadastrada em alguma rede social, como *Facebook*, *Orkut*, *Twitter* ou *MSN*. Dos 22 alunos, 18 (dezoito) gostavam de ler e faziam isso virtualmente, os outros 4 (quatro) estavam incluídos no número daqueles que preferiam esporte. Quase todos os estudantes tinham e usavam aparelhos celulares com diversas funções. Quando chamados para mostrarem seus aparelhos celulares causaram surpresa. A desenvoltura com que manuseavam os aparelhos costumava deixar alguns professores intimidados. Isso agravava quando alguns alunos mostravam grande facilidade para usar aparelhos complexos e *smartphones* – inclusive ajudando professores a lidar com os próprios aparelhos, mostrando o abismo que separava professores e alunos do uso dos recursos tecnológicos, desde os mais simples, até os mais elaborados e complexos.

Através das questões solicitadas nas atividades com os textos, pretendíamos perceber o nível de capacidade de leitura e de compreensão; se conheciam as novas linguagens do mundo virtual; se percebiam a diferença entre a linguagem virtual e a linguagem padrão; se sabiam quando e como usar os registros formais e não formais da língua; e se estes alunos estavam aproveitando estes novos recursos a seu favor para a aprendizagem da Língua Portuguesa.

A primeira atividade consta-se de um texto com linguagem padrão, cujo tema abordava a submissão de crianças ao trabalho escravo, com o título: “Órfãos da Colheita”.

Depois da leitura do texto os alunos responderam a 5 (cinco) perguntas que tinham como objetivos verificar a compreensão das ideias contidas no texto, a desenvoltura na elaboração das respostas e o embasamento das normas gramaticais no desenvolvimento da escrita. Adotou-se como critério de avaliação notas de 01 a 100 pontos, distribuídas em 20 pontos para cada questão.

A Tabela 2 apresenta as notas dos alunos, obtidas nas atividades do primeiro texto, seguindo a mesma disposição da tabela 1, para melhor entendimento ao analisar os dados.

**Tabela 2** – Notas das atividades com textos com linguagem padrão: “Órfãos da Colheita”

<b>Notas</b>	<b>&gt; 60</b>	<b>60 e 70</b>	<b>71 e 80</b>	<b>81 e 90</b>	<b>91 e 100</b>
<b>Quantidade de alunos</b>	01	19	00	02	00

Fonte: dados da pesquisa.

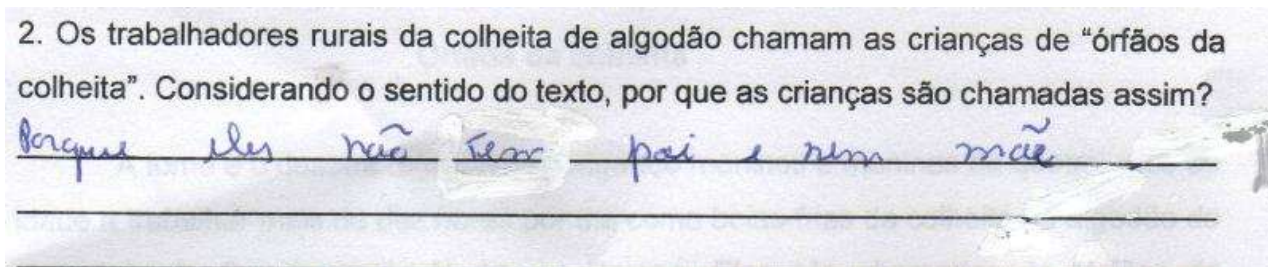
Observou-se que a Tabela 2, com as notas das atividades relativas ao texto de linguagem padrão era coerente com a Tabela 1 que se referia às médias de Língua Portuguesa coletadas na secretaria da escola. Dos 22 alunos da turma, 19 deles tiveram nota entre 60 e 70. O que confirmava que o conceito da maioria dos alunos continuava regular, conforme demonstração do quadro 3.

Destacou-se aqui, algumas observações feitas através das respostas dos alunos nas atividades do texto de linguagem padrão: “Órfãos da Colheita”.

Pôde-se observar que os alunos estavam agitados e impacientes ao fazerem as leituras impressas, o que dificultava a apreensão das ideias contidas nos textos e conseqüentemente, colocando em dúvida os argumentos e a veracidade utilizados nas respostas das atividades. Esse comportamento poderia ser atribuído ao fato de eles não terem interesse por textos tradicionais ou textos que não fossem do seu cotidiano virtual.

Observou-se também, que a linguagem das respostas dos alunos utilizada nas atividades do texto 1, “Órfãos da Colheita”, era a linguagem coloquial, basicamente oral e simplificada e com abreviações, frases curtas e algumas com sentido incompleto.

Pode-se observar no exemplo abaixo, a resposta de um dos adolescentes à pergunta nº 2 da atividade com linguagem padrão: “Órfãos da Colheita”.



**Figura 1** – Aluno Caíque de S. (14 anos)  
Fonte: dados da pesquisa.

Nota-se que o aluno cometeu falha de ortografia (eles tem) e elaborou uma resposta curta e com sentido incompleto. Assim, entendeu-se que o aluno não possuía domínio ortográfico, não tinha facilidade de entendimento e de elaboração de frases, comprometendo a coerência e a legitimidade da resposta dada.

O perfil de competências em língua portuguesa que o aluno apresentou não é o suficiente para o desenvolvimento de expressões comunicativas, ideias ou outros textos, ou seja, as habilidades, nomeadas de “competências linguísticas”.

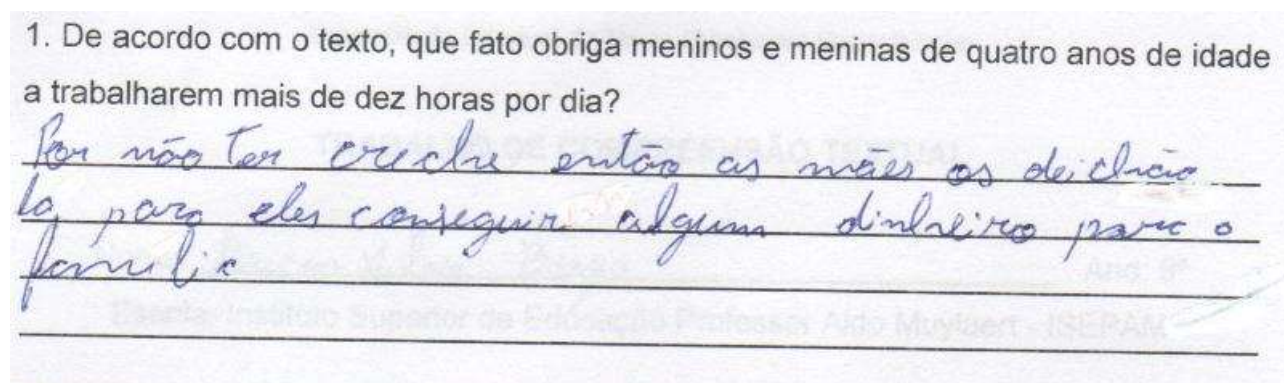
Conforme Travaglia (1997, p. 17), a “competência linguística” é a capacidade que todo o usuário da língua tem de gerar sequências próprias e típicas da língua e é o que, também, Chomsky chama de “criatividade linguística”, ou seja, “competência linguística” é a capacidade de gerar um número infinito de frases gramaticais.

O falante da língua deve também, possuir a “competência textual” que é a capacidade de produzir e compreender textos. Sendo assim, partindo da “competência linguística” e da “competência textual”, o falante abarca as capacidades necessárias para desenvolver a “competência comunicativa”. Portanto, “competência comunicativa” é a capacidade de o falante empregar adequadamente a língua nas diversas situações de comunicação.

No entanto, observou-se que a resposta do aluno possui sentido incompleto, demonstrando assim, a falta de domínio na escrita, provavelmente por não possuir um

vocabulário mais amplo e por não saber desenvolver bem as ideias para elaborar corretamente as frases.

Numa outra pergunta, outro adolescente demonstrou não apreender a ideia do texto, portanto não constituiu uma resposta coerente.



**Figura 2** – Aluno Luiz P. (15 anos)

Fonte: dados da pesquisa.

A resposta do exemplo na figura 3, além de incorreta, apresentou falta de coesão, ex.: Lá – onde?, Eles - quem? Observou-se, também, enganos de concordância verbal (*Por não ter creche... – Por não terem creche... eles conseguem...-eles conseguirem.*); de concordância nominal (... o família – a família); de acentuação gráfica (*la – lá, família - família*); de ortografia (*deichão – deixam = aqui destacam-se dois erros muito próximos: ‘ch’ e ‘ão’*).

Além das falhas gramaticais, pôde-se deduzir também, que faltou habilidade em compreender as ideias inferidas do texto e, conseqüentemente, houve dificuldade em recriá-las e argumentá-las na elaboração das respostas.

Observou-se também, com algumas reincidências, a troca de letras como: *pençar* (*pensar*), *encino* (*ensino*), *facer* (*fazer*), *fasso* (*faço*). Estes deslizes não são erros atribuídos à escrita das redes virtuais, mas sim à falta de domínio de ortografia.

Diante do exposto, para que o aluno adquira as devidas capacidades e competências necessárias para uma boa comunicação o professor deverá partir-se, preferencialmente, de situações cotidianas vivenciadas pelo aluno, cuja mobilização de redação ou produção da linguagem seja voltada para a realidade destes discentes, de modo a descobrir e a integrar

novas noções a fim de desenvolver uma profunda compreensão dos conceitos e princípios da língua; ser capaz de apreender as ideias e comunicar com clareza; reconhecer as aplicações das diversas linguagens no mundo que os rodeia e expressar-se corretamente.

É importante lembrar que para construir ou entender um texto não basta apenas saber as normas gramaticais conforme afirma Antunes (2009). Muitos professores de língua portuguesa demonstram grande preocupação em ensinar gramática, atribuindo a ela toda e única forma para enfrentar os desafios de uma ação interativa. Estes professores fixam no ensino da gramática esquecendo-se de que tão importante quanto à gramática de uma língua é também o seu léxico, ou seja, um extenso conjunto de palavras à disposição dos falantes para a construção do sentido dos enunciados. Como unidades de sentido, as palavras são organizadas e combinadas sequencialmente conforme as regras previstas pela gramática, de forma coesa e coerente se materializando e permitindo ao texto significados que podem ser reconhecidos pelos usuários da língua. Para isso, as atividades são trabalhadas não só para a construção dos conceitos, mas também para instigar no aluno o desenvolvimento das habilidades expressivas com fins comunicativos.

Segundo Antunes (2009, p. 55): “O docente deve levar o aluno a desenvolver, conhecimento de mundo; o conhecimento das normas de textualização; e o conhecimento das normas sociais de uso da língua”. Para isso, é necessário que seja trazido para o ambiente de estudo, situações do cotidiano que componham a realidade do aluno e sejam trabalhadas a interpretação, a simulação, a imaginação, a projeção, a reescrita e demais atividades capazes de desenvolver as capacidades fundamentais que lhe permitam aplicar os seus conhecimentos a novas e diversas situações de comunicação.

No exemplo abaixo, apresenta-se as notas da segunda atividade com um texto com linguagem virtual. Neste texto a linguagem foge das características da linguagem padrão, predominando a linguagem utilizada pelos internautas, chamada de *Internetês*. Nesta atividade eles responderam questões relacionadas à linguagem utilizada nas redes sociais; às diferenças linguísticas em ambientes virtuais e ambientes reais; e à diferença na escrita virtual e disseram perceber essa diferença nos diferentes ambientes.

**Tabela 3** – Notas das atividades com texto com linguagem digital - “Papu Kabessa”

<b>Notas</b>	<b>&gt; 60</b>	<b>60 e 70</b>	<b>71 e 80</b>	<b>81 e 90</b>	<b>91 e 100</b>
<b>Quantidade de alunos</b>	03	08	04	05	02

Fonte: dados da pesquisa.

De acordo com a Tabela 3 de notas da segunda atividade “Papu Kabessa” (texto informal ou texto de linguagem digital), observou-se que o desempenho dos alunos foi melhor do que no texto anterior, 50% dos alunos tiveram nota maior que 70, destacando-se o conceito bom.

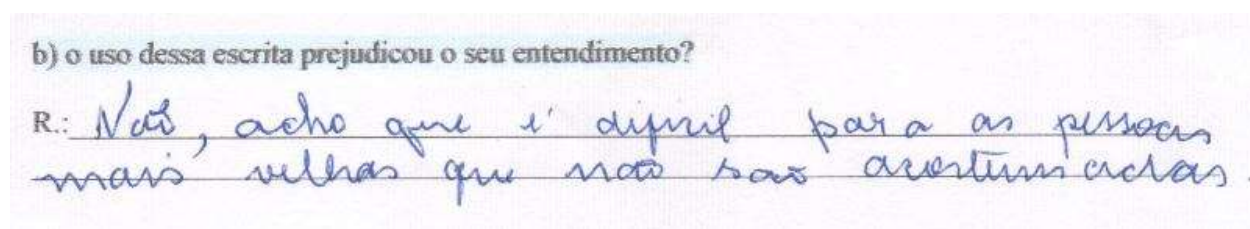
As respostas continuaram a apresentar comentários breves e pouco elaborados. Os textos elaborados nas respostas podem ser vistos como demasiadamente simples, mas já se pode notar que eles estavam mais motivados pelo trabalho, o que se fez deduzir que fosse pelo fato de se tratar de um texto contendo uma linguagem já conhecida por eles nos ambientes virtuais.

Observou-se que esta atividade trabalhada com o texto de escrita do ciberespaço foi desenvolvida muito rapidamente em comparação com a outra atividade com o texto “Órfãos da Colheita”, e assim permite-se concluir que a motivação trazida pela linguagem digital foi importante para que os estudantes participassem satisfatoriamente do trabalho proposto.

De acordo com as observações mencionadas, percebeu-se que os alunos, apesar de bastante familiarizados com as tecnologias, não tinham conhecimento dos significados dos termos utilizados no dia a dia por usuários digitais, como por exemplo: hacker, homepage, website, ou seja, eles vivem num espaço onde aprenderam a utilizar o computador, conectavam à internet, acessavam às redes quase que mecanicamente, porque aprenderam assim em algum momento, mas não tomaram conhecimento dos passos seguidos para estas atividades. Clicavam nas palavras, mas não sabiam seus significados, no entanto eram limitados a apenas entrar nas redes sociais, buscar vídeos, músicas, mas não aprenderam a aproveitar o mais valioso para o seu conhecimento que era saber utilizar os diversos recursos disponibilizados pelas TIC's.

Quando perguntado a que grupo pertencem as pessoas que utilizam certos vocábulos contidos no texto, como “ksa” e “vc”, a maioria dos alunos respondeu que este vocabulário é utilizado por jovens e adolescentes e alguns, poucos, disseram que são dos internautas. Isso demonstra que para eles, este tipo de linguagem é uma linguagem comum aos jovens e adolescentes não se atentando que estes são termos do mundo virtual.

Foi questionado também, se o uso dessa escrita prejudicava o entendimento na leitura. E vários responderam que não era difícil para quem já estava acostumado a escrever desta forma, e alguns acrescentaram, conforme a resposta b da questão 2, que deveria ser difícil para as pessoas mais velhas que não se comunicavam desta forma, como pode ser visto no exemplo a seguir:

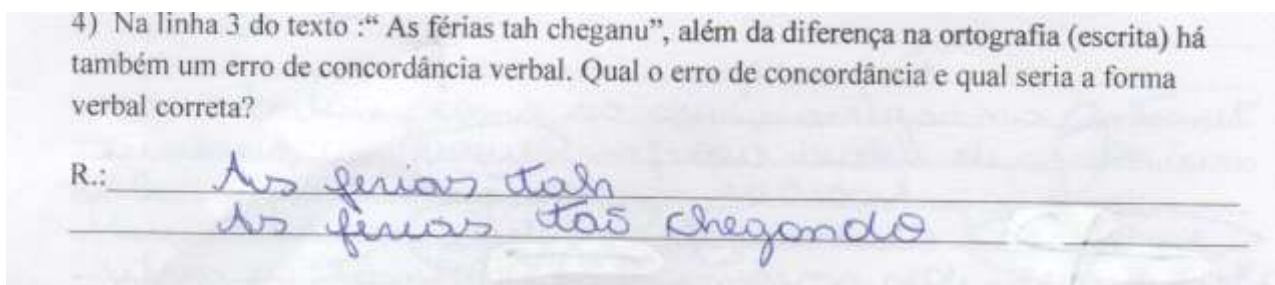


**Figura 3** – Aluno Valdeci P. (14 anos)

Fonte: dados da pesquisa.

Mais uma vez, demonstraram não entender que a diferença na linguagem está no fato de os jovens utilizarem esta modalidade na *Internet* e os mais velhos, por não usarem a *Internet* com muita frequência não estão muito acostumados com esse tipo de linguagem. Pôde-se perceber também, neste item, que pode haver uma leve discriminação dos jovens com relação aos adultos, uma vez que pensam que os mais velhos não pertencem a este “mundo” em que eles vivem, por não utilizarem a mesma linguagem.

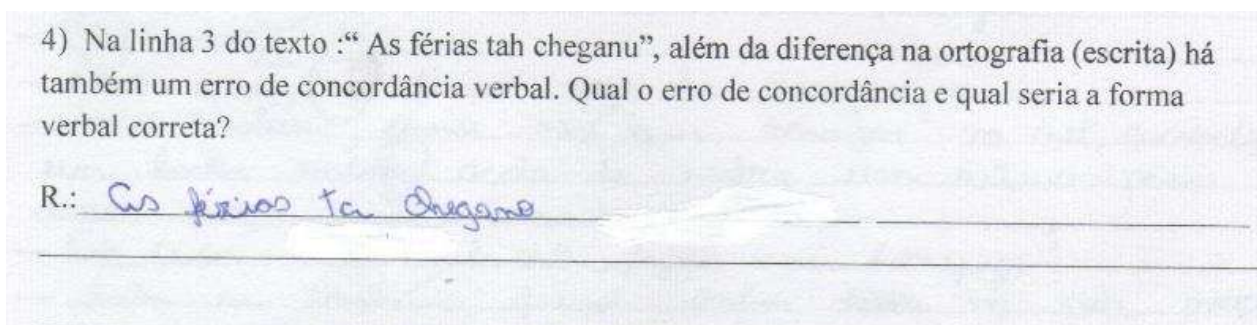
Ao perguntar a forma correta de uma oração escrita no *Internetês*: “*As férias tah cheganu*”, poucos souberam responder. Vejam nos exemplos abaixo, três respostas com diferentes tipos de falhas, confirmando a predominância da escrita virtual e a falta de domínio da escrita na norma padrão:



**Figura 4** – Aluna Rosali T. (16 anos)

Fonte: dados da pesquisa.

Na resposta apresentada na Figura 5, a aluna parecia entender de concordância verbal, mas registrou sua escrita na linguagem digital, demonstrando ainda não entender em que situação usar cada tipo de linguagem.



**Figura 5** – Aluno Yago C. (14 anos)

Fonte: dados da pesquisa.

A Figura 6, o aluno apresenta uma resposta com enganos de concordância e ao mesmo tempo abreviada, uma característica da linguagem digital. Observou-se que o aluno Yuri, encontrava-se completamente desorientado entre a linguagem padrão e a linguagem digital.



4) Na linha 3 do texto :“ As férias tah cheganu”, além da diferença na ortografia (escrita) há também um erro de concordância verbal. Qual o erro de concordância e qual seria a forma verbal correta?

R.: O jeito de escrever é: “As férias está chegando”

**Figura 6** – Aluna Talita C. (15 anos)

Fonte: dados da pesquisa

Na resposta da aluna Tatiana, na Figura 7, houve falha de concordância, mas ela não confundiu as duas formas de escrita (digital e padrão).

Pôde-se observar também, que os três alunos apresentaram respostas incompletas, uma vez que a pergunta esperava duas respostas: “Qual o erro de concordância?” e “Qual seria a forma verbal correta?”, além destes três alunos citados, todos os outros, restantes da turma só responderam a segunda parte da questão.

Na última questão aplicada, pediu-se que reescrevesse o texto com linguagem digital na linguagem padrão, e verificou-se que a maioria deles reescreveu o texto repetindo as mesmas palavras do texto digital, conforme pôde ser constatado no exemplo da figura abaixo:

9) Você poderia reescrever o trecho abaixo numa linguagem padrão?

- \_\_\_ Sei naum, to cm nota bxa em português
- \_\_\_ lh ferro
- \_\_\_ Axu q vo ficah em recuperassaum
- \_\_\_ Mas tb, c so ke navegah na net, cuidado, um hacker mafioso akaba de soutar um vírus p atacar programas no Brasil.
- \_\_\_ Vo criar meu web site, fazer m homepage
- \_\_\_ uhm eu tb quero entrar na rede mas vem aki em ksa q eu estudu ctg
- \_\_\_ Lgl!
- \_\_\_ Dpois a gnt aproveita pra kontah as 9dads

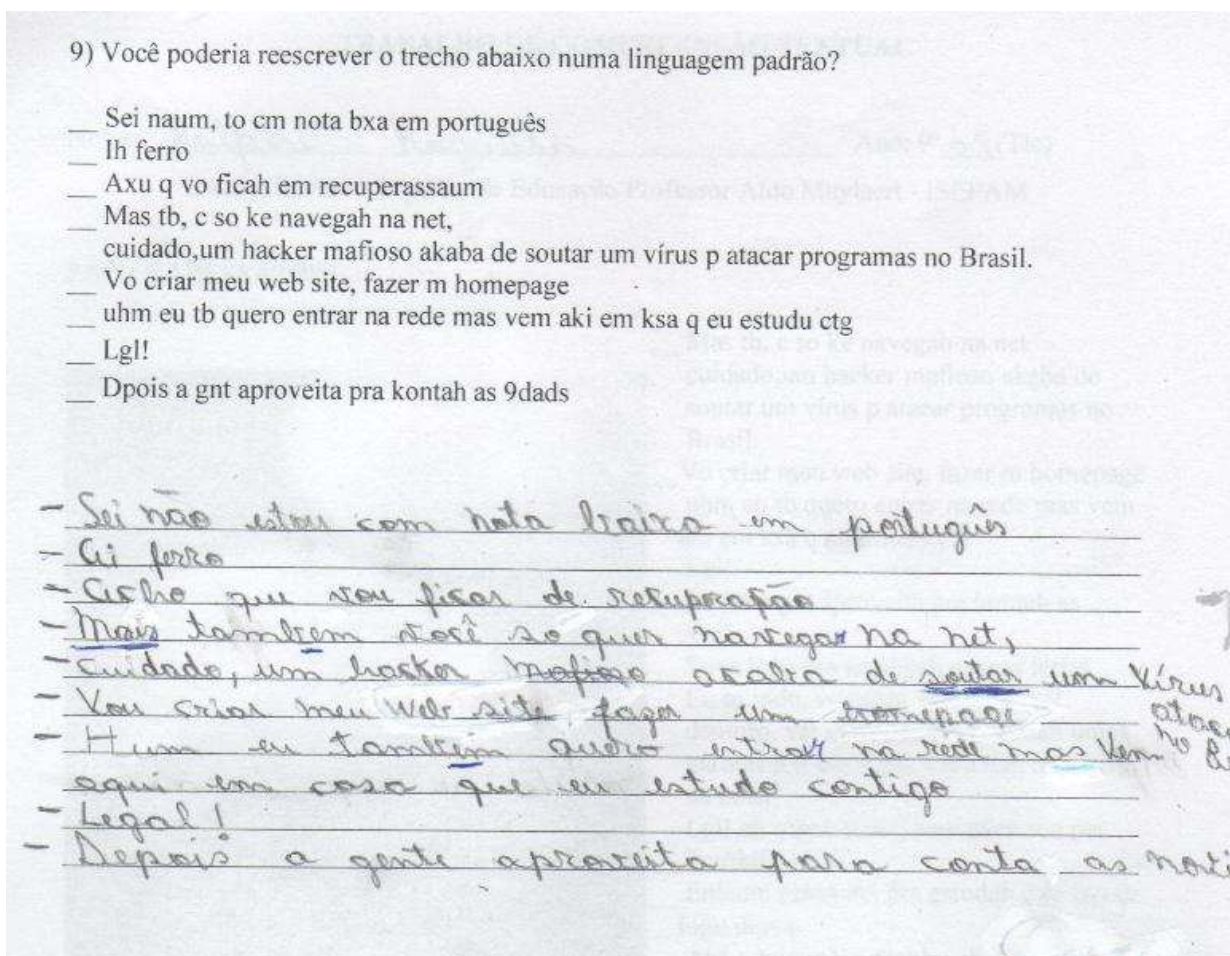
Sei naum to com nota baixa em português  
 Lh ferro  
 acho que vou ficar de recuperassaum  
 mas também, não quero navegar no internet, cuidado,  
 um hacker mafioso acaba de soutar um vírus, para atacar  
 programas no Brasil  
 Vou criar meu web site, fazer meus homepage  
 uhm eu também quero entrar na rede mas vem aqui em casa que  
 eu estudo contigo  
 legal!  
 Depois a gente aproveita pra contar as novidades

**Figura 7** – Aluno Luiz P. (15 anos)

Fonte: dados da pesquisa.

Mais uma vez, verificou-se a dificuldade que eles têm em discernir as variações linguísticas nos diferentes ambientes (real e virtual). Tal fato colocou-os em contradição quando afirmaram saber a diferença entre as duas linguagens e na hora da reescrita não souberam fazê-la corretamente. Eles sabiam que havia a diferença, mas não sabiam qual a forma padrão da escrita, usando a linguagem digital também fora das redes, havendo aí uma confusão entre as duas linguagens, o que demonstrou que o aluno não conseguia se situar e não sabia distinguir qual linguagem usar em cada situação. Notou-se também, que os deslizos na ortografia e na concordância continuaram: *soutar* (*soltar*), *acabo* (*acabou*), *contigo* (*com você*).

Contudo, alguns conseguiram fazer a distinção entre as duas linguagens, como no exemplo da figura 9, mas percebeu-se que cometeram, também, erros na forma padrão da escrita, como se observa no quadro abaixo: *mais (mas)*, *tambem (também)*, *so (só)*, *soltar (soltar)*, *conta (contar)*.



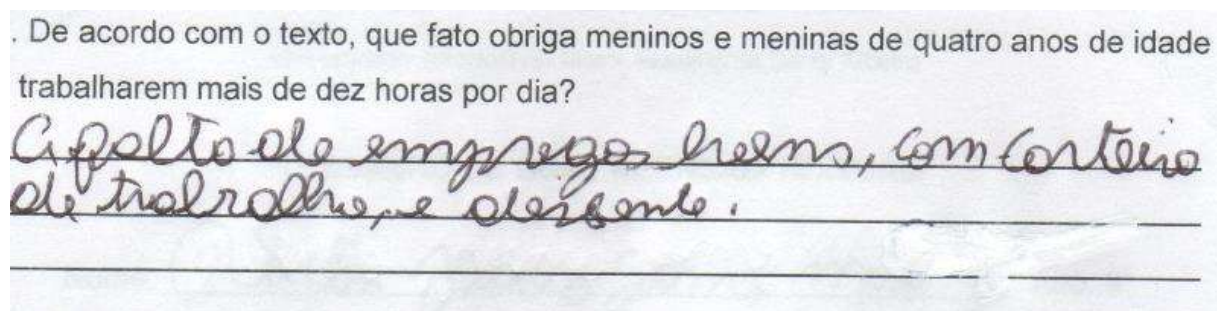
**Figura 8** – Aluno Rony M. (16 anos)

Fonte: dados da pesquisa.

Apesar dos diferentes enganos observados nas atividades dos alunos, não se pode afirmar que a linguagem do *Internetês* possa ser considerada um erro da Língua Portuguesa. Ressalta-se aqui, a importância de uma reflexão do professor no sentido de conscientizar-se sobre a necessidade de desenvolver uma prática pedagógica focada em gêneros textuais, apontando as diferenças da linguagem padrão e a linguagem digital, esclarecendo que cada linguagem deve se adequar aos ambientes que lhes são próprios.

Deve-se também, destacar o ponto negativo do *Internetês*, uma vez que o uso frequente desta prática pode colocar em risco a escrita padrão e informar ao aluno sobre a necessidade de atentar para a diferença entre as duas linguagens e onde usá-las. Para isso, o professor deve conduzir o aluno ao entendimento de que cada gênero possui um formato específico de acordo com sua função e meio de circulação, e que o *Internetês* é uma linguagem para ser usada nas redes sociais e não fora deste contexto.

É oportuno também, destacar que a maioria dos alunos participantes possui uma caligrafia ruim ou quase incompreensível. Observe o exemplo abaixo:



**Figura 9** – Caligrafia do aluno Vinícius H. (16 anos)

Fonte: dados da pesquisa.

Esta característica poderia ser atribuída ao fato de eles escreverem pouco à mão e usarem mais a escrita digital. Atraídos pelos computadores, onde a escrita não tem os rigores das regras gramaticais, crianças e jovens tendem a exercitar pouco a letra cursiva. Desta forma, a escrita pode se tornar um tormento, tanto para quem escreve, quanto para quem lê.

Diante de tantos fatores em destaque, retornamos ao ponto relevante de nossa pesquisa, ou seja, saber como as TIC's contribuem para a aprendizagem destes alunos no contexto da língua portuguesa.

O fato de os alunos utilizarem as novas tecnologias e acessarem a *Internet*, onde possam ler e escrever através das redes sociais, não fomenta mais ou fomenta menos a aprendizagem da língua portuguesa. O que se pode perceber é que os alunos estão vivendo dois mundos diferentes de aprendizagem: um mundo no ambiente escolar, onde ainda, permanece o ensino tradicional, com antigas metodologias e ferramentas, como vídeos,

Xerox, mapas, quadro e giz ou pincel atômico e com imposições de regras, exercícios ferrenhos e teorias, que para estes sujeitos que habitam as redes, são ultrapassadas e “chatas”; e outro mundo fora da escola, onde naturalmente se encontram inseridos numa sociedade que exige deles o aprendizado de uma nova linguagem que pode considerar adequada para a comunicação das redes, pois é mais rápida e ocupa menos espaço na tela do computador e ao mesmo tempo sem exigências, onde se pode expressar livremente entendendo e se fazendo entender sem que sejam cobradas normas, nem que sejam expostos a avaliações.

Diante destas constatações podemos acreditar que a tecnologia não irá abolir as normas gramaticais da Língua Portuguesa, ou a escrita na norma padrão. O emprego de uma diferente linguagem nas redes sociais não parece consistir em erro ou registro deturpado da língua, uma vez que há interação e entendimento entre os adolescentes através dos usos e práticas sociais relacionados a essa escrita (BARRÉ-DE MINAC, 2003). Sendo assim, o *Internetês* pode ser entendido como uma opção de uso da língua escrita, onde a liberdade e a falta de regras surgem livremente no decorrer das interações virtuais e não uma ameaça que afetaria o uso da linguagem escrita em sua forma padrão nos demais contextos sociocomunicativos.

Todavia, tais preocupações colocam-nos diante da necessidade de uma reflexão sobre a importância do compromisso da instituição escolar e do papel do professor comprometido com o ensino de qualidade, consciente de um trabalho inovador que possa sanar as dúvidas e refletir sobre a variação linguística em função do gênero que se precisa produzir, mediante uma necessidade sociocomunicativa.

## CONCLUSÕES

Sabe-se que o uso das TIC's em sala de aula ainda é deficiente, o que é muito preocupante diante da presença e influência que estas têm hoje no cotidiano social, mas, por outro lado, sabe-se também que estas TIC's poderiam ser utilizadas de forma mais pedagógica como ferramenta de aprendizagem em sala de aula e não apenas como mais uma ferramenta usada de forma aleatória. Neste sentido, o objetivo deste estudo foi verificar como o uso das TIC's poderia influenciar no ensino-aprendizagem dos alunos que estão em contato permanente com as linguagens derivadas da informática e dos meios de comunicação de rede, abordando ainda, algumas reflexões em torno da prática pedagógica, do uso das novas tecnologias em sala de aula e da aprendizagem, como elementos essenciais na construção do conhecimento.

Através dos resultados desta pesquisa, pôde-se perceber que o aluno, fora do ambiente escolar, está fazendo uso das TIC's nas mais diversas modalidades, como o *Facebook*, o *Youtube*, o *MSN*, os *Games*, e chega à escola automotivado à aprendizagem, através de mídias e isso deve ser aproveitado para o trabalho do professor, sendo necessário que este se atente para essas práticas, capacite-se e utilize essas ferramentas como facilitadoras da aprendizagem do educando. Se a escola e o professor não se apropriarem desta oportunidade de trabalhar com o aluno dentro do que ele já está usando na escrita, na leitura e no pensamento abstrato, vão ficar fora da realidade de vida de seu aluno. Desta forma, o docente perde uma boa chance de capturar a atenção de seus alunos, naturalmente interessados pelas novidades tecnológicas. E se a escola não atentar para essa situação, correrá o risco de verem seus professores “falando para as paredes”, pois os alunos da “geração Y” e “Z”, também chamados de “Geração Mídia”, são muito diferentes da geração anterior, querem aprender pela experimentação, pelo dinamismo e pelo entusiasmo. Eles são dinâmicos, “antenados” e familiarizados com as diversas tecnologias, afinal, já crescem navegando na internet, realizando as mais diversas pesquisas de seus interesses. Eles estão em busca de desafios, aventuras e novas descobertas. Querem satisfazer suas curiosidades através da experimentação e se mostram insatisfeitos com a monotonia da

escola. Acham as aulas chatas e desinteressantes e, conseqüentemente, acabam, por muitas vezes, provocando indisciplina em sala de aula.

Através dos questionários aplicados, pudemos apreender que os docentes participantes da fase exploratória de nossa pesquisa viam-se imersos num mundo novo e cheio de desafios. Demonstraram uma inquietação em relação às suas práticas pedagógicas e as modificações sofridas pelo cotidiano escolar, mas não sabiam como agir. Salientaram a dificuldade em acompanhar as transformações advindas com o uso das novas linguagens e reconheceram a falta de uma formação para o uso dessas tecnologias, o que os colocou “à margem” do que se passa na realidade social. Essas transformações anunciadas na atualidade pelos diversos setores sociais, como na economia, na política, na publicidade e outros, são, certamente, fatos distintos daqueles vivenciados pelo professor na escola, pois se observa uma falta de “conectividade” entre o desenvolvimento da sociedade e sua organização e o desenvolvimento da organização do sistema escolar.

A partir dos dados analisados, viu-se a grande necessidade de a escola inserir-se no mundo tecnológico, de forma mais aberta a mudanças e a adaptações para uma nova educação.

Conforme afirmações de Araújo e Costa (2007, p.32), do mesmo modo que a escola tem investido em certas ações com implementações de estruturas textuais de gêneros impressos, vistas como necessárias, (por exemplo, a carta, o bilhete e o telegrama), “é importante que a escola também se abra à reflexão não só da composição textual dos gêneros digitais, mas também de seu funcionamento, fato que lhe permitirá avançar no estudo da língua como um meio de interação humana”. Assim, é válido pensar que desejar um ensino de qualidade e que atenda as necessidades do mundo tecnológico implica refletir em novas formas de ensinar. É preciso que o professor atente para uma nova postura, tornando-se um mediador, “coordenador de roteiros seguros e eficientes para a construção do conhecimento do aluno-navegante” (PINHEIRO, 2005, p. 146).

O que se observou, também, através da pesquisa é que as TIC's não estão sendo utilizadas para o ensino da língua portuguesa, ou seja, o docente não está sabendo *linkar* o ensino à realidade dos seus alunos, deixando-os à *mercê* de um aprendizado deficiente. Os alunos têm em mãos os instrumentos com reais capacidades de uso para o mundo atual que

podem ser considerados como oportunidades oferecidas por eles próprios como potencialidades de busca do conhecimento. Estes são fatores favoráveis ao trabalho pedagógico e ao ensino em si. As aulas trabalhadas com o uso das TIC's causam mais interesse aos alunos, já que comprovadamente, considerando a pesquisa individual, ficou constatado que 73% da turma passam mais de 3 horas na rede enquanto 50% ficam até 12 horas. Supõe-se que 3 horas sejam suficientes para intercalar lazer e pesquisa.

Além disso, pôde-se perceber também, que não há aprendizagem da língua portuguesa no ambiente virtual fora da sala de aula, sem um acompanhamento específico. As TIC's só poderão contribuir para o ensino aprendizagem da língua se houver orientação do profissional pedagógico ou se houver interesse pessoal do aluno. As ferramentas, por si só, não ajudam os alunos, uma vez que estes sujeitos pesquisados só usam o computador para interesses considerados distantes aos objetivos da aprendizagem.

Sendo assim, pôde se concluir que os alunos não estavam aproveitando as TIC's, que são uma fonte imensurável de informações, para seu próprio aprendizado da Língua Portuguesa. Eles não sabiam pesquisar, expressar-se e comunicar-se com destreza. Eles não tinham orientações de especialistas, para buscar informações, pesquisar e comunicar-se na internet, mas eram capazes de aprender bem rápido como fazê-los, mesmo que não os fizessem com a qualidade desejada. Os alunos nem sempre adquirem essas habilidades e competências linguísticas, por si mesmos. Daí, a necessidade do suporte do professor, com papel muito maior de mediador do que de transmissor do conhecimento. Sugere-se uma ajuda mútua, em que os discentes possam auxiliar os professores a “lidar com a tecnologia dos computadores e da Internet”, e os professores possam ajudar os alunos a desenvolverem suas habilidades e competências necessárias, para o mundo, para a vida, para si mesmos e para que possam usar com eficiência todos estes recursos disponíveis na sociedade tecnológica, que eles já possuem e já sabem operar.

O principal desafio que o professor encontra hoje é o de descobrir novas formas de ensinar, explorando os recursos da comunicação digital para motivar o aluno à leitura e à escrita, apontando as diferenças entre as mídias, explicando a finalidade e a utilidade de cada uma, uma vez que para utilizá-las, os usuários precisam ler e escrever.



Por isso, aconselha-se que seja feito com os alunos, um trabalho de conscientização sobre os diferentes ambientes existentes, assim também das diferentes linguagens adequadas a cada um deles, sobre a importância de saber como selecionar as informações úteis aos objetivos desejados, enfim, mostrar ao aluno que bem mais do que uma ferramenta lúdica, as TIC's podem contribuir para uma aprendizagem eficaz, pois permitem trabalhar com a comunicação, utilizando os gêneros digitais, além de oferecer um espaço muito vasto de informações.

Com esses resultados ficou claro que os problemas encontrados nas novas formas de escrita nos ambientes virtuais, não comprometem o uso da linguagem padrão. O que se vê é a necessidade de se fazer um trabalho paralelo (língua digital e língua padrão) dentro das escolas e especificamente nas aulas de Língua Portuguesa com o objetivo de unirem estes dois espaços de ensino em que os alunos estão vivendo, para discutir, refletir e direcioná-los na busca do aprendizado necessário para a sua inserção neste mundo mediado pelas TIC's, como cidadão crítico e consciente de seus direitos e deveres.

Concluiu-se também, que apesar de as pesquisas revelarem que a maioria dos alunos possuía computador e celular e sabia utilizá-los, não se pode afirmar que estes fatores possam contribuir para a aprendizagem de Língua Portuguesa, já que, baseado nas atividades propostas constatou-se que o aluno sabia usar a linguagem digital, mas não possuía domínio da linguagem padrão e não sabia em que situação adequar estas duas linguagens.

Desse modo, conforme afirma Ramal (2002), é preciso refletir sobre uma mudança nos processos educacionais estabelecendo relações de objetivos instaurados pela nova cultura que surge com as ciências técnicas – *a Cibercultura* – que como todos os recursos tecnológicos criados pelo homem, têm como finalidade servir o próprio homem.

Para isso, devem ser levadas ao aluno todas as possibilidades de linguagens possíveis favoráveis ao fato em questão – *a comunicação* – sem conceituá-las como certas ou erradas. O que importa é que de qualquer forma, erradas ou não, elas propiciam a palavra-chave deste e dos próximos milênios – *a interação*. Mas, lembrando-se de que o aluno deverá saber e conhecer todas as condições e situações de uso de cada linguagem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANCHIETA, José P. de (1595), **Arte da grammatica da lingoa mais usada na costa do Brasil**, Coimbra, Antonio de Mariz, 7ª edição de 1990, com Apresentação de Carlos Drummond e Aditamentos do P. Armando Cardoso, S. J., São Paulo, Edições Loyola.

ANDRÉ, M. Uma pesquisa com os professores para avaliar a formação de professores. In: ROMANOWSKI et al. (Org.). **Conhecimento local e conhecimento universal: pesquisa, didática e ação docente**. Curitiba: Champagnat, 2004.

\_\_\_\_\_. **Etnografia da prática escolar**. São Paulo: Papirus, 2004.

ANTUNES, Irandé; **Muito Além da Gramática**. São Paulo. Parábola Editorial, 2007.

\_\_\_\_\_. Língua e cidadania: repercussões para o ensino. In: \_\_\_\_\_. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola, 2009.

ARAUJO, Júlio César Rosa de; COSTA, Nonato. Momentos Interativos de um Chat Aberto: a composição do gênero. In: ARAUJO, Júlio César (Org.) **Internet & Ensino: novos gêneros outros desafios**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

BAGNO, Marcos. **Português brasileiro?** Um convite à pesquisa. São Paulo. Ed. Parábola Editorial, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: M. Fontes, 2000.

BARRÉ-DE MINIAC, Christine. Savoir lire ET écrire dans une société donnée. **Revue Française de Linguistique Appliquée**, v. 8, p. 107-120, 2003.

BARRETO, R.G. (Org.). **Tecnologias educacionais e educação a distância: avaliando políticas e práticas**. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

\_\_\_\_\_. **Formação de professores, tecnologias e linguagens: mapeando novos e velhos (des)encontros**. São Paulo: Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_. As tecnologias na formação de professores: o discurso do MEC. **Educação & Pesquisa**, n. 30, jul./dez. 2003.

\_\_\_\_\_. **Tecnologia e Educação: Trabalho e Formação Docente**. Campinas, 2004.

\_\_\_\_\_. Política de educação à distância: a flexibilização estratégica. In: LOPES, Alice Casemiro; MACEDO, Elizabeth (Orgs.). **Políticas de currículo em múltiplos contextos**. São Paulo: Cortez, 2006. p. 187-204.

BARRETO, R. G.; LEHER, R. Trabalho docente e as reformas neoliberais. In: OLIVEIRA, D. A. (Org.). **Reformas educacionais na América Latina e os trabalhadores docentes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

BENEDITO, Joviana. Dicionário da Internet e do telemóvel. Lisboa, Centro Atlântico, 2003.

BERGER FILHO, Ruy Leite. Formação Baseada em Competências numa Concepção Inovadora para a Formação Tecnológica. In: V Congresso de Educação Tecnológica dos Países do MERCOSUL. **Anais...** Pelotas: MEC/SEMTEC/ETFPEL, 1998.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine; MICHELETTI, Guaraciaba. **Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos**. 4. ed. São Paulo: Cortez, v. 2, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural/ orientação sexual**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Linguagens, códigos e tecnologias. Brasília, 2008.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Linguagens, códigos e tecnologias. Brasília, 2010.

BRUCE D. Barry. **The medium and the message**: The adaptive use of communication media in dyadic influence. *Academy of Management Review*, 29: 272-292. BOOKS Barry, B. (2007).

CÂMARA JÚNIOR, J. Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1919. p. 1-11 e 26-31.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade**: ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas: Papirus, 2008.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo, Ed. Unesp, 2002.

COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). **Letramento Digital**: Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Belo Horizonte. Autêntica. 2005

COSCARELLI, Carla Viana (Org.). **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

COSTA, Janaína Moutinho. A leitura na era tecnológica. *Jornal Estado de Minas*, **Caderno D +**, 2007.

COULMAS, Florian. **The writing systems of the world**. Oxford, Basil Blackwell, 1991.

DEMO, Pedro. **Educação hoje**: “novas” tecnologias, pressões e oportunidades. São Paulo: Atlas, 2009.

DEWEY, John. **Vida e Educação**. São Paulo: Edições Melhoramento, 1971.

DOWBOR, Ladislau. **Tecnologias do conhecimento**: os desafios da educação. Petrópolis: Vozes, 2001. Coleção Temas Sociais.

DUBET, F. **Sociologia da experiência**. Tradução de Fernando Tomaz. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

ELIAS, Vanda Maria; KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

FAGUNDES, L.; SATO, L.; MAÇADA, D. **Aprendizes do futuro**: as inovações já começaram! Coleção Inform/Ética para a mudança na educação. Secretaria de Educação a Distância, MEC, MCT, Governo Federal, 1999. Disponível em: <[http://www.miniweb.com.br/atualidade/Tecnologia/Artigos/colecao\\_proinfo/livro03\\_aprendizes.pdf](http://www.miniweb.com.br/atualidade/Tecnologia/Artigos/colecao_proinfo/livro03_aprendizes.pdf)>. Acesso em: 18 out. 2012.

FAGUNDES, Patrícia Martins. **Desenvolvimento de competências coletivas de liderança e gestão**: uma compreensão sistêmico-complexo sobre o processo e organização grupal. Tese de Doutorado em Psicologia da PUCRS, 2007.

FREIRE, Paulo. Educação o sonho possível. In: BRANDAO, C. R. (Org.). **Educador**: vida e morte. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, Coleção Leitura, 2002.

\_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez Editora, 2000. 3256X Salão de Iniciação Científica – PUCRS, 2009.

FRÓES, J. R. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

\_\_\_\_\_. **Educação e Informática: A Relação Homem/Máquina e a Questão da Cognição.** Disponível em: <<http://www.proinfo.gov.br/biblioteca/textos/txtie4doc.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2011.

FULGÊNCIO, Lúcia; LIBERATO, Yara. **Como facilitar a leitura.** 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação.** Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 2000.

GADOTTI, Moacir. **Escola Cidadã.** 11. ed. São Paulo: Cortez, 120p. (Coleção Questões da Nossa Época, v. 24), 2006.

GARDNER, H. **Estrutura da Mente e Teoria das Inteligências Artificiais.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

\_\_\_\_\_. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática.** Porto Alegre: Artmed, 1995.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade Pessoal.** Oeiras: Celta. 1994.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

\_\_\_\_\_. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1999.

GIMENO SACRISTÁN, José Gimeno; GOMEZ PÉREZ, Assunción I. **Compreender e Transformar o Ensino.** Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1998.

GLENN, R. Morton. **Dating Adam.** 16075 Long vista Dr. Dallas, TX 75248. 2000. Phylum level evolution. Disponível em: <<http://home.entouch.net/dmd/cambevol.htm>>. Acesso em: 20 maio 2012.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GONZÁLEZ, Fernando Santamaría. Ferramentas da web para a aprendizagem colaborativa: weblogs, rdessociais, wikis, web 2.0. out. 2005. Disponível em: <[http://www.gabinetedeinformatica.net/wp15/docs/FerramentasWeb\\_port.pdf](http://www.gabinetedeinformatica.net/wp15/docs/FerramentasWeb_port.pdf)>. Acesso em: 08 out. 2008.

GUTIERREZ, F. Linguagem Total. **Uma pedagogia dos meios de comunicação.** São Paulo: Summus, 1978.

HALLIDAY, Michael K.; McINTOSH, Angus; STREVENS, Peter. **As Ciências linguísticas e o ensino de línguas.** Petrópolis: Vozes, 1974.

IDEP – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica. Disponível em: <<http://ideb.inep.gov.br/resultado/>>. Acesso em: 26 nov. 2011.

JORDÃO, Teresa Cristina. **Recursos digitais de aprendizagem**. 2009. Disponível em: <<http://tecnologiasnaeducacao.pro.br/revista/a1n1/art11.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2012.

KENZI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. São Paulo: Papirus, 2003. (Série Prática Pedagógica).

KLEIMAN, Ângela B. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 4.ed. Campinas: Pontes, 1996.

\_\_\_\_\_. Letramento e formação do professor: quais as práticas e exigências no local de trabalho? In: KLEIMAN, Ângela. B. (Org.). **A formação do Professor**. Perspectivas da Linguística Aplicada. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas. 1995.

LANDRY, Pierre. O sistema educativo rejeitará a Internet? Ou as condições para uma boa integração das mídias nos dispositivos. In: ALAVA, Séraphin (Org.). **Ciberespaço e formações abertas: rumo a novas práticas educacionais?** Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LEAL, Maria Auxiliadora da Fonseca. O ensino do português na escola atual: análise de alguns fenômenos de mudança. In: DELL' ISOLA, Regina Lucia P.; MENDES, Eliana Amarante M. (Orgs.). Reflexões sobre a língua portuguesa: ensino e pesquisa. Campinas: Pontes, 1997.

LENCASTRE, José Alberto; CHAVES, José Henrique. A imagem artística como mediadora da aprendizagem. In: DIAS, P.; FREITAS, C. (Orgs.). **Actas... III Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação – Challenges 2003 - 5º Simpósio Internacional em Informática Educativa – 5º SIIIE**. Braga: Universidade do Minho. 403-414.

LÉVY, Pierre. **A ideografia dinâmica: rumo a uma imaginação artificial?** São Paulo: Loyola, 1998.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. A escola com que sonhamos é aquela que assegura a todos a formação cultural e científica para a vida pessoal, profissional e cidadã. In: COSTA, Marisa W. (Org.). **A escola tem futuro?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

- LUCCIO, Flavia Di; NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. **Escritores de blogs: interagindo com os leitores ou apenas ouvindo ecos?** *Psicol. cienc. prof.*, v. 27, n. 4, p. 664-679, 2007.
- MACEDO, L. Os jogos e sua importância na escola. In: MACEDO, Lino de; MALUF, Ângela Cristina Munhoz. **Brincar: prazer e aprendizado**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2009.
- MATTA, Alfredo Eurico Rodrigues. A EaD nos países de língua portuguesa. In: **Educação a Distância – o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.
- MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing: metodologia, planejamento, execução, análise**. São Paulo: Atlas, 1994.
- MATTAR, João. Interatividade e aprendizagem. In: **Educação a Distância – o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.
- MATTOSO J. Câmara Jr. **Princípios de Linguística Geral**, 4<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica. Teoria da Análise Léxica. Rio de Janeiro, Aquarone, 1956. Gramática, 3<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup> séries. Rio de Janeiro, Briguiet, 1956. Dicionário de Linguística e Gramática. Petrópolis, Vozes, 1977. Elementos da Língua Pátria, 2<sup>a</sup> ed., 4 vols. Rio de Janeiro, Briguiet, 1938. Noções de Estilística. In Littera, Rio de Janeiro, Grifo.
- MATURANA, Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte, UFMG, 2001.
- MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. **Formação docente e novas tecnologias**. IV Congresso Iberoamericano de Informática na Educação, Brasília, Distrito Federal, 1998. Disponível em: <<http://www.cedu.ufal.br/projetos/Internet/brasiliadef.htm>>. Acesso em: 27 set. 2011.
- MORAN, José Manuel. A contribuição das tecnologias para uma educação inovadora. Contrapontos. **Revista de Educação da Universidade do Vale do Itajaí**, v. 4, n. 2, maio/ago. 2004. p. 347-356.

\_\_\_\_\_. **A Educação que desejamos, Novos desafios e como chegar lá.** Campinas, SP. Papyrus, 2007.

MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** Campinas, SP: Papyrus, 2000. 133p.

MORAN, José Manuel; MASSETO, José Manuel; BEHRENS, M. A.. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** 16. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2009. (Coleção Papyrus Educação). Disponível em: <<http://www.uca.gov.br/institucional/noticiasLei12249.jsp>>. Acesso em: 07 nov. 2010.

MORIN, Edgar. A integração cultural. In: **Cultura de Massas no século XX: o espírito do tempo** – Neurose. Rio de Janeiro: Forense, 1984.

Orlandi, E. P. **Língua e conhecimento linguístico.** São Paulo, Cortez. 2002.

PAGOTTO, Emilio Gozze. Sociolinguística. In: NUNES, José Horta; PFEIFFER, Cláudia Castellanos (Orgs.). **Introdução às Ciências da Linguagem** – Linguagem, História e Conhecimento. Campinas: Pontes, 2006, p.49-72.

PAPERT, Seymour. **A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

\_\_\_\_\_. **A Integração das Tecnologias na Educação.** São Paulo, 1995.

PAULINO, Graça. et al. **Tipos de texto, modos de leitura.** Belo Horizonte: Formato, 2001.

PÉREZ GÓMEZ, A. I. As Funções Sociais da Escola: da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência. In: GIMENO SACRISTÁN, J.; PÉREZ GÓMEZ, A. I. **Compreender e Transformar o Ensino.** 4 ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

PERRENOUD, P. **Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza.** Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

\_\_\_\_\_. **Dez novas competências para ensinar.** Porto Alegre : Artmed .2000.

PFROMM NETTO, Samuel. **Telas que ensinam: mídia e aprendizagem: do cinema ao computador.** Campinas: Alínea, 1998.

PIAGET, Jean. **A tomada de consciência.** Tradução por Edson Braga de Souza. São Paulo: Melhoramentos, 1977.

PINHEIRO, Regina Cláudia. **Estratégias de Leitura para a compreensão de Hipertextos.** In: ARAUJO, Júlio César; BIASI-RODRIGUES, Bernadete. (Orgs.).



**Interação na Internet:** novas formas de usar a linguagem. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005.

PONGELUPE, Érica Gualberto. **Informática nos cursos de Licenciatura em Matemática da Região Metropolitana de Belo Horizonte:** uso informado pelos docentes. 2004. 216 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) – Centro Federal de Educação Tecnológica, Belo Horizonte, MG, 2004.

PONTES, Felipe; MALI, Thiago; AFFARO, Victor. **A internet está deixando você mais burro?** Revista Galileu, São Paulo, n. 229, p. 38-47, 2010.

POSSENTI, Sírio. Sobre o ensino de português na escola. In: GERALDI, João Wanderley. (Org.). **O texto na sala de aula.** São Paulo: Ática, p. 32-38. 1987

PRENSKY, Marc. **Digital Natives, Digital Immigrants.** MCB University Press. 9, n. 5, out, 2001.

QUEVEDO, Angelita Gouveia; CRESCITELLI, Mercedes Fátima de Canha. **Recursos tecnológicos e ensino de língua materna e estrangeira** (a distância ou semipresencial). Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/linhadagua/images/arquivos/LD/18/quevedo2005.pdf>. Acesso em: 27 set. 2011.

RAMAL, Andréa Cecília. **Educação na cibercultura:** hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002.

\_\_\_\_\_. Vc tem medo do ICQ???? In: O Globo. **Jornal da Família**, p. 4, 2003. Disponível em: [http://www.idprojetoseducacionais.com.br/materias/medo\\_icq.pdf](http://www.idprojetoseducacionais.com.br/materias/medo_icq.pdf) >. Acesso em: 05 out. 2012.

REVISTA VEJA. **Entrevista:** A Internet transforma o seu cérebro. 12 de agosto de 2009. Edição 2125. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/120809/internet-transforma-cerebro-p-96.shtml>>. Acesso em: 05 out. 2012.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social:** métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1989.

RICKARDS, T.; JONES, L. Towards the Identification of Situational Barriers to Creative Behaviors: The Development of a Self-Report Inventory. **Creativity Research Journal**, v.4, n.4, pp.303-315, 1991.

RUBIM, A. A. C. La contemporaneidad “medieval”. **Interface \_ Comunicação, Saúde, Educação**, v. 4, n.7, p.25-36, 2000.

SACRISTAN, G. **O Currículo, uma reflexão sobre a prática.** Porto Alegre: Editora Artmed, 2000.

SANCHO, J. M. **Entretener, Enseñar, Educar? La formación Del Profesorado em La Sociedad de La Informacion**. Universidad de Barcelona.1998.

\_\_\_\_\_. A. Tecnologia: Um Modo de Transformar o Mundo Carregado de Ambivalência. In: SANCHO, J. M. (Org.). **Para Uma Tecnologia Educacional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SCHON, Donald. The Reflective Practitioner. How professionals think in action. In: GOLBY, M.; GREENWALD, J.; WEST, R. (Eds.). **Curriculum Design**. Milton Keynes. Open University Press, p. 7-19, 1983.

\_\_\_\_\_. Formar professores como profissionais reflexivos. In: **Os professores e sua formação**. De Nóvoa; Lisboa, Portugal, Dom Quixote, 1992, p.79-91.

SCHRAMM, W. **The Impact of Education Television**. Illinois: University of Illinois Press, Urbana, 1961.

SILVA NETO, S. da. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. Rio de Janeiro, Presença/MEC. 1950.

SILVA, R. V. M. **A língua e a fé: origens da escolarização em língua portuguesa no império luso**. Disponível em: <<http://www.prohpor.ufba.br/linguaefe.html>> Acesso em: 13. maio 2011.

SILVA, S. V. **Crenças relacionadas à correção de erros: um estudo realizado com dois professores de escola pública e seus alunos**. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal de Goiás, 2004.

SMALL, Gary W., **A Ciência da Longevidade: os oito passos essenciais pra manter a mente alerta e o corpo jovem**/.Gary Small com Gigi Vorgan: [Tradução Maria Inês Duque Eastrada].- Rio de Janeiro: Agir,2008.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6.ed. Porto Alegre: Artmed. 1998.

SOUZA, C. H. de. **A Informática na Educação – Um caso de Emergência**. Rio de Janeiro: Ed. Damadá,1999.

SOUZA, C. H. de. **Comunicação, Educação e Novas Tecnologias**. Campos dos Goytacazes, RJ. Editora FAFIC, 2003.

SOARES, Magda. **Linguagem e Escola – Uma Perspectiva Social**. São Paulo: Ática,1986.

\_\_\_\_\_. **Travessia:** tentativa de um discurso da ideologia. Memorial. UFMG: Belo Horizonte. (mimeo), 1991

\_\_\_\_\_. Concepções de linguagem e o ensino da Língua Portuguesa. In: BASTOS, SOARES, M. Concepções de linguagem e o ensino da Língua Portuguesa. In: BASTOS, N. B. (Org.). **Língua Portuguesa:** história, perspectivas, ensino. São Paulo: Educ, 1991.

\_\_\_\_\_. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação e Sociedade**, v. 23, n. 31, p. 143-160, dez. 2002.

SUBTIL Maria José; BELLONI, Maria Luiza. Dos audiovisuais à multimídia: análise histórica das diferentes dimensões de uso dos audiovisuais na escola. In: BELLONI, Maria Luiza (Org.). **A formação na sociedade do espetáculo**. SP: Edições Loyola, 2002.

TAJRA, Sanmya Feitosa. **Informática na educação:** novas ferramentas pedagógicas para o professor na atualidade. 8. ed. São Paulo: Érica, 1998.

\_\_\_\_\_. **Informática na Educação:** novas ferramentas pedagógicas para o professor da atualidade. 3 ed. rev. e ampl. São Paulo: Érica, 2001.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação:** uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

VALENTE, José Armando. **O computador auxiliando o processo de mudança na escola**. 1997. Disponível em: <<http://www.nte-jgs.rct-sc.br/valente.htm>>. Acesso em: 27 set. 2011.

\_\_\_\_\_. (Org.). **O computador na sociedade do conhecimento**. Nield: Campinas, 2002.

VYGOTSKY, Lev S. **Educational Psychology**. CRC Press, 1997.

\_\_\_\_\_. **The Collected Works of L. S. Vygotsky**. Springer, 1988.

XAVIER, Antônio Carlos; MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Hipertexto e Gêneros Digitais:** Novas Formas de Construção de Sentido. Rio de Janeiro, Editora Lucerna, 2004

**ANEXO 1****ROTEIRO DE ENTREVISTA**

Diretora da Escola

Escola: \_\_\_\_\_

Tel.: \_\_\_\_\_ e-mail: \_\_\_\_\_

Município : \_\_\_\_\_ UF: \_\_\_\_\_

Níveis de Ensino que a escola possui:

( ) Educação Infantil/quantidade de alunos: \_\_\_\_\_

( ) Ensino Fundamenta( 2° ao 5° ano)/ quantidade de alunos: \_\_\_\_\_

( ) Ensino Fundamental (6° ao 9° ano)/quantidade de alunos: \_\_\_\_\_

( ) Ensino Médio Regular/quantidade de alunos: \_\_\_\_\_

( ) Ensino Médio Técnico: \_\_\_\_\_/qtde de alunos: \_\_\_\_\_

( ) Ensino Superior: \_\_\_\_\_/qtde de alunos: \_\_\_\_\_

1) Quais os recursos Tecnológicos a escola possui, destinados ao uso pedagógico em todos os níveis de ensino?

( ) vídeo cassete – quantidade: \_\_\_\_\_

( ) DVDs –quantidade: \_\_\_\_\_

( ) TV – quantidade: \_\_\_\_\_

( ) Antena parabólica-quantidade: \_\_\_\_\_

( ) Rádio-quantidade: \_\_\_\_\_

( ) Gravador- quantidade: \_\_\_\_\_

( ) computadores-quantidade: \_\_\_\_\_

( ) Internet- Quantos pontos destinados ao uso pedagógico: \_\_\_\_\_

( ) Impressoras-quantidade; \_\_\_\_\_

( ) Data show-quantidade: \_\_\_\_\_

2) Dos recursos tecnológicos existentes na escola, quais os mais utilizados pelos alunos ?  
Por quê? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

3) A escola faz parte de algum projeto governamental voltado para o uso de tecnologias educacionais?

( ) Sim -Quais? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

( ) Não

4) Em sua opinião, qual a finalidade do uso das tecnologias nas escolas?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

5) Quais as principais dificuldades enfrentadas pelo professor para o uso das Tecnologias Educacionais?

R.: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

6) O que a escola oferece aos professores para que eles possam estar melhor preparados para a docência com o uso das TIC's?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

7) A escola está oferecendo um curso de Informática para os docentes, estudantes e também para a comunidade, como surgiu essa ideia e com que objetivo?

---

---

---

8) Quando divulgou o curso, como foi a repercussão por parte dos professores?\_\_\_\_\_

---

9) Dentro das suas expectativas, o que espera dessa proposta que está oferecendo aos docentes?\_\_\_\_\_

---

---

10) Qual a maior dificuldade espera encontrar no decorrer do curso?\_\_\_\_\_

---

---

Campos dos Goytacazes, Junho de 2011

**ANEXO 2****QUESTIONÁRIO PROFESSOR**

1) Nome: \_\_\_\_\_

2) Disciplina que ministra: \_\_\_\_\_

3) Séries: \_\_\_\_\_

4) Nível de formação:

( ) Magistério

( ) Curso Superior- Especificar: \_\_\_\_\_

( ) Especialização (Pós- graduação lato-senso): Especificar: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

( ) Mestrado –Especificar: \_\_\_\_\_

( ) Doutorado- Especificar: \_\_\_\_\_

5) O que seria Tecnologia |Educativa p/você?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

6) Você já realizou algum curso relacionado às Tecnologias Educacionais?

( ) Sim ( ) Não

Quais? \_\_\_\_\_

Onde? \_\_\_\_\_

Quando? \_\_\_\_\_

7) Quais as vantagens e/ou desvantagens das TIC's?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

8) Você utiliza Tecnologias Educacionais em suas aulas?

( ) sempre- 1 vez por semana

( ) às vezes – 1 vez por mês ou menos

( ) Nunca – Por quê? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

9) Quais os tipos de Tecnologias Educacionais que você utiliza para ministrar as suas aulas? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

10) Em sua opinião qual a finalidade do uso das Tecnologias Educacionais nas aulas? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

11) Quais as principais dificuldades que você encontra no uso das Tecnologias Educacionais? \_\_\_\_\_

Campos dos Goytacazes, Junho de 2001



## ANEXO 3

## QUESTIONÁRIO ALUNO

Querid@ alun@,

Muito obrigada por aceitar participar desta recolhida de dados. Este questionário não é uma prova, por isso não existe uma resposta mais certa que a outra. É apenas uma maneira que escolhemos para conhecer mais de perto o dia a dia de vocês na escola, assim como as vezes que estivemos em suas salas de aula, e assim traçar um perfil do cotidiano escolar dos alunos de Campos. Todas as suas respostas têm um grande valor para gente, e serão confidenciais, tá? Por isso, contamos com a sua máxima sinceridade.

***Dados Pessoais***

Nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino idade: \_\_\_\_\_

Nome da escola: \_\_\_\_\_ Série: \_\_\_\_\_

Email: \_\_\_\_\_

Orkut: \_\_\_\_\_

***Um pouco sobre você...***

1) Como você se descreveria como pessoa? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

2) Você faz alguma atividade física? ( ) Sim ( ) Não Qual? \_\_\_\_\_

3) Que tipo de música você gosta? \_\_\_\_\_

4) E a que você não gosta? \_\_\_\_\_

5) Qual seu artista favorito (cantor (a), jogador(a), ator, atriz, etc.)?

---

---

6) O que você faz no seu tempo livre?

---

7) Você gosta de viajar? ( ) Sim ( ) Não.

Para que lugares você já foi? \_\_\_\_\_

8) a) Qual matéria você mais gosta? \_\_\_\_\_

Porquê? \_\_\_\_\_

---

Como o professor dá essa aula e o que ele usa? \_\_\_\_\_

---

9) E a que você menos gosta? \_\_\_\_\_

Por quê? \_\_\_\_\_

Como o professor dá essa aula e o que ele usa? \_\_\_\_\_

---

---

---

10) Qual o melhor espaço da escola? \_\_\_\_\_

Por quê? \_\_\_\_\_

---

11) Você tem Celular? ( ) Sim ( ) Não

Qual a maior utilidade de seu celular?

---

---

12) Conecta internet no seu celular? ( ) Sim ( ) Não

Tira fotos? ( ) Sim ( ) Não

Envia mensagens?( ) Sim ( ) Não

13) Você sabe usar o computador? ( ) Sim ( ) Não

Para que você usa o computador?\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

14) Você tem computador em casa? ( ) Sim

( ) Não . Usa onde?\_\_\_\_\_

15) Algum professor seu usa computador para dar aulas? ( ) Sim ( ) Não

-O que vocês fazem nessas aulas com computador?\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

16) O que você acha dessas aulas no computador?\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

17) Como gostaria que o professor trabalhasse as aulas no computador?\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

---

Campos dos Goytacazes, Junho de 201

## ANEXO 4

## QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS

Querido(a) aluno(a),

Muito obrigada por aceitar participar desta recolhida de dados. Este questionário não é uma prova, por isso não existe uma resposta mais certa que a outra. É apenas uma maneira que escolhemos para conhecer mais de perto o dia a dia de vocês na escola e assim traçar um perfil do cotidiano escolar dos alunos de Campos. Todas as suas respostas têm um grande valor para a gente, e serão confidenciais, tá? Por isso, contamos com a sua máxima sinceridade.

Dados Gerais

Nome: \_\_\_\_\_ E-mail: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ série: \_\_\_\_\_ Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino –Telefone: \_\_\_\_\_

Nome da escola: \_\_\_\_\_

## PARTE 1

1. O que você faz no seu tempo livre? \_\_\_\_\_

2. Você gosta de ler? ( ) sim ( ) não

3. Que tipo de leitura você costuma fazer? ( ) jornais ( ) revistas ( ) livros ( ) outros. Dê exemplos: \_\_\_\_\_

4. Quando você lê? ( ) todo dia ( ) 1 vez por semana ( ) 1 vez por trimestre ( ) 1 vez por semestre ( ) 1 vez por ano

5. Sobre quais assuntos? \_\_\_\_\_

6. Em que formato? ( ) eletrônico ( ) impresso

7. A leitura já trouxe alguma contribuição para a sua vida escolar ou pessoal? ( ) sim ( ) não. Se sim, como? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## PARTE 2

1. Você tem cadastro em alguma rede social? ( ) sim ( ) não.

Se sim, qual(is)? \_\_\_\_\_

2. O que você entende por novas tecnologias? \_\_\_\_\_

3. O seu professor de Língua Portuguesa usa as novas tecnologias em suas aulas?

Se sim, de que maneira? \_\_\_\_\_

4. Você acha que as novas tecnologias podem ajudar no ensino de Língua Portuguesa?

( ) sim ( ) não. Se sim, como? \_\_\_\_\_

5. Você sabe usar o computador? ( ) sim ( ) não. Se sim, desde quando? \_\_\_\_\_

6. Como você aprendeu a usar o computador? \_\_\_\_\_

7. Você tem computador em casa? ( ) sim ( ) não. Se não tem, acessa em qual local? \_\_\_\_\_

8. Com que frequência você acessa a internet? ( ) todos os dias

( ) frequentemente ( ) algumas vezes ( ) raramente ( ) nunca

Quantas horas por dia? \_\_\_\_\_

9. Você usa a internet para estudar ou fazer suas tarefas da escola?

R.: \_\_\_\_\_

10. Qual a utilidade da internet para você? \_\_\_\_\_

Obrigada.

Campos dos Goytacazes, setembro de 2012

## ANEXO 5

*TRABALHO DE COMPREENSÃO TEXTUAL*

Nome: \_\_\_\_\_ Ano: 9º

**Órfãos da colheita**

A fome e o desemprego estão obrigando meninos e meninas de quatro anos de idade a trabalhar mais de dez horas por dia como boias-frias da colheita de algodão do município de Querência do Norte, no Paraná. Eles são chamados de “órfãos da colheita” pelos demais boias-frias. Trabalham sem seguro e garantias trabalhistas e vivem pendurados nas carrocerias abertas dos caminhões.

“Eles andam apertados em caminhões, sem nenhuma segurança, conduzidos por motoristas sem carteira de habilitação e, às vezes, trabalham mais do que os próprios adultos”, disse o presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Agricultura de Querência do Norte, Antônio Norberto Possi.

Os órfãos da colheita são reunidos pelos chamados “gatos”, encarregados de providenciar os trabalhadores. “Temos de levar as crianças porque as mães não têm creches onde deixar os filhos, então os meninos são obrigados a crescer nas plantações”, disse o “gato” Edvaldo Ferreira.

D.M., de seis anos, sonha em juntar dinheiro para poder ter novamente uma bicicleta. A vida de D.M. não difere da maioria dos meninos de sua região. Ele acorda às quatro horas todos os dias e segue na carroceria de um caminhão para trabalhar na colheita do algodão.

Ele acompanha a mãe, a boia-fria Marine Moura, de 35 anos. “Ele é meu protetor: chega a colher quarenta quilos de algodão por dia”, diz a mãe.

Quando tinha três anos, D.M. chegou a ter uma bicicleta. A mãe teve de vendê-la para comprar uma passagem com destino ao Paraná.

Ele não sabe o que é o Natal, nunca foi à escola. Entre os poucos prazeres que conhece, está o de tomar sorvete. Ele se alimenta diariamente de arroz e batata.

**QUESTÕES**

1. De acordo com o texto, que fato obriga meninos e meninas de quatro anos de idade a trabalharem mais de dez horas por dia?

---

---

---

---

2. Os trabalhadores rurais da colheita de algodão chamam as crianças de “órfãos da colheita”. Considerando o sentido do texto, por que as crianças são chamadas assim?

---

---

---

---

3. D. M. é uma criança de seis anos que nunca foi à escola, acorda todos os dias às quatro horas da manhã e colhe quarenta quilos de algodão por dia. Você acha isso correto? O que você acha do futuro de D. M.?

---

---

---

---

---

4. No trecho “Eles andam **apertados** em caminhões, sem nenhuma segurança...”, a palavra destacada tem o mesmo significado de:

a) sem dinheiro      b) cansados      c) sem espaço      d) tranquilo

5. Dê sua opinião sobre fatos de crianças que são submetidas a algum trabalho escravo?

---

---

---

Setembro/2012-      Muito obrigada.





1) No texto há várias palavras com características de um grupo de pessoas em especial. Que grupo de pessoas costuma usar este vocabulário?

R.: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

2) Ao ler este texto, você observou que ele é diferente de um texto comum :

a) Qual é a característica que marca esta diferença?

R.: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

b) o uso dessa escrita prejudicou o seu entendimento?

R.: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

3) Na sua opinião, as pessoas que usam essa linguagem diferente na internet não sabem o Português? Qual seria o motivo de escreverem desta maneira? Explique:

R.: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

4) Na linha 3 do texto :“ As férias tah cheganu”, além da diferença na ortografia (escrita) há também um erro de concordância verbal. Qual o erro de concordância e qual seria a forma verbal correta?

R.: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

5) O que significa a palavra “**hacker**” que está presente no texto?

R.: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

6) Dê o significado das palavras abaixo que estão contidas no texto:

---

a) web site: \_\_\_\_\_

b) Homepage: \_\_\_\_\_

c) rede: \_\_\_\_\_

d) vírus: \_\_\_\_\_

e) t+: \_\_\_\_\_

7) Algumas palavras são terminadas com “h”, como por exemplo: tah, navegh, kontah, você saberia explicar a razão?

R.: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

8) Quais outros recursos usados na internet que você conhece? E servem pra quê?

R.: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

9) Você poderia reescrever o trecho abaixo numa linguagem padrão?

\_\_ Sei naum, to cm nota bxa em português

\_\_ Ih ferro

\_\_ Axu q vo ficah em recuperassaum

\_\_ Mas tb, c so ke navegah na net,

cuidado,um hacker mafioso akaba de soutar um vírus p atacar programas no Brasil.

\_\_ Vo criar meu web site, fazer m homepage

\_\_ uhm eu tb quero entrar na rede mas vem aki em ksa q eu estudu ctg

\_\_ Lgl!

\_\_ Dpois a gnt aproveita pra kontah as 9dads

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

---

---

---

---

---

Campos, Setembro 2012.

Obrigada!